

**Paul Gibier**

## **Análise das Coisas**

*(Fisiologia Transcendente)*

**Ensaio sobre a Ciência Futura e sua influência  
certa sobre as religiões, ciências e artes**

**Traduzido do Francês  
Analyse des choses  
Paris - 1890**



**Monet  
A Floresta**

## Conteúdo resumido

Nesta obra, Paul Gibier procura demonstrar a existência, no ser humano, de um princípio intelectual consciente e individual, que independe e sobrevive à destruição do seu corpo material.

Baseado em seus conhecimentos médicos e na análise do Universo (Macrocosmo) e do ser humano (Microcosmo), o autor objetiva demonstrar, especialmente através da hipnose e dos fenômenos mediúnicos, a ação do Espírito – centro da vida – como agente organizador da matéria.

A presente obra é a continuação natural da obra anterior de Gibier, *O Espiritismo (faquirismo ocidental)*.

Nesta primeira obra o autor expôs as origens do Espiritismo e as investigações dos grandes pesquisadores dos fenômenos psíquicos, além de seus próprios experimentos.

Já no presente trabalho, alicerçado em anos de pesquisas, Gibier, além de expor novos fenômenos psíquicos de importância, extrai, da sua experiência no assunto, importantes deduções filosóficas e morais acerca da nova Ciência do Espírito.

<http://www.autoresespiritasclassicos.com/>

## Prefácio do tradutor

Cada vez que uma grande revelação se apresenta no domínio das ciências, o descobridor ou o iniciado vê logo coligados os supostos depositários da lei divina e os intitulados oráculos dos conhecimentos vulgares ou ciência oficial, em guerra aberta contra o que chamam inovações. Ridicularizada e proscrita, só muito mais tarde é que a Verdade penetra na cidadela dos idólatras das idéias aceitas.

Os estudos de psicologia anormal têm valido perseguições e calúnias a muitos homens notáveis. Não importa; Galileu, o *ímpio*, que se retratou; Galileu, o escarnecido; Lamarck, o *caduco*, insultado por Bonaparte; Salomon de Caulx e Fulton, os *doidos*; Eliotson, *prostituidor* da Ciência; centenas de outros estão hoje todos inscritos na galeria dos gênios. As inovações que eles trouxeram são hoje ensinadas por professores pagos em universidades e academias. Os sábios da atualidade lamentam, em retórica subvencionada, a cegueira dos sábios do passado, ao mesmo tempo em que não enxergam os adiantados do presente.

Entre os cientistas modernos, cujos estudos têm batido como catapultas as muralhas do materialismo oficial e do espiritualismo sacerdotal, entre os Robert Hare, Crookes, Wallace, Boutle-row, Zöllner e muitos outros, avulta o Dr. Paul Gibier. Seus dois livros, especialmente este, são resultado de experiências pessoais levadas a cabo com o rigor dos métodos positivos, com a competência do médico distinto e bacteriologista muito ilustre.

Entre os seus notáveis trabalhos, que constam nos anais da Academia de Ciências, de 1882 a 1884, conta-se a descoberta do micróbio da raiva, que concorreu para a celebridade deste predileto discípulo de Pasteur. À sua memória sobre a hidrofobia e seu tratamento, a Faculdade Médica de Paris concedeu a mais elevada recompensa que se pode dar às teses (1884).

Quando, com semelhante capacidade de observador, alguém declara, como ele, que observou um fenômeno centenas de vezes, devemos acreditá-lo.

“Só depois de ter observado o fenômeno da *escrita direta* pelo menos *quinhetas* vezes foi que me decidi a publicar as minhas investigações. Além disso, já me havia fixado absolutamente a respeito de muitos fatos da mesma natureza e muito mais extraordinários em aparência.”

Para que dizer mais?

Outro mestre do Dr. Gibier, o famoso Dr. Vulpian, reconhecendo a capacidade e o talento do autor deste livro, quis, entretanto, induzi-lo a abandonar os estudos do assunto que denominou “escabroso” e afirmou que só havia trapaça e fraude, e nada existia realmente. O descobridor do micróbio do pênfigo agudo lembrou ao “seu caro mestre” que ele havia negado também a existência do micróbio da tuberculose quando fora descoberto e comunicado por um correspondente da Academia de Ciências; que a descoberta havia sido confirmada e ele, Vulpian, já não a negava. O velho professor respondeu com evasivas.

Gibier diz em seu livro: “*Depuis, Vulpian est mort: il sait aujourd'hui le quel de nous deux avait raison.*”

Hoje Gibier também está morto, isto é, “em seu estado normal”, pois que o estado em que vivemos aqui é apenas transitório.

Agora, ele e Vulpian terão resolvido a dúvida. Qual dos dois terá razão?

A grande maioria nega com veemência, os outros afirmam categoricamente.

Vulpian e Gibier representam os dois grupos da classe dos cientistas. Vulpian nega o que não conhece nem quer conhecer. Gibier afirma o que sabe das suas investigações, dos seus estudos, das suas experiências.

Além disso, para o grupo Vulpian, em negar há prudência e comodidade. Fica-se bem com as academias, com a religião, com os que dão e tiram empregos e com a soberana opinião pública, que é a voz dos transeuntes da estrada batida.

Afirmar, porém, é arriscado; é abrir luta com os padres e com os catedráticos, que são os aferrados às idéias aceitas; é assanhar contra si a “estupidez ambiente”.

De mais, quase todos os que afirmamos viemos do grupo dos que negam, e essa minoria de hoje será a maioria de amanhã. Esta minoria, segundo Durand de Gros, “é simplesmente o escol da inteligência e do saber”.

Do muito que, sem opinião antecipada, temos lido do assunto e do pouco que sabemos, pensamos que *há provas da persistência da consciência do Ser depois da destruição de seu corpo*, e que os fenômenos são positivos.

Cuiabá, julho, 1903.

T.

## Introdução

O acolhimento dado à obra que publiquei em 1886 sobre certas experiências de psicologia,<sup>1</sup> as cartas animadoras que recebi de grande número de sábios e pensadores eminentes a respeito dela, induzem-me a prosseguir em meu trabalho e publicar este novo estudo.

O livro ao qual faço alusão foi traduzido em muitas línguas; a edição que viu a luz recentemente foi, como a primeira, favoravelmente recebida pelo público e pela imprensa e esses são novos motivos que me fazem perseverar.

Outros experimentadores verificaram os mesmos fatos que observei. Citarei especialmente o Sr. de Rochas, comandante da arma de engenheiros, ex-aluno da Escola Politécnica, cujo livro *Les forces non définies* fez grande sensação no mundo científico.

Nenhuma das minhas experiências foi seriamente discutida e ainda menos foi contrariada por outras experiências; antes, posso afirmar o contrário. Considero-as, por isso, como adquiridas e ninguém deve estranhar se no presente trabalho eu desprezar absolutamente as precauções oratórias preliminares, por meio das quais outrora desculpava-me quase da ousadia de escrever sobre tal assunto. D'ora em diante irei simplesmente ao fato ou à hipótese, sem prestar atenção aos retardatários. Eles que procurarem ver e instruir-se: poderão compreender então o que vai seguir-se.

Por outro lado, não tenho, de modo algum, a pretensão de apresentar nesta memória fatos inauditos e pensamentos inéditos: “Não há nada novo debaixo do Sol”, e depois, como Goethe diz por Mefistófeles: “Só um tolo ou ignorante imaginará possuir uma idéia que nenhum homem teve antes dele”. Mas, penso fazer obra útil tratando de mostrar, entre outras coisas, a que grau de conhecimento de nós mesmos nos conduziu a fisiologia experimental no ponto de vista psíquico, e dando uma idéia do caminho que seguirá a fisiologia psicológica do futuro, segundo a minha maneira de conceber. Esta ciência de amanhã, que vai reatar o fio dos conhecimentos da antiguidade, nos permitirá

aprofundar mais o estudo da vida. É lícito até prever que ela nos levará tão longe quanto no-lo permitirem respectivamente as nossas inteligências *comateriais*, no domínio da morte, ou antes, do que denominarei o *além-da-vida*.

Apesar da sentença pronunciada por certos adeptos da filosofia positiva, o homem não se resolve a abandonar a pesquisa das causas primárias e das causas finais. Se a misteriosa Ísis nos diz que nenhum mortal ainda lhe ergueu o véu, por outro lado também não afirma que este jamais possa ser erguido e, antes, parece ser isso uma provocação, um desafio atirado ao espírito ávido de aprender.

Paris e New York, 1890.

# PARTE PRIMEIRA

## Estudo do Macrocosmo

### Capítulo I

#### Vista geral sobre as coisas

Marcha a seguir no exame das coisas. – Estudo do Macrocosmo. – Cataclismos periódicos. – Deslocamento das águas e dos gelos de um hemisfério para outro. – Dilúvios. – Comparação do Hemisfério Sul com o Hemisfério Norte. – Camadas alternadas de fósseis marinhos separadas por fósseis de vida aérea. – Que é a Matéria. – O átomo inextensível. – A energia. – Lei da conservação da matéria. – O átomo é um elemento fluídico. – Penetrabilidade da matéria. – Movimentos prodigiosamente ativos das moléculas. – Átomos-turbilhões. – O Universo tende ao repouso absoluto. – Na opinião de numerosos sábios modernos, a análise filosófica, auxiliada pela experiência, demonstra que a matéria não passa de *energia condensada* em forma transitória. *A maior das ilusões chama-se realidade.*

---

O frontispício deste livro traz em letras garrafais estas palavras: *Análise das Coisas*. Eis aí um título muito vasto que poderia parecer pretensioso em tão pequeno volume. Vou, entretanto, fazer todo o possível para justificá-lo e esforçar-me por bosquejar uma análise sucinta do Universo, do qual somos parte.

Aquele que jamais experimentou as angústias dos grandes problemas da vida e da morte, e cujo espírito ainda se não elevou acima das coisas vulgares, siga o seu caminho; isto não foi escrito para ele.

Não foi também para os que limitam a Ciência ao quadro do seu saber, que estas páginas foram traçadas, mas para os que levam as suas indagações mais alto – *excélsio* –, interrogam a si mesmos por que estão neste planeta e que força os conduziu para aqui. Rogo a estes últimos, sob cujos olhos se encontrarem estas linhas, queiram por um instante concentrar o pensamento, isolá-lo tanto quanto possível dos objetos exteriores, *abmaterializá-lo*,



por assim dizer, porque só ele é bastante rápido para fazer a viagem que devemos empreender.

Eis, antes de tudo, o itinerário que vamos seguir: Depois de nos libertarmos pelo pensamento da ação do peso, a fim de nos emanciparmos da servidão que nos liga à Terra, seguiremos esta com os olhos do espírito e examinaremos ligeiramente a sua superfície. Tomaremos, depois, uma parcela da substância de que ela é formada e buscaremos compreender-lhe a constituição; partiremos do átomo, em uma palavra, e, por degraus enormes, tentaremos escalar as alturas da imensidade, a fim de obtermos, caso possa ser, uma idéia do Macrocosmo.

Depois, tornando a descer à nossa planetosfera, procuraremos aí o Microcosmo e far-lhe-emos a anatomia e a fisiologia comparadas. Comparadas às de seu modelo.

Em nossa titanesca excursão através do Éter profundo dos Céus, repousaremos, um instante, em um ponto do Espaço ilimitado, a fim de descobrirmos nele o terceiro princípio, o terceiro “Ser real”, que, com a *Matéria* e a *Energia*, constitui o *Universo animado*.

A pesquisa deste princípio no homem, a demonstração da sua independência e da sua persistência fora da matéria, farão o objeto principal do nosso estudo.

\* \* \*

Sabemos que, baseando-se na forma dos oceanos e das terras, bem como, segundo se asseguram, em certas tradições secretas da história oculta, alguns sábios (nem todos fazem parte do Instituto) pretendem que a cada período terrestre de vinte e cinco mil e alguns centos de anos, determinado pelo fenômeno astronômico conhecido sob o nome de *precessão dos equinócios*, realiza-se o mais pavoroso dos cataclismos. Pavoroso para quem vive e se move sobre esta esferazinha, fica subentendido, porque, como bem compreendemos, o acidente passa sem dúvida quase despercebido dos nossos vizinhos mais próximos, os jupiterianos ou os marcianos, se eles não estão mais adiantados do que nós em ótica astronômica.

Em conseqüência da mudança de inclinação do eixo dos pólos, a Terra se apresentaria em face do seu grande magneto, o Sol, de modo a deslocar o próprio centro de atração, que um lado do equador terrestre passaria a pequena distância sobre o lado oposto.

Isto traria como conseqüência ou como efeito determinar um deslocamento das águas que, em razão de sua fluidez, tendem naturalmente a correr para o lado onde são mais atraídas, como o prova o fenômeno das marés.

Se fosse só isto, talvez não houvesse grande mal, porém o nível das águas, diminuindo tanto no pólo elevado quanto na outra parte, faz que a calota imensa de gelo que o envolve se despedaça, não estando mais sustentada pelas águas. Estes gelos, cuja espessura não é de menos de 40 ou 50 quilômetros acumulados no Ártico ou no Antártico donde as águas se retiram, deslocam-se subitamente, ocasionando um medonho desmoronamento. Grandes blocos de gelo, da espessura de muitos Himalaias sobrepostos, precipitam-se expelem as águas, arrastam-se e rolam com elas, raspando os continentes e transportando para longe montanhas de rochas, que mais tarde o homem denominará erráticas. A água salgada tudo submerge, exceto alguns planaltos elevados e certas grimpas de serras. Depois, quando se faz completo silêncio, sobre os antigos continentes, desde então sepultados no fundo do salso oceano, surgem novas terras, lamacentas, cobertas de lodo salgado e de ervas desconhecidas. Semelhantes a monstros marinhos que, de repente, após uma borrasca saíssem horrendos e glaucos do seio das ondas agitadas, assim se mostram elas à face da luz assustada.

Essas terras limosas, emergidas de há pouco, aparecem aos homens que escaparam ao flagelo, os quais guardam tradicionalmente a lembrança delas em histórias de dilúvios que se encontram em livros sagrados, escritos sobre a origem de todas as religiões.

“Lançai os olhos sobre o globo terrestre – dizem os partidários dessa teoria diluviana – e observai quanto difere o hemisfério sul do setentrional: neste último, só vereis terras;

ao contrário, no Sul as águas dominam, e aí estão de alguma sorte acumuladas. Os elevados planaltos, os cimos das regiões montanhosas, sob a forma de ilhas, encontram-se aí copiosamente. Além disso, todos os continentes, as duas Américas, a África, a Índia, as grandes penínsulas indo-chinesas, terminam em ponta na direção do hemisfério para o qual correram as águas. Que significaria e que destino teria essa Atlântida, cuja reminiscência se transmitiu através das idades e foi ilustrada por Platão, se não a considerarmos um continente por aquela forma submergido?

O que indicam – acrescentam eles – estas camadas alternadas e superpostas de fósseis marinhos, depois de fósseis telúricos, depois marinhos, que ainda encontramos debaixo do solo dos nossos campos, e até sobre nossas montanhas, senão que o Sol alumiou ao nível do mesmo ponto o oceano e o continente habitado?”

Mas, deixemos de parte esse assunto pouco importante em si mesmo, sob nosso ponto de vista. O nosso pensamento voa livremente, desligado de todos os laços materiais, acima da superfície terrestre, acima das ilhas de gelo, colossais, que se entrechocam e enchem os ares de escuma e poeira de neve, acima destes continentes que se esboroam com toda a vida que encerram nos negros abismos dos novos oceanos: só temos a temer os grandes cataclismos periódicos. Que importa um dilúvio de mais ou de menos? Isto não poderia perturbar-nos em nossa indagação do absoluto e compreendemos muito bem Arquimedes, alheio às coisas que o cercavam, impávido, deixando-se matar pelos antropomorfos, cujo ferro assassino lhe cortou o êxtase científico.

Comecemos, pois, o nosso estudo do macrocosmo.

\* \* \*

A análise filosófica, a teoria atômica, como a dos equivalentes químicos, ambas deduzidas de proporções determinadas e constantes, encontradas nas combinações dos corpos entre si, induzem-nos a considerar a matéria como sendo um composto de elementos extremamente sutis, grupados uns com os outros, de

diferentes modos: dá-se o nome de *moléculas* a estes elementos. Mas, a análise vai mais longe: estas moléculas, por menores que as possamos imaginar, compõem-se de aglomerações de outros elementos “indivisíveis”, como o indica o seu nome; estes elementos da molécula são os *átomos*.

Se a esta pergunta: “que é a matéria” se respondesse: “é uma coisa que podemos ver e tocar, coisa formada de partes elementares, que, consideradas como matéria, não existem absolutamente”, suponho que muitas pessoas ficariam surpreendidas ouvindo tal definição. E, entretanto, isso é sustentado por personagens eminentes, tudo o que há de mais eminente, os partidários da Teoria do *átomo inextensível*.

Não sei com segurança se essa idéia foi discutida pelos antigos filósofos gregos; o certo é que ela existe simbolicamente expressa nas filosofias indostânicas. Em todo caso, por meados do século passado, ela foi apresentada pelo padre Boscowich. Sábios como Ampère, Faraday, Cauchy, etc., e filósofos quais Dugald-Stewart, Vitor Cousin, Vacherot (*Revue des Deux Mondes*, agosto de 1876), etc, constituíram-se campeões convencidos da idéia do átomo inextensível, que se não deve confundir com a Teoria sustentada por Hume, Berkeley, Hamilton, Stuart Mill, Coyteux, entre outros, e segundo a qual nada existe. Górgias, o célebre sofista de Leontinos, havia ensinado a doutrina de que *nada existe*, mais de 400 anos antes da nossa era.

Que seria o átomo então? uma ficção matemática? Certamente que não, mas os elementos da matéria parecem ser *unos* e semelhantes para todos os corpos; os alquimistas, apoiados nessa idéia, procuravam e ainda procuram a transmutação dos metais. Além disso, podia suceder que, nesse ponto, a *força* e a *matéria* se encontrassem e se confundissem; eis um assunto do qual nos tornaremos a ocupar.

Seja como for, em virtude da grande *lei da conservação da matéria*, que Lavoisier definitivamente estabeleceu, apesar de seus movimentos e migrações perpétuas, o átomo não varia nem se destrói: é indestrutível e invariável, constituindo apenas um elemento fluídico, cíclico, giratório do fluido universal de que a matéria é formada (Helmholtz, William Thomson, Tait, etc.).<sup>2</sup>

A energia animal dos átomos, de um movimento tão rápido que a imaginação não pode fazer uma idéia dele, seria pois o agente real que fixa a molécula e esta por sua vez não será senão a energia *condensada*? Simples teoria!... A verdade é que os físicos estão hoje de acordo, considerando os corpos mais densos como representando apenas em *aparência* uma superfície contínua, como, por exemplo, uma esfera, oca, de prata, cheia de água e soldada hermeticamente. Colocando sobre uma bigorna esta bola e batendo-se-lhe com um martelo, a água escapa-se por todos os poros do metal a cada golpe do martelo e vem aljofrar a sua superfície, segundo experiências dos acadêmicos de Florença. Outros fatos nos demonstram que a idéia da impenetrabilidade da matéria dos corpos é absolutamente falsa. Sem falar da mistura de uma parte de álcool e outra de água, que dá um volume total inferior aos dois volumes primitivos dos dois líquidos separados – porque pode dar-se neste caso uma variedade de combinação –, os fatos persistentes de penetrabilidade produzidos sob a influência da *força psíquica* – como o anel de vidro e o anel de marfim, que subitamente aparecem enfiados um no outro quais elos de uma corrente, não guardando vestígio de solução de continuidade – estes fatos demonstram, não somente a penetrabilidade dos corpos, mas também a sua *desmolecularização* e reconstituição possíveis *ad integrum*, sob a influência de certas forças das quais a ciência futura vai fazer um dos objetos principais de observação.

O volume das moléculas pode ser, quando muito, avaliado por milionésimos de milímetros, e mesmo levando em conta o espaço relativamente considerável que as separa, é ainda por trilhões, quintilhões, sextilhões que devemos contá-las em um milímetro cúbico.

Elas estão em um estado contínuo de agitação, de projeção, de choques violentos, de atração, de repulsões enérgicas, das quais é sem dúvida um pálido reflexo o movimento browniano das partículas microscópicas. Fazemos uma idéia do seu tremendo turbilhão, quando vemos que no hidrogênio, em pressão e temperatura ordinárias, as moléculas deste gás estão animadas da velocidade mais ou menos de 2.000 metros por segundo (Joule) e

que cada uma sofre de suas vizinhas cerca de 17 bilhões de choques no mesmo espaço de tempo (Clausius, Maxwell, Boltzmann). “É o bombardeio operado por essa multidão de pequenos projéteis contra a parede envolvente, que constitui a tensão dos gases”, diz M. E. Jouffret em notável trabalho, onde encontramos, a respeito da reconstituição da matéria, numerosas exposições desenvolvidas e claras, sabiamente estudadas (*Introduction à l'étude de l'Énergie*).

Cada molécula, formada por uma multidão de *átomos-turbilhões*, é hoje considerada por alguns sábios do modo pelo qual ela o foi antigamente por iniciados da Índia e do Egito, isto é, como um sistema planetário “com todas as complicações de movimento e de vida”, dirigida esta, segundo os *pandits* da Índia atual, por inteligências elementares inferiores (*élémentals*). Os corpos, que são aglomerações de moléculas, seriam assim os análogos das vias-lácteas e das nebulosas resolúveis.

Em resumo, tomando uma partícula microscópica de matéria qualquer, se a dividirmos em pensamento muitos milhares de vezes, chegaremos a obter uma molécula que só seria percebida por meio de nossos instrumentos mais poderosos, se o poder de aumento dos mais fortes microscópios crescesse cerca de mil vezes. E esta molécula é por sua vez uma aglomeração de átomos, que podemos considerar como turbilhões, círculos de energia, produzindo, por *movimentos* variados, as aparências da matéria, tal como a percebemos. Uma parcela de dinamite, onde se acumulasse enorme quantidade de *energia* mecânica, poderia representar uma imagem grosseira da molécula considerada segundo as mais sábias teorias, comparando a energia *mecânica* da dinamite à energia *condensada* na matéria, e os gases, condensados indiretamente pelas manipulações químicas na dinamite, ao *Éter* arranjado sob a forma de átomos na molécula. A matéria não passaria, pois, de uma aparência da energia.

Em presença desta análise da matéria e dos resultados a que ela conduz, não estaríamos autorizados a admitir, com Hume, Berkeley, Hamilton, Stuart Mill, Coyteux, etc., que nada existe realmente? Sim, se só houvesse matéria e energia (força) no mundo, porque a própria energia, assim como veremos mais

adiante, tende, não a desaparecer, mas a repousar “no sétimo dia”, e o dinâmico tende a tornar-se puramente potencial. Em outras palavras, o Universo tende ao repouso absoluto.

\* \* \*

No momento de terminar este estudo sumário, que, todavia, nos fez mergulhar em pensamento nas profundezas do infinitamente pequeno, formulemos a nossa opinião. Não obstante a perturbação que podem lançar no espírito as conclusões atuais da Ciência acerca da constituição da matéria, não pensamos dever adotar a teoria de que acabamos de falar e segundo a qual nada existe. Somos, entretanto, forçados a concluir, à vista destas análises, que nos mostram as coisas tão diferentes do modo pelo qual as concebemos habitualmente, que andamos incessantemente enganados com a aparência dos objetos. De sorte que, levando em conta a imperfeição dos nossos sentidos, podemos avançar, como uma espécie de axioma, que *a ilusão mais forte é a que denominamos realidade.*

## Capítulo II

Encadeamento geral das coisas. – A ciência dos antigos era vasta e profunda, como o demonstram as descobertas modernas. – Razão pela qual eles não a divulgavam. – Da necessidade de elevar o pensamento para fazer uma idéia mais justa das coisas. – O que o autor entende por *zona lúcida*. – Princípio e conseqüências da *independência do absoluto*. – Opinião de Laplace. – Materialização da energia. – A origem dos mundos. – Formação dos sóis, dos planetas. – Idéias de Laplace sobre a pluralidade dos mundos habitados. – Fim dos mundos. – *A noite de Brama*. – Que fica sendo a consciência do homem entre as ruínas do Universo? – O homem, célula do *Grande Ser*. – Velocidade de translação das estrelas chamadas fixas.

---

O leitor não deve ficar surpreendido se, antes de abordar o estudo do homem e a análise de sua essência, o autor julga dever dar uma idéia do grande Todo, no qual cada molécula, cada átomo dos que já tratamos, estão, desde o grão de areia até os sóis imensos, ligados, encadeados uns aos outros por laços cujos fios são invisíveis aos olhos do corpo, mas que o pensamento adivinha e concebe.

Neste estudo das coisas, os antigos são nossos mestres, não podemos negar-lhes esta justiça. As descobertas da ciência moderna não nos vão cada dia pondo à altura de entendermos claramente muitas passagens desses escritos, cujo sentido as gerações precedentes mal podiam entrever? A análise espectral, por exemplo, mostrando-nos a analogia de composição existente entre as estrelas – esses sóis que iluminam e vivificam miríades de terras – e nosso Sol; esta mesma análise permitindo-nos palpar, por assim dizer, a identidade de composição deste último e da Terra, cuja origem indica ao mesmo tempo, não nos dá ela a explicação dos versos de Lysis, discípulo de Pitágoras, conhecidos pelo nome de *versos dourados* dos pitagóricos:

*Saberás, se o quiser o céu, que a natureza  
é semelhante em tudo e a mesma em toda parte?*



Precisamos, pois, por meio das luzes da ciência moderna, tratar de esclarecer-nos sobre os símbolos hieroglíficos da ciência antiga, os quais nos foram conservados. Por que razão todos os antigos escritores sagrados – pagãos, judeus-cristãos, etc. – empregaram tanto cuidado e unanimidade em repetir que “Deus fez o homem à sua imagem”, ou que “o homem é um microcosmo” – o que, sob o ponto de vista hermético, significa exatamente a mesma coisa? É que a maior parte desses escritores, versados em uma ciência que, sem dúvida, os homens vulgares ainda não merecem conhecer, haviam surpreendido a analogia de composição do homem e do Universo; haviam aprendido experimentalmente que os elementos da “tétrade sagrada” se encontram no homem. Eles não tinham esperado F. Bacon para inventar o método experimental, mas não divulgavam a todo mundo os segredos que arrancavam à Natureza: *sagrado* para eles, significava aquilo que o vulgo não devia saber; como, porém, não quisessem que ficassem perdidas as suas descobertas, assinalaram-nas em expressões obscuras, velaram-nas sob figuras simbólicas que servissem de guia à memória de seus discípulos, ou provocassem a atenção do observador não vulgar e bom, em cuja inteligência eles devessem reviver um dia.

Não, para compreender-se a essência da vida não é inútil fazer-se o exame comparado do Universo e do homem, do macrocosmo e do microcosmo.

E depois, só podemos ter concepções claras das coisas elevando nossa alma acima das operações ordinárias do pensamento, de onde nascem, quase sempre, os preconceitos, as idéias errôneas, as ilusões a respeito do que nos cerca. É mister libertarmos, embora momentaneamente, o nosso espírito do quadro estreito da vida cotidiana, a cujas exíguas dimensões ele tende a amoldar-se. A concepção da natureza do homem é daquelas.

\* \* \*

Spinoza diz que devemos encarar as coisas sob um caráter de *eternidade*. Irei mais longe: sustento ser conveniente que nos habituemos a considerar *tudo* em relação com o *espaço* e o *tempo*, com a *imensidade* e a *eternidade*. Quão minúsculos nos

apareceriam *grandes* acontecimentos e *altas* situações, se os sujeitássemos ao cálculo desta regra de proporção? Mas, é esta uma operação que não está ao alcance de toda gente; *non licet omnibus...*

Outra condição que importa também não desprezar é a de curar-se o homem desse orgulho que acompanha inevitavelmente uma má educação científica e uma instrução especializada, incompleta, como são tão freqüentes em nossos dias. Pessoas muito esclarecidas em um pontinho especial dos conhecimentos humanos julgam poder decidir arbitrariamente sobre todas as coisas e repelem sistematicamente toda novidade que lhe choque as idéias, quase sempre por este único motivo – que em geral não confessam – *que se aquilo fosse verdade, elas não podiam ignorar!* Por minha parte, encontrei freqüentemente esse gênero de basófia entre homens cuja instrução e estudos deveriam preservá-los dessa deplorável enfermidade moral, se não tivessem sido *especialistas*, escravos da sua especialidade. É sinal de inferioridade relativa uma pessoa julgar-se superior!

Enfim, o número de inteligências que sofrem de *lacunas* é maior do que se julga geralmente. Do mesmo modo que determinados indivíduos são totalmente refratários ao estudo da música, das matemáticas, etc., a outros muitos estão interditas certas investigações do pensamento. Uns, que se distinguiram nesta ou naquela classe de ocupações: na medicina ou na mercearia, na literatura ou na arte de fabricar panos, segundo toda a probabilidade, teriam lastimosamente falhado se houvessem escolhido – como outros tantos que abarrotam o mundo – uma carreira situada fora do que chamarei a *zona lúcida*, à semelhança da ação dos refletores que, durante a noite, transmitem a luz a uma zona de feixes luminosos, fora dos quais só há sombra e incerteza.

Coisas existem que não estão ao alcance da concepção de certas inteligências: estão fora de sua zona lúcida.

É inútil insistir mais: algum crítico mal disposto poderia reconhecer-se nestas observações e acusar-me, em represália, de haver escolhido um assunto fora da minha própria zona. Queiram os deuses preservar-me de semelhante infelicidade!...

\* \* \*

Desembaraçado o nosso pensamento das profundezas atômicas da matéria, onde esteve engolfado, se o transportarmos ao espaço e considerarmos o macrocosmo na imensidade, veremos que a comparação da molécula com a nebulosa é racional. Ignoramos as leis dos movimentos moleculares, e se estamos mais familiarizados com as que governam os planetas do nosso sistema, igualmente desconhecemos as leis dos movimentos estelares. Mas, nada nos inibe de supor que, atendendo à *lei da independência do absoluto*, os movimentos da molécula, como a concebemos, sejam comparáveis aos das estrelas e seus planetas, subentendendo-se que as proporções do tempo de evolução da molécula devem ser reduzidas às do espaço em que ela evolui. E se existissem seres inteligentes sobre estas pequenas massas, planetas “interatômicos” possuindo dimensões proporcionadas à sua “terra”, estes seres não perceberiam os tão rápidos movimentos dela, como nós não percebemos os da nossa, que nos arrasta, entretanto, através do espaço com uma velocidade aproximada de 30 quilômetros por segundo; sua vida, que seria tão curta como o mais rápido pensamento, correria, talvez, em ocupações relativamente tão numerosas e tão longas como as nossas, senão igualmente fúteis como em regra geral; achariam o *tempo tão longo* como nós, e o seu orgulho pela grandeza de suas obras não seria, sem dúvida, inferior em coisa alguma ao dos homens... o que seria muito legítimo.

Esse princípio da independência do absoluto foi distintamente percebido por Laplace, como o prova este trecho da sua *Exposição do sistema do mundo*:

“Uma de suas propriedades notáveis, a da atração – escreve ele –, é que se as dimensões de todos os corpos do Universo, suas distâncias mútuas e velocidades crescessem ou decrescessem proporcionalmente, descreveriam curvas inteiramente semelhantes às que descrevem, de modo que o Universo ofereceria sempre a mesma aparência aos seus observadores. Estas aparências são, por conseguinte, independentes do movimento absoluto que possa haver no espaço. A

simplicidade das leis da Natureza não nos permite, pois, observar e conhecer senão as relações.”

Interroguemos agora estas outras moléculas do infinito, as estrelas, os sóis azuis, brancos, negros (que, sem dúvida, existem, mas estão apagados; os planetas são parcelas de sóis resfriados), os sóis vermelhos, as estrelas amarelas, constelações nebulosas, vias-lácteas – que são aglomerações de estrelas – e entre elas nosso sol, separadas somente por distância de alguns milhões de léguas: eis por que observadas da Terra elas se confundem. Perguntai-lhes como se formaram.

Considerai os cometas, dir-nos-ão esses gigantes dos campos celestes, que nada mais são além de “matéria cósmica”, que *se busca* e se acumula para, mais tarde, em um ponto do infinito, formar um novo mundo solar. Nesse estado, a energia, tomando a forma de átomos para se confederar em moléculas, ainda não saiu completamente do estado potencial; mas, basta que um ponto se *materialize*, e todas as moléculas novas irão precipitar-se sobre este ponto; e *a energia, encontrando-se sob sua nova forma* – a matéria –, passará ao estado dinâmico. Multiplicar-se-ão as chuvas de moléculas; os pontos de energia materializada precipitar-se-ão uns sobre os outros, desenvolvendo tal quantidade de calor a ponto de se volatilizarem; e assim se formam os sóis que giram nos céus. Destes sóis em fusão, escapam-se massas anulares volatilizadas, que esfriam no espaço onde se vão perder. Perder-se não é o termo, porque elas são retidas pela atração – ou segundo Newton – “*quam ego attractionem appello*” (o que denomino atração), pela atração do seu sol, cujos planetas ficam sendo. Eis o que nos dirão as estrelas.

É assim “que a gravidade, por um vasto e lento processo de cristalização, cujo progresso nas profundezas do espaço o astrônomo contempla com emoção, devia condensar, pouco a pouco, a matéria então prodigiosamente dilatada e confeccioná-la em sistemas estelares, solares e planetários”. (E. Jouffret.)

Acrescentemos agora que a vida existe sempre em todos os períodos sobre os sóis e seus planetas, e que afinal se adapta ao meio. Será lícito supor que a vida não possa manifestar-se neste

ou naquele planeta, porque é mais frio ou mais quente que o nosso, mais próximo ou mais afastado do seu sol? Vejamos a resposta:

“O Sol, fazendo viver, pela ação benéfica de sua luz e calor, os animais e as plantas que enchem a Terra, deve analogamente produzir efeitos semelhantes sobre os outros planetas; porque não é natural pensar-se que a matéria, cuja atividade vemos desenvolver-se de tantos modos, seja estéril sobre um planeta tão grande como Júpiter, que tem, como o globo terrestre, seus dias, noites e anos, e sobre o qual os observadores notam mudanças que indicam forças muito ativas. Entretanto, seria dar demasiada extensão à analogia, concluir por isso a semelhança entre os habitantes dos planetas e os habitantes da Terra. O homem, feito para a temperatura de que goza e para o elemento que respira, não poderia, segundo toda a aparência, viver em outros planetas. Mas, não existirá neles uma infinidade de organizações relativas às diversas constituições dos globos do Universo? Se a única diferença dos elementos e dos climas põe tanta variedade nas produções terrestres, quanto mais devem diferir as dos diversos planetas e seus satélites? A imaginação mais ativa não pode fazer uma idéia delas; mas a sua existência é muito verossímil.” (Laplace, *Essai sur les Probabilités*.)

Depois que a Ciência nos fez assistir à formação dos sistemas, à gênese dos mundos, seja-nos permitido perguntar-lhe para que todo esse movimento, toda essa agitação! Dou ainda a palavra aos mais autorizados na questão. Diz E. Jouffret:

“Segundo um cálculo de Helmholtz, o sistema solar não possui mais que 454<sup>a</sup> parte da energia transformável, que ele possuía no estado de nebulosa. Embora esse resíduo constitua ainda provisão, cuja enormidade nos confunde o entendimento, ela será um dia consumida também. Mais tarde, a transformação terá lugar no Universo inteiro e, por fim, estabelecer-se-á um equilíbrio geral de temperatura, como de pressão.

A energia não será mais, então, suscetível de transformação. Não será mais o *nada* uma palavra privada de sentido, nem será a imobilidade propriamente dita, porquanto a mesma soma de energia subsistirá, sempre, sob a forma de movimentos atômicos; mas será a ausência de todo o movimento sensível, de toda a diferença e de toda a tendência, isto é, a morte absoluta.

Os planetas não mais circularão em torno dos sóis extintos. Produzir-se-ão aglomerações sucessivas, tendo desenvolvido de cada vez um imenso calor<sup>3</sup> e podendo recomeçar um período vital mais ou menos longo; tendo criado sistemas solares cada vez mais gigantescos, porém menos numerosos; tendo finalmente chegado a tudo reunir em uma única massa, que, depois de haver girado muito tempo sobre si mesma, acabará por tornar-se imóvel relativamente ao espaço ambiente; massa daí em diante homogênea, insensível, da qual nada perturbará mais o medonho repouso.

Tal é, admitida a permanência das leis que regem hoje a Natureza e, segundo o raciocínio, o estado a que há de chegar o Universo...

Laplace, enganado pelo cálculo, não suspeitou esse desmoronamento final.”

\* \* \*

*“E o anjo... jurou que não haveria mais tempo algum d’ora em diante.”*

*(Apocalipse, 10: 5-6)*

Tal é o destino do mundo: como todo ser que vive passou pelo estado embrionário, teve sua infância, adolescência e maturidade; a decrepitude da velhice já começou.

Tais são, pelo menos, as conclusões da ciência moderna com o conhecimento dos dois elementos “que estão colocados nos dois ângulos inferiores do triângulo”, quero dizer: a matéria e a força, ou energia.

Fato curioso: os bramas e os *pandits* (sábios filósofos do Oriente) possuem há milhares de anos uma cosmogonia idêntica: em

sua linguagem simbólica denominam eles esse “desmoronamento final” das esferas, esta parada do Universo *no ponto morto*, “a noite de Brama”, a noite durante cujos inúmeros séculos, depois de haver reabsorvido tudo em si, os deuses juntamente com as coisas, “o Antigo dos dias” repousa, contemplando-se em seu Parabrahm Eterno.

Que fica sendo o homem no meio dos destroços de astros, volatilizando-se ao choque uns dos outros? Que fica sendo a consciência do ser e que sorte vai ser a sua? A Ciência ainda se não ocupa disso, mas forçosamente vai ser levada ao estudo destas coisas, porque as manifestações da consciência, no *além-da-vida*, começam a chamar-nos a atenção, a reclamar o nosso exame.

\* \* \*

O homem aí está, pobre ser finito, no meio do espaço sem limites, quer em largura, quer em profundidade ou em todas as direções; fraco quando treme, mas tão forte como o mundo, quando o compreende e se resigna a ser uma célula do Grande Ser! Pode ele, limitado, conceber o que não tem limites; observa, há milhares de anos, estrelas que não parecem mudar de lugar; as figuras da esfera celeste permanecem as mesmas... e todavia os instrumentos inventados pelo seu gênio permitem-lhe calcular, por exemplo, que as estrelas chamadas fixas se afastam ou se aproximam dele com a velocidade de 20, 30, 35 e mais quilômetros por segundo! Dez, vinte, trinta vezes mais rápidas que uma bala ao sair do cano de uma espingarda. Assim Sírius, entre outros, que, situado a 39 trilhões de léguas da Terra, afasta-se dela na razão de 700.000 léguas por dia, como o demonstra a análise espectroscópica desse sol.

E o homem aprende a não se admirar: o Espírito dilata-se-lhe até esses mundos inacessíveis à vista vulgar. Visita-os em pensamento durante o tempo de um relâmpago. Torna a entrar em si mesmo e, conseguindo não conceber o louco orgulho por essa gloriosa ascensão, torna-se deus ele próprio!

Pode também saber os riscos que corre como emanção material do planeta, sobre o qual percorre vertiginosamente o espaço: isto não poderá perturbá-lo, se ele conhecer... Mas não anteci-

pemos. Voltemos à superfície da esfera terrestre, procuremos aí o microcosmo e vejamos o que a ciência moderna ensina a seu respeito.



## PARTE SEGUNDA

### Estudo do Microcosmo

#### Capítulo I

Resumo dos conhecimentos sobre nós mesmos, que a fisiologia nos tem dado até hoje no ponto de vista psíquico. – Doutrina físico-química. – Doutrina animista, vitalista. – Doutrina materialista moderna. – Opinião de Claude Bernard sobre a matéria viva. – Opinião de diferentes médicos, sábios, etc. – A vida, a inteligência, são simples propriedades da matéria? – Vida orgânica, animal, intelectual. – Marcha do influxo nervoso. – Velocidade da onda nervosa nos nervos. – A patologia mostra que nem a vontade, nem a consciência tem sede exclusiva em um ou outro hemisfério cerebral. – Opiniões modernas sobre as propriedades das células nervosas. – As idéias serão apenas minúsculas descargas elétricas produzidas pelas células nervosas? – Papel do *método* positivo.

---

Não entra no plano deste estudo fazer o histórico das diversas teorias emitidas a respeito dos fenômenos que presidem à conservação das funções da matéria organizada, isto é, à vida. Suponho que as doutrinas físico-químicas, animista, vitalista ou stahlista, etc., são conhecidas do leitor. Recordemos que, de uma parte, uns não queriam ver na vida senão um conjunto particular de fenômenos regidos pelas leis da Física e da Química, ao passo que outros, os animistas, consideravam-na como a manifestação onipotente da alma (Stahl) ou de um arqueu inferior (Basile Valentin, Van Helmont, etc.). Esta coisa imaterial, segundo os animistas, é o grande *deus ex machina* da vida; é ela que fiscaliza o bom funcionamento das células, preside às secreções e regula, em uma palavra, todos os atos da vida orgânica, a inteligência ou parte intelectual da alma, conservando-se acima do todo.

Apesar das tendências materialistas da nossa época, não foram adotadas as idéias quimiátricas dos antigos materialistas que

confundiam a Biologia com a Química e a Física, mas apegaram-se a uma hipótese quase eclética, que me não parece destinada a satisfazer por muito tempo, mesmo aos espíritos menos exigentes. *A vida*, disseram em resumo, *é uma propriedade particular da matéria organizada*, contanto que esta última esteja colocada em certas condições favoráveis. A vida apenas representaria, assim, uma qualidade especial da matéria, quando ela está “organizada”, do mesmo modo que o volume, o peso, etc., são propriedades da matéria em geral.

Entretanto, Claude Bernard, o maior fisiologista do século, disse que de si própria a matéria organizada, *mesmo a matéria viva*, é inerte, “no sentido de que ela deve ser considerada como desprovida de toda a espontaneidade”. Mas, acrescenta ele, esta matéria viva pode entrar em atividade e manifestar suas propriedades especiais de vida sob a influência de uma excitação, porque a matéria é “irritável”.

Se admitirmos, com o ilustre e pranteado fisiologista do Colégio de França e do Museu de História Natural, que a matéria viva seja inerte quando não irritada, ao passo que manifesta suas propriedades particulares sob a influência de uma excitação, ficamos autorizados a emitir a hipótese de poder existir um agente excitante da matéria viva fora e talvez independente dela. E se esse agente de irritação, isto é, de vida, existe fora da matéria, não podemos dizer que a vida, ou o que produz as manifestações da vida, tal como os nossos sentidos no-la mostram, seja uma propriedade da substância organizada e viva?

Mas, exprimir-se alguém por esta forma não será fazer jogo de palavras? Não poderíamos opor a Claude Bernard suas próprias experiências? Não teríamos o direito de objetar que se a matéria organizada e viva fosse inerte, se precisasse de excitante exterior para manifestar suas propriedades, ninguém compreenderia como a célula hepática continua, de acordo com sua demonstração, a segregar açúcar muito tempo depois de o fígado ser separado do corpo? Veremos mais longe como, por meio das luzes da ciência nova, que não despreza as descobertas anteriores, chegaremos a uma solução satisfatória.

Acabam de ser esboçadas, muito rapidamente, as principais teorias emitidas sobre a vida. Veremos em seguida quais são as idéias chamadas científicas que reinam geralmente em nossos dias sobre a inteligência.

Devo dizer que nem sempre encontrei idéias bem claras entre os sábios (médicos, fisiologistas, biólogos, etc.), aos quais nunca deixei de interrogar sobre o assunto, cada vez que me era possível provocar ocasião para isso.

Alguns, principalmente na Alemanha, não hesitaram em responder-me que, na sua opinião, a vida e mesmo a inteligência não passam de propriedades da matéria, a qual, aperfeiçoando sua organização sob as leis da evolução (Hæckel), tende a produzir fenômenos (que denominamos vitais) cada vez mais complexos. Estas leis, em dado momento, devem ter-se organizado ou polarizado, caso seja preferida esta expressão, da maneira pela qual as observamos presentemente, sobre este ponto do espaço; e isso de modo completamente arbitrário, se considerarmos somente o ponto de partida, a origem do estado atual, porque ele seria apenas a consequência de outros estados anteriores.

Em França, muitos médicos distintos, principalmente um ilustre patologista dos centros nervosos, deram-me respostas análogas; porém o maior número de sábios aos quais me dirigi, responderam-me de modo a provar-me que o *aferro* às suas especialidades não lhes dava tempo de meditar e fazer escolha de uma opinião sobre esse ponto. Aconteceu a mesma coisa em Espanha, na ilha de Cuba, onde não faltam homens cultos, e na América do Norte.

Mas, indo diretamente ao fato e resumindo: nas Ciências, hoje, a tendência dominante está em considerar a vida e a inteligência como manifestações, ou, antes, como propriedades da matéria viva; propriedades essencialmente transitórias, como a própria substância que, de alguma sorte, as segregasse: “O cérebro segrega o pensamento como o rim segrega a urina”, disse um profundo pensador germânico!

Todavia, apresso-me a dizer que se tal é a opinião mais espalhada entre os que parecem ter opinião, uma minoria imponente

que professa, quer *in petto*, quer abertamente, opiniões espiritualistas variadas, ou, antes, sem preocupação de discussões físico-metafísicas, embalando-se em uma dúvida indiferente ou imóvel, repete com Montaigne: “Que sei eu?”

Acrescentarei que uma reviravolta sensível se vai operando, e não temo afirmar que o movimento espiritualista se acentua progressivamente, máxime na parte esclarecida da moderna geração. Depois da publicação da minha obra sobre os fenômenos psíquicos, ser-me-á, talvez, lícito dizer a propósito desse movimento: *Cujus pars parva fui?*

\* \* \*

Sem pretender expor em poucas linhas as aquisições da análise e da observação psicológica, vou, não obstante, tratar de mostrar sumariamente os dados da ciência positiva sobre as principais funções psiconervosas, na medida necessária aos fins do presente trabalho.

As funções do sistema nervoso na conservação da vida orgânica são ainda muito obscuras. Se a anatomia e a histologia do aparelho ganglionar estão bem estudadas, o mesmo não se pode dizer da sua fisiologia. Evidentemente, o papel do sistema nervoso na vida orgânica é dos mais importantes; mas, qual o papel representado pelas diferentes partes desse sistema? Os gânglios simpáticos são centros ou somente aparelhos de reforço, de suprimento?... O que há de certo é que o grande simpático, agente principal incontestado da vida vegetativa, transmite muito rapidamente à periferia as impressões centrais que agitam o órgão da inteligência; exemplo, para citar só um fato: a rapidez com que nossos rostos se cobrem de rubor ou de palidez, segundo a natureza e a força das impressões recebidas. Neste caso, os nervos simpáticos entram em jogo, após excitação recebida do centro intelectual, dilatando ou contraindo as arteríolas da face.

As experiências de sugestão hipnótica, em que se vê, por exemplo, a idéia sugerida de um vesicatório produzir uma bolha de serosidade, no ponto designado da pele do suggestionado, mostram sob uma nova luz a estreita intimidade que une o sistema nervoso central da ideação aos nervos da vida orgânica; mas,

se atualmente a ciência vulgar é incapaz de mostrar-nos outra coisa além de certo número de efeitos nos atos da vida orgânica, não dá neste, como em outros muitos casos, nem um só porque ou uma só causa primitiva.

Sob o ponto de vista animal, entre os agentes vitais ou excitadores da matéria viva, conseguiu-se de algum modo analisar o que determina o fenômeno do movimento consciente voluntário, que tomarei para exemplo. Assim, pelo fato de dobrar um dedo, sabemos, ou, antes, presumimos que o primeiro tempo deste ato tem lugar na camada cortical das células pardas, da parte anterior dos lóbulos cerebrais (volição). As células nervosas da camada cortical enviam a *excitação* através das fibras brancas da coroa radiante (fibras cruzando-se em diversos sentidos em grande parte do corpo caloso) aos núcleos centrais do hemisfério oposto; estes, pelas fibras centrífugas, ou por um movimento retrógrado, se assim preferirmos, reenviam o *influxo* às células da substância parda e das circunvoluções, no ponto de localização correspondente aos movimentos do membro superior (terço superior da circunvolução frontal ascendente, e metade anterior do lóbulo paracentral, sobre a cesura de Rolando). Deste último ponto, o *fluido nervoso*, que deve *excitar* as fibras musculares do antebraço a entrarem em contração, repassa sem dúvida pelos núcleos centrais, para daí descer à medula alongada, à medula espinhal e aos nervos do plexo braquial, até aos músculos flexores colocados no antebraço, e do qual um feixe, contraindo-se, produz a flexão do dedo que procuramos mover.

A experiência permitiu a Helmholtz calcular a velocidade do fluido de que falei há pouco, concluindo que a corrente nervosa, ou a onda vibratória nervosa, percorre os nervos com uma velocidade de 20 a 30 metros por segundo. Em outros termos, uma excitação produzida à origem de um nervo motor, se este tivesse o comprimento de 30 metros, gastaria um segundo para fazer contrair os músculos situados na outra extremidade deste nervo. O mesmo sucederia, fica entendido, com um nervo sensitivo; somente a onda ou corrente nervosa seguiria marcha inversa, isto é, centrípeta. Como se vê, é uma velocidade pouco considerável, principalmente comparada à da eletricidade.

O que parece indicar que os diferentes movimentos da energia nervosa, neste caso particular, devem seguir o trajeto que descrevi no cérebro, partindo de um *centro volitivo*, é que um homem atacado de uma paralisia da metade do corpo (hemiplegia), embora seja incapaz de fazer agir os centros motores cerebrais destruídos, possui ainda a faculdade de *querer* o movimento dos membros que, em balde, ele se esforça por produzir. Este fato permite supor que a vontade tem sua sede independente, e que não se acha localizada mais especialmente em um hemisfério central do que em outro. O mesmo acontece com a consciência.

\* \* \*

Os órgãos centrais do cérebro seriam – sempre de acordo com a teoria atual – não os instrumentos de uma inteligência operando por seu intermédio, porém órgãos *aptos por si mesmos*, pelo simples efeito de sua nutrição e sem excitação que lhes seja externo, à emissão de forças que operam sobre as fibras. É o que designamos sob o nome de *automatismo dos centros nervosos*. Quanto aos “fenômenos denominados da *vontade*, sem dúvida não passam de uma forma complicada de atos reflexos”. A *memória* seria apenas um efeito do “poder que possuem os glóbulos nervosos de conservar certas excitações e deixá-las manifestar-se em dado momento”.

Vê-se, pela análise da teoria que acabamos de ler, teoria encontrada no livro de fisiologia mais popular entre estudantes de medicina,<sup>4</sup> que a inteligência e suas manifestações são implicitamente consideradas como propriedades da matéria organizada, sob forma de células nervosas.

Estas células nervosas, segundo Rosenthal, são dotadas, no ponto de vista de suas funções, de quatro propriedades:

- 1º) podem ser espontaneamente a sede de uma auto-excitação, isto é, sem intervenção de causas exteriores;
- 2º) podem transmitir a excitação a outra célula nervosa, a que se acham ligadas por fibras igualmente nervosas (substância branca);
- 3º) podem perceber uma excitação e transformá-la em sensação;

4º) são capazes de suprimir uma excitação existente.

A estas quatro propriedades, um jovem filósofo e literato cubano, o Sr. Varona, acrescenta uma quinta, que pode ser considerada uma amplificação da primeira de Rosenthal: “os glóbulos nervosos são aptos a renovar espontaneamente, ou por causas puramente internas, uma sensação percebida anteriormente”.

As idéias seriam combinações destas propriedades e compor-se-iam unicamente de elementos sensitivos e motores. E todas as sensações, idéias e pensamentos seriam apenas movimentos produzidos no seio da substância nervosa, movimentos de ordem elétrica, provenientes das fracas descargas dos elementos motores e sensoriais do substrato anatômico (Hughlings Jackson). As experiências de Du Bois-Raymond sobre a intervenção da eletricidade nos fenômenos nervosos parecem apoiar esta engenhosa teoria.

Não podemos desconhecer que os fenômenos psíquicos *secundários* aos atos de compreensão, de concepção ou de volição, se passam *como se fossem produzidos* por uma força elétrica; todavia, convém observar que, se a corrente nervosa, percorrendo os nervos, determina – pelo fato de uma modificação molecular hipotética – uma mudança de direção na agulha de um galvanômetro ultra-sensível, ela não se comporta, entretanto, ao menos no ponto de vista da velocidade, como uma corrente elétrica ordinária. Mas, esta questão é, quando muito, secundária, porque supondo-se conhecida a corrente centrípeta ou centrífuga que segue os cordões nervosos, não creio que as teorias, de que tanto trato de dar neste momento uma idéia, possam satisfazer plenamente, mesmo aos seus próprios defensores atuais, no que diz respeito à *causa primária interior* dos fenômenos psíquicos.

Mostram-nos bem, neste aparelho suposto elétrico, a campainha e seu mecanismo, o tímpano e o martelo, a mola e o eletroímã; dissecamos, passando pela pilha cérebro-espinhal, os fios condutores semelhantes aos cilindros-eixos metálicos, que são isolados nos aparelhos como se fossem com a nevrilema de seda ou de goma; podemos ouvir o som dado pelo aparelho e mesmo

sentir o fluido, mas não percebemos o dedo invisível que faz o contato e fecha a corrente, graças ao qual a máquina funciona.

Por mais cuidado que empreguemos no exame do sistema nervoso e particularmente do cérebro, nada vem apoiar as teorias diversas, imaginadas em favor da matéria ou do espírito. Isto o precitado Sr. Varona observa em seu notável trabalho. Diz ele:

“Contemplando esta massa globulosa, tão cheia de anfractuosidades, sulcada por cesuras diversas, do peso de duas a três libras, parda em alguns lugares, esbranquiçada em outros, experimentei sempre a maior impressão de espanto possível. Pareceu-me ver o grande enigma da psicologia surgir diante de mim e sob a mais viva luz mostrou-se-me a vaidade do homem em todas as soluções.

A fisiologia não me faz descobrir, neste grande centro, nem outros tecidos, nem outros elementos, ou funções além das já conhecidas. Tudo quanto o exame mais minucioso faz realçar é uma diferença de estrutura pouco importante em si mesma. É, entretanto, o mundo maravilhoso da inteligência e da imaginação, as grandezas e as misérias do sentimento, os heroísmos e os desfalecimentos da vontade: tudo o que constitui o homem, tudo que eleva e avilta ao mesmo tempo a Humanidade, tudo está ali!”<sup>5</sup>

Terminarei este capítulo por estas considerações filosóficas, que resumem o sentimento de um distinto psicólogo da escola positivista. Aqui não é lugar de analisar e discutir a doutrina positiva atual e as opiniões de seus defensores, dos quais intencionalmente só cito um dos mais jovens, se bem que muitos documentos soberbos merecessem examinados. Direi somente que, se há motivo de orgulho para o espírito humano, é o de ver-se a que altura de sentimentos, a que penetração de vistas chegaram homens a quem, para guiar-se no labirinto inextricável da fisiologia cerebral, faltou até há pouco tempo o fio de Ariadne da grande experimentação psicológica. Mas uma era nova começa; os espíritos, preparados pelo *método* positivo, vão poder avançar muito mais seguramente do que nos tempos passados, sobre o terreno verdadeiramente psicológico que solicita novamente as



nossas investigações. Alguns positivistas retardatários resistirão, ainda durante algum tempo, mas o *positivismo* em corpo seguirá bom rumo, agora que foi desbravado o terreno.

Cada qual, a seu modo, desempenha o seu papel no concerto das coisas; aquele, por exemplo, que despense um talento consciencioso em sustentar uma doutrina errônea é, as vezes, um simples agente inconsciente dos desígnios da Providência; em vez de ocultar a verdade, como parecia fazê-lo, suas obras servem, muitas vezes, a preparar-lhe as veredas e assegurar-lhe o triunfo.

## Capítulo II

Papel futuro da fisiologia experimental no estudo da essência da vida, do éter vital. – O fisiologista-psicólogo deverá prosseguir neste estudo até depois da morte. – Matéria e energia admitidas como dois elementos constitutivos distintos do Universo. – Se no Universo só há matéria e energia, a consciência deve extinguir-se com a *morte*, esta *derradeira função do corpo*. – Há um terceiro elemento ou princípio. – Antigüidade do materialismo como do espiritualismo. – Opinião de Salomão, de Moisés, das seitas budistas orientais. – Passagem das *Ruínas de Volney*. – Panteísmo. – Nirvana. – O nada. – Causas que produzem o desacordo entre os filósofos. – Todos entender-se-ão um dia, ao menos sobre as idéias primordiais, graças à ciência experimental.

---

Vimos no capítulo precedente que, até ao presente, os estudos fisiológicos clássicos nada ensinaram sobre a natureza real da vida. Chegaram os tempos em que o fisiologista-psicólogo, possuindo já uma base séria de conhecimentos positivos, deve imprimir às suas pesquisas uma direção mais audaciosa. Abandonando o campo da vida limitada pela morte, terá que analisar este último fenômeno, esta *derradeira função do corpo*, e experimentalmente estudar, como os hierofantes antigos, seus predecessores e mestres nessa matéria, as propriedades do *éter vital*, do *akasa nervoso*. Mas, antes de ir mais longe neste assunto, que trataremos de aprofundar juntos, permita-nos o leitor colocarmos diante de seus olhos algumas notas e reflexões preliminares, indispensáveis.

Se aceitarmos as conclusões naturais da teoria segundo a qual as manifestações da vida em geral, e as da inteligência em particular, são apenas o modo de ação de *certas propriedades da matéria organizada*, devemos admitir que no momento da morte tudo volta ao nada, esse nirvana do materialismo.

Aceitando, com a ciência moderna, que, assim como a matéria, *outro ser real*, estudado sob o nome de *energia*, constitui *um elemento do Universo*,<sup>6</sup> nem por isso se modificam os resultados da análise. Com efeito, se nos apegarmos à existência exclusiva da matéria, cujas propriedades variariam com seus aspectos e

diferentes *grupamentos moleculares*, admitiremos que no momento da morte as propriedades da substância organizada desaparecem, ao mesmo tempo em que sobrevém esta mudança de estado caracterizado pela cessação da vida: a matéria organizada, viva, atingindo como matéria o *seu mais alto grau evolutivo de complexidade*, é subitamente arrastada – novo rochedo de Sísifo – sobre o declive que ela acaba de galgar, e onde descreve uma curva descendente, de mais em mais rápida, para o estado inorgânico do qual partiu. Nesses períodos sucessivos suas propriedades modificam-se, com as mudanças de estado, sobre o ciclo eterno figurado no Ouroboras simbólico dos antigos sábios.

Mas, teremos avançado muito para a solução do problema, se admitirmos a existência autônoma da *energia* “como ser real, elemento constitutivo do Universo”? Assim não penso; a energia coexiste ao lado da matéria, admita-se. Como a matéria, que, do estado cósmico ou radiante (W. Crookes) passa às formas gasosa, líquida, sólida e às suas combinações infinitas, a energia torna-se luz, movimento, calor, magnetismo, eletricidade, conforme o modo pelo qual opera sobre a matéria ou une-se a ela. Associada à substância organizada, a energia se transformaria em vida, em inteligência, etc. E do mesmo modo que a matéria em movimento tende ao repouso, em consequência do que se chama em mecânica *a degradação da energia*, e perde sua *energia dinâmica*, do mesmo modo a matéria organizada e viva, sob a influência de uma lei análoga à da degradação, perderia, por sua vez, a energia dinâmica, isto é, *vital*, que, assim como o elemento motor do qual acabamos de falar, voltaria ao grande reservatório comum da *energia potencial* para onde, como já vimos, tendem, “no fim dos tempos”, todas as forças do Universo: seria sempre o *aniquilamento imediato* para a consciência; seria, como se diz ainda – sem saber exatamente porquê – o regresso ao Inconsciente.<sup>7</sup>

Peço ao leitor que preste toda a atenção ao que precede, porque ulteriormente havemos de prosseguir no estudo desta questão. O leitor verá que se pudermos conceber, a rigor, que a matéria e a energia sejam em sua origem uma coisa só, os fenômenos psíquicos, sobre os quais chamarei sua atenção, forçam-

nos a reconhecer um terceiro princípio que, juntando-se à dualidade matéria-energia, dá uma das formas desta trindade, aliás encontrada na base de todos os sistemas religiosos esotéricos, isto é, científicos, da antiguidade. Em todas as épocas, como em nossos dias, esta trindade tem sido consciente ou inconscientemente revestida de símbolos variados, pelos que têm representado papel de mediadores entre o céu e a terra. E assim é que a Natureza tem sido oferecida à adoração dos homens.

Já prevejo as objeções que me serão opostas; serei, sem dúvida, acusado de copiar Pitágoras e seu mestre Ferecyda, a quem Heródoto, em frases veladas, e Cícero sem reservas, censuram pelo plágio dos sistemas indo-egípcios e por se apropriarem deles. Sobre este ponto, peço ao leitor atenda ao que está escrito na introdução deste livro.

Ademais, será objeção séria dizer: “Isto não é novo?”. As doutrinas materialistas, hoje em voga sob o nome de mecanicismo ou de positivismo, que quase todas conduzem ao niilismo, são por acaso tão novas? Não, decerto: todas essas diferentes doutrinas são tão velhas umas quanto as outras. Não seria um pensamento niilista que inspirava Salomão quando este escrevia: “Quem sabe se o espírito do homem sobe a regiões superiores? Quanto a mim, meditando a respeito da condição dos homens, vi que ela era a mesma dos animais. Seu fim é o mesmo; o homem morre como o animal; o que resta de um é igual ao que resta do outro; *tudo é nada*.” (Eclesiastes, 3: 17 e seguintes.)

Esta parece ter sido também a opinião de Moisés, porque nos escritos que a crítica moderna lhe atribui não se descobre menção alguma da alma como entidade sobrevivente à destruição do corpo.

Da parte de Salomão, esta dúvida – porquanto ele se exprime como quem duvida – nada tem que possa surpreender: apesar da sua reputação de sabedoria, o filho de David parece não ser precisamente um adepto da “sabedoria” antiga. Entretanto é natural admirarmos o ver Moisés, que era um hierofante dos templos de Tebas e Heliópolis, guardar silêncio nesse ponto. Um homem dessa envergadura deve evidentemente ter sido levado por uma razão superior para assim proceder; e não serei eu quem

ouse criticar os atos desse gênio verdadeiramente divino, que soube dirigir e manter, como se ela estivesse presa em suas mãos, uma turba de bárbaros, escória de uma população que era expulsa do Egito em época de grande miséria no país, então sobrecarregado de estrangeiros, segundo refere Diodoro da Sicília, livro XXXIV e XL, e que fez dessa turba um corpo de nação cuja longevidade, com as instituições que ele lhe impôs, ainda assombra o mundo depois de muitos milhares de anos.

Se formos mais longe, para o Oriente, encontraremos a destruição, o aniquilamento das partes do todo, apresentados sob um aspecto mais atraente e desejável, sob o nome de *Nirvana*. A Igreja budista, principalmente a do Sul, parece haver adotado por *credo*, a acreditar-se nos que conversaram com o papa Sumangala – estas palavras atribuídas a Buda, e que Volney, em suas *Ruínas*, põe na boca de sábios religiosos, chineses e siameses:

“Eis a *doutrina interior* que Fot (Buda), no seu leito de morte, revelou pessoalmente a seus discípulos:

Todas estas opiniões teológicas – disse ele – não passam de quimeras; todas estas narrativas da Natureza dos deuses, de seus atos, de suas vidas, são apenas alegorias, emblemas mitológicos, sob os quais se escondem idéias engenhosas de moral e o conhecimento das operações da Natureza, no jogo dos elementos e na marcha dos astros.

A verdade é que *tudo se reduz ao nada*; que tudo é ilusão, aparência, sonho; que a *metempsicose moral* não é mais que o sentido figurado da *metempsicose física*, desse *movimento sucessivo*, pelo qual os elementos de um *mesmo corpo*, que não perecem, passam, quando ele se dissolve, para outros *meios* e formam outras combinações. A *alma* não é mais que o *princípio vital*, resultante das *propriedades* da matéria (isto foi escrito em 1820, 7ª edição) e do jogo de elementos existentes no corpo, onde elas criam um *movimento espontâneo*. Supor que este *produto* do jogo dos órgãos, nascido com eles, adormecido com eles, subsiste quando os órgãos não mais existem, é um romance talvez agradável, mas realmente quimérico, fruto de imaginação iludida. O próprio

Deus não é senão o *princípio motor, a força oculta espalhada nos seres, a soma de suas leis e propriedades, o princípio animador*, em outras palavras, *a alma do Universo*, a qual, em razão da infinita variedade de suas relações e operações, considerada ora como *simples* e ora como *múltipla*, agora como *ativa* e logo como *passiva*, apresentou sempre ao espírito humano um *enigma insolúvel*. Tudo quanto ele pode compreender de mais claro, nisto, é que a matéria não perece nunca; que ela possui essencialmente propriedades pelas quais o *mundo* é regido como um ser vivo e organizado; que o conhecimento dessas *leis*, em relação ao homem, é o que constitui a *sabedoria*; que a *virtude* e o *mérito* residem na observância delas, e o *mal*, o *pecado*, o *vício*, em sua *ignorância* e infração; que a *felicidade* e a *infelicidade* resultam delas, pela mesma *necessidade que faz as coisas pesadas descenderem e as coisas leves subirem*, e por uma fatalidade de causas e de efeitos cuja cadeia vai do último átomo até aos mais elevados astros. Eis o que foi revelado no leito de morte pelo nosso Buda-Sidarta Guatama.”

Sabemos hoje, de boa fonte, que a doutrina tão brilhantemente enunciada, e em tão poucas frases, constitui o hermetismo de numerosas seitas orientais; mas julgo não me enganar dizendo que Volney, nesta magnífica tirada, descobriu seus próprios sentimentos. Seja como for, as concepções, bem como as expressões, são exatamente as mesmas encontradas hoje na exposição de doutrinas filosóficas, que certos homens modernos imaginam talvez ter inventado.

Sem falar dos filósofos gregos, eu poderia escrever um volume inteiro de citações semelhantes, provando a remota antiguidade das doutrinas materialistas: cumpre-me porém ser breve.

O aniquilamento com que, no fim de contas, as diferentes filosofias ou teosofias fazem fechar *mais ou menos cedo, ou tarde*, o destino da consciência humana é uma consequência do Panteísmo, aonde vai ter quem começa a raciocinar, tomando por base e por guias não os sentimentos de ocasião, mas os dados científicos, positivos e estabelecidos.

Não devemos repelir uma teoria só porque ela é contrária às nossas aspirações: as coisas nem sempre correm na medida dos nossos desejos. Exemplos: Nós nunca desejamos adoecer, e sofremos; não queremos envelhecer, e caímos na decrepitude; não desejamos absolutamente morrer, e nenhum de nós escapa absolutamente da morte; e assim por diante. E se, como pensava Candide, tudo no fim dá certo..., talvez seja necessário e bom que todas estas contrariedades nos sucedam, bem como outras que desejaríamos poder evitar! Lembro-me que, quando eu era menino, irritava-me se me diziam que meu avô não tinha sido sempre velho e coberto de cãs, e que um dia eu seria como ele, “se Deus me desse vida”.

O Panteísmo era a grande doutrina hermética dos antigos laboratórios e institutos (templos). Acreditando em Strabão, eis, a esse respeito, quais eram as idéias de Moisés, de quem falei mais acima. Segundo o citado geógrafo grego, o grande legislador hebreu professava o puro Panteísmo. Além disso, teria ele escrito – se é que escreveu – “Deus fez o homem à sua imagem” se isto não tivesse acontecido? Strabão diz isto (Georg., livro XVI):

“Moisés, que foi um dos sacerdotes egípcios, ensinou que era um erro monstruoso representar a divindade sob a forma de animais, como o faziam os egípcios, ou sob traços humanos, como é costume de gregos e africanos. *Só é divindade* – dizia ele – *o que compõe o céu, a Terra e todos os seres, o que chamamos mundo, a universalidade das coisas, a Natureza...* Eis por que Moisés quis que essa divindade fosse adorada sem emblemas e sob sua própria natureza.”

Vergílio também disse:

“O Espírito conserva a vida dos seres, e a alma do mundo, espalhada em seus vastos membros, agita sua massa (*mens agitat molem*) e constitui um corpo imenso.”

\* \* \*

Fica, pois, provado que espíritos profundos e sutis, cujo gênio em nada é inferior aos pensadores modernos, discutiram entre si os mesmos pontos obscuros, sobre os quais ainda hoje se discute,

e isto pela mesma razão imanente: os filósofos de todas as épocas observaram que, desde o momento em que os homens discutem sobre objetos colocados fora do alcance de seus sentidos, cada um deles julga desses objetos segundo seus caprichos, ou tendências do seu espírito, ou ainda, como se costuma dizer, com o sentimento próprio; ao passo que acabam sempre chegando a um acordo em suas apreciações, quando observam coisas que podem ser submetidas aos seus sentidos. Mas a Ciência tem progredido; maravilhosas descobertas vieram à luz, instrumentos admiráveis e preciosos permitir-nos-ão empreender, com a certeza da ciência experimental, estudos que nossos avós, exceto raras iniciativas, não podiam abordar senão com auxílio do método *a priori*.

Os filósofos não estarão longe de modificar e identificar as suas opiniões, no dia em que puserem em evidência e estudarem, *com seus sentidos e instrumentos*, o terceiro princípio a que mais acima aludi – ou, pelo menos, suas manifestações – o terceiro termo do trinômio do qual já estudam duas expressões sob os nomes de *matéria e energia*.

Neste momento, veremos – o que à primeira vista parece paradoxal – que espiritualistas e materialistas, buscando honestamente, embora por caminhos diversos, descobrir a verdade, não estão longe de se entenderem, como parece, em princípio. Assim sucede com os trabalhadores que perfuram os túneis. Vão, divididos em duas turmas, atacando cada qual um dos flancos opostos da montanha; um dia encontrar-se-ão em determinado ponto, do mesmo modo que as seitas filosóficas, mesmo antagonistas, ficarão, pela queda do véu que as separa, reunidas em uma comunhão de idéias primordiais e fecundas.

Veremos, na continuação deste trabalho, que esta opinião se apóia em outras bases que não em um romance, talvez agradável, mas realmente quimérico, da imaginação iludida.



# PARTE TERCEIRA

## Perquirição do terceiro elemento do Universo e do homem

### Capítulo I

Estudo comparado do microcosmo e do macrocosmo. – Dois elementos similares incontestados num e noutro. – A matéria do corpo humano é a mesma matéria ambiente. – Somos os netos do Sol. – As forças do corpo humano são emprestadas da energia universal. – Relativamente à matéria e à energia o homem é eterno. – Método para a pesquisa do terceiro elemento pelo raciocínio. – É em si mesmo que o homem acha a explicação do Universo. – Existe inteligência no mundo. – Inteligência. – Energia. – Matéria. – Um dilema insuperável. – Argumentos tirados das lesões cerebrais em favor das idéias materialistas. – Argumentos especiosos. – Só a experimentação pode produzir o acordo. – Haverá provas materiais da existência da alma?

---

Depois de apresentado um quadro resumido da constituição do Universo e do homem, segundo os dados da ciência vulgar, chegou o momento de fazermos um estudo comparado do Cosmos, no Universo e no homem, para procurarmos as semelhanças ou as analogias que podem ser encontradas num e noutro.

Vimos que no macrocosmo há duas coisas nas quais se reconhece uma existência incontestável, a saber: a matéria e a energia, mesmo admitido que a primeira nada mais seja do que uma aparência, ou antes, uma emanção da segunda.

De outro lado, no homem, os fisiologistas da escola atual, que mostram não prestar atenção ao que precede, não quiseram ver nas manifestações da vida, e até da inteligência, senão *propriedades da matéria*.

Importa antes de tudo fixar um ponto: está bem demonstrado que a matéria componente do corpo humano é absolutamente a mesma matéria ambiente: nenhum elemento químico se encontra

no corpo do homem, que não exista no solo que nos alimenta, no “limo” que nos formou. Conforme disse mais acima: o corpo do homem é uma emanção material do planeta, onde ele, homem, faz a travessia do espaço.<sup>8</sup> Como exigirmos que essa matéria se comporte de modo diferente da outra e tenha propriedades distintas?

Deve-se estabelecer, em princípio, que os movimentos executados pelo homem, seu calor animal, a circulação do sangue e fluido nervoso, as vibrações da matéria cerebral, etc., não são absolutamente propriedades da matéria de que ele é formado, porém modos da energia universal, manifestando-se segundo os fins da vida, por intermédio da matéria agenciada molecularmente, de uma forma especial para esse fim.

A causa foi tomada pelo objeto, como se havia tomado o Sol pelo satélite, o luminar da Terra: e seria mais justo dizer-se: *a matéria é uma propriedade da energia*, do que afirmar o contrário.

Verificamos, por conseguinte, no homem, microcosmo, exatamente o que todos estão de acordo em reconhecer no macrocosmo, isto é, matéria e energia, apresentando-se ambos sob formas variadas.

Poderíamos prolongar esta análise e mostrar que, em matéria e em energia, o homem é imortal e mesmo eterno, porque é formado de matéria e de força, podendo ambas experimentar transformações em sua aparência, mas permanecendo sempre as mesmas em sua essência.

Apressemos-nos, porém, em dizer que se o homem fosse todo ele força e matéria, sua personalidade não subsistiria por mais tempo do que a combinação desses dois elementos, porque nenhum deles é *ele*.

\* \* \*

Entretanto o homem, o filósofo, elevando-se acima dos objetos materiais para melhor dominá-los, mergulha o pensamento na extensão infinita para aí procurar a solução de dois mistérios: o mistério do mundo e o mistério que ele mesmo é. Contempla a abóbada celeste e os astros; considera ansiosamente o Universo

onde, átomo, ele está perdido. Para que nada o perturbe, procura abstração de tudo quanto aprendeu até então.

Um fato lhe impressiona imediatamente o olhar: *existe alguma coisa*; esta alguma coisa é a *matéria*.

Um segundo fato lhe atrai quase logo a atenção: essa matéria *move-se*. Mas, logo o homem percebe que ela não se move por uma virtude própria, visto como é inerte, e que, sendo assim, não pode mover-se; o exame mostra-lhe que esse movimento, todas as suas conseqüências e transformações, são manifestações da *energia*.

Depois de ter verificado que tudo, até este ponto do exame, se reduz a mostrar *dois princípios* aos quais podem ser referidos todos os fenômenos de que ele é testemunha, o homem detém-se espantado e desiludido. A energia pode dar-lhe a razão da existência da matéria; mas, que é a energia e donde vem, que encerra ela?

Em vão ele dirige longamente seu olhar para os mundos, os quais continuam majestosamente trilhando o caminho que uma sábia e invisível mão parece ter-lhes traçado nos céus. Desespera de nada aprender desse grande Universo solene, mudo para ele, e, todavia, animado. Por mais que interrogue as estrelas, a Lua e o Sol e os planetas, todos esses gigantes das profundezas inabordáveis permanecem surdos à sua voz.

Então, só resta ao homem regressar à sua própria natureza, auscultar o seu viver e analisar-se a si mesmo.

Vê, em si, a princípio, um corpo feito de matéria emprestada da matéria ambiente: esse corpo *emprestado* não lhe pertence, pois que deve ser privado dele um dia; restitui-lo-á à Terra, da qual o recebeu e o formara, no dia do vencimento da letra, que chegará inevitavelmente a cada qual por sua vez. Quanto mais ele se analisa, mais acha a sua matéria semelhante à *outra*.

Depois, ainda encontra em si, sob aspectos tão variados como os da matéria, essa *energia*, cujos efeitos viu nas coisas que o cercam.

Até aí, *compreende* que é feito de matéria e de energia universais; *mas*, como foi que ele *compreendeu* todas essas coisas?

com o auxílio da matéria, com o da energia, ou com o de ambas? Mas, então, a matéria e a energia universais seriam, porventura, inteligentes?

Vendo os efeitos da morte e a *inércia* de um cadáver, ele deduz do fato que a matéria insulada não *compreende* nem *pensa*.

Analisando as variedades de energias e vendo que elas não servem senão para entreter as funções da matéria organizada, ou para executar as ordens da vontade consciente e inteligente, concluiu daí haver *compreendido* o que *queria compreender*, com *alguma coisa* que não é nem a sua matéria nem a energia, e dá a *isso* o nome de *inteligência*.

Conhecendo sua própria natureza, o filósofo prossegue logicamente do conhecido ao ignoto e diz consigo mesmo que, sendo a sua matéria e energia tiradas da ordem universal, a inteligência deve ter a mesma origem: *adivinhou o terceiro elemento do Universo*; viu e compreendeu que, *simultaneamente com a matéria e com a energia, existe a inteligência do mundo*.

O homem sentiu que, para ter uma idéia do Universo, era mister se estudasse e se compreendesse; porque não podemos penetrar a essência do mundo pelo que dele vemos, do mesmo modo que seria impossível, a um ser dotado de inteligência como nós, compreender o homem, se as suas dimensões só lhe permitissem estudar uma porção microscópica do mesmo; por exemplo: alguns glóbulos do sangue que circula em um vaso capilar.

\* \* \*

De fato, não podemos sair deste dilema: ou há uma inteligência *única* no Universo, uma inteligência donde emanam numerosas inteligências limitadas, como a matéria em objetividades limitadas emana da energia, que por sua vez procede de um princípio superior; ou então a matéria e a energia são dotadas de inteligência. Por que, pois, somente a matéria, que compõe o cérebro do homem, fabricaria inteligência? Não existirá, na substância universal, qualquer outra matéria tão própria a produzir idéias, como a pequena massa de polpa gordurenta e fosfatada, que compõe a parte intelectual do nosso cérebro? Estabelecer esta questão é, de algum modo, resolvê-la.

Um dos grandes argumentos de batalha dos que só querem ver nas manifestações intelectuais um simples produto de não sei que acaso, autor de um agenciamento caprichoso da matéria organizada do cérebro, consiste no seguinte: o homem mais brilhantemente dotado de qualidades de espírito pode tornar-se um bruto, vivendo unicamente da vida vegetativa, em consequência de uma simples pancada na cabeça, ou após uma intoxicação, lesão apoplética ou outra qualquer, da substância cerebral. E dizem: “Vede a vossa inteligência e a vossa alma; basta a ruptura de uma pequena artéria ou que ela se oblitere em qualquer ponto do encéfalo, para que o orador mais eloqüente fique afásico, isto é, mudo, e o homem mais espirituoso fique idiota e repulsivo! Não está aí uma prova suficiente de ser a inteligência uma simples propriedade da matéria, pois que, quando esta fica lesada, nada mais existe?...”

Não, isso não é prova suficiente. Se usarmos de um processo, de que nos utilizaremos ainda nas necessidades da demonstração, e se supusermos conhecidas a existência da inteligência independente, será evidentíssimo que, se para determinado fim, ela se une à matéria, dedicadamente grupada, finalmente organizada, como é a substância que compõe o cérebro, uma perturbação mais ou menos pronunciada se dará em suas manifestações, desde o instante em que essa matéria sofra uma desorganização qualquer.

Confesso, todavia, que fora da experimentação os argumentos de razões contrárias não valem uns mais que os outros, do ponto de vista rigorosamente científico. Podemos dizer ainda, por exemplo: negar “a alma”, porque ela não funciona mais, quando a matéria que lhe serve às manifestações está doente ou destruída, é como negar a existência do vapor, quando, depois de um acidente na caldeira ou no cilindro, a máquina pára. Ou também: o melhor dos artistas não poderia dar nenhuma idéia do seu talento, se tocasse um violão ao qual faltassem cordas, ou um piano cujas escalas estivessem incompletas, etc. Mas é mister reconhecer que, neste caso, como em muitas outras circunstâncias, comparação não é razão.

Nem materialistas, nem espiritualistas se convenceram mutuamente, apesar da sutileza de seus argumentos, apesar da superioridade de inteligência e do desejo sincero da verdade, que são reconhecidos nuns e noutros. E isto sempre pela mesma razão... não nos podemos entender – e muitas vezes mesmo após longo exame – senão a respeito de objetos que caem e, de alguma forma, ficam sob nossos sentidos.

Sendo assim, como pudestes afirmar que os filósofos chegariam um dia a ficar de acordo neste ponto – dir-me-ão talvez – porque é principalmente da questão da existência da “alma” que quisestes falar, questão primordial entre todas? A resposta será bem clara.

*Podemos ter provas materiais da existência da alma.*

Esse fato não deixa dúvida alguma no meu espírito: a Ciência poderá estudar, doravante, quando quiser, o terceiro elemento constitutivo do macrocosmo, como estuda os outros dois elementos, que ela compreenderá então muito melhor, isto é, a *matéria* e a *energia*.

É o que vamos demonstrar.

## Capítulo II

### Fisiologia transcendente

Exame retrospectivo. – Existência *comaterial* e *abmaterial* da inteligência. – A inteligência independe da matéria. – Os fenômenos denominados espiritualistas apóiam essa tese. – Ainda não conhecemos muitas coisas. – Não há saber sem trabalho. – Diferença entre o que pensa e o que não reflete sobre coisa alguma. – A hora da apreciação científica. – Ela soou para cada coisa a seu tempo. – Leito de Procusto das idéias e dos fatos. – Já se passou o tempo em que se devia primeiro provar a existência dos fatos psíquicos. – Não faltam investigadores inteligentes e instruídos; logo, já não há necessidade de procurar convencer, principalmente os que não querem ver, para não ficarem convencidos.

---

No momento de examinar o valor de certos fenômenos psíquicos observados no homem sob o ponto de vista da demonstração que empreendi, convido o leitor a fazer uma curta pausa e lançar um olhar para trás. Agora que chegamos a este ponto da análise das coisas, cujo ensaio havemos tentado, podemos abranger, num lance de vista geral, os vastos campos que acabamos de percorrer e sobre cujas fronteiras passamos sem tempo de lhe investigar o interior. Sendo possível, completaremos este exame algum dia. Com esse intuito, já observei que o presente trabalho não tem a pretensão de tratar a fundo do assunto que nos ocupa. Toda a ambição de quem escreve estas linhas consiste em tentar *fazer pensar*, seguindo, nisto, o conselho do autor do *Espírito das Leis*.<sup>9</sup>

Sim, tentar fazer que pensem é o que desejo, esperando possa este livrinho cair, um dia, como a boa semente do Evangelho, em terreno bem preparado. Eis por que eu quis ser breve, sabendo, antes de tudo, que os livros volumosos são pouco lidos em nossa época de vapor e eletricidade. E depois, finalmente, como disse Paul-Louis Courier, não é preciso muitas páginas para dizer-se as melhores coisas.

Mas, como propus há pouco, passemos em revista, nalgumas linhas, os pontos tão rapidamente percorridos.

Nesta análise, em primeiro lugar, estudamos sumariamente o macrocosmo. Lançando um olhar sobre nosso planeta, antes de deixá-lo, começamos nosso estudo do Universo animado, partindo do átomo incompreendido para nos lançarmos no espaço em busca da formação e do fim dos mundos.

Depois, na segunda parte deste trabalho, procurei dar uma idéia do microcosmo, mostrando, primeiro que tudo, as opiniões das principais escolas sobre sua constituição. Vimos que o homem, assim como o mundo, encerra certos princípios: primeiramente a *matéria* e a *energia*. Isso nos conduziu a examinar comparativamente o Universo e o homem num terceiro livro.

Nesta terceira parte, reconhecemos que, além da matéria e da força, existe a inteligência no mundo, como no ser humano, a menos que se admita seja uma só substância, caso a inteligência fosse unicamente um produto da matéria, isto é, seja a substância cerebral do homem a única matéria, no Universo inteiro, capaz de produzir o que denominamos fenômenos intelectuais.

Resta-me, agora que o raciocínio nos permitiu reconhecer o que denominei o terceiro princípio ou elemento, tanto no macrocosmo como no homem; resta-me, digo, mostrar esse terceiro princípio do homem, princípio livre e independente, aliás, o primeiro em importância. Talvez me seja permitido fazer entrever a persistência desse elemento, isto é, da *inteligência consciente* sobrevivendo à decomposição da matéria, à qual se achou momentaneamente unida, sob as aparências do corpo humano. Em outros termos: mostrar a possibilidade da existência *abmaterial* da inteligência, depois da sua existência *comaterial*; tal é o fim a que me proponho.

É uma empresa audaciosa, mas não temerária: hoje nada mais tenho que arriscar, porque depois de haver feito, no intuito de começar esta demonstração, um livro que foi lançado no índice, tanto em Paris como em Roma, que raio posso eu temer, doravante, exceto os raios do céu? Este, até ao presente, parece nunca ter dado importância à opinião, nem à religião daqueles a quem fere, deixando ao céu, sem dúvida, o cuidado de “reconhecer os seus”; mas os homens, estes, escolhem e... enganam-se, o que é



pior, porque, por tendência, condenam e ferem mais vezes o justo do que o injusto.<sup>10</sup>

Não desejaria que enxergassem algum azedume no que precede, porque não existe nenhum em meu espírito, e perdão de coração aos que se julgaram bastante puros para me lançarem a primeira pedra: a verdade, cuja aurora se aproxima, será a minha vingadora, e o que me encanta é que ela brilhará tanto para os seus detratores quanto para os amigos da véspera. Os verdadeiros justos que a defenderam, quando havia perigo em fazê-lo, de novo se recolherão à sombra, esquecidos das injúrias recebidas por ela, e sem reclamarem “as honras depois de haverem sofrido os trabalhos”. As honras serão, sem dúvida, para os que, depois de a haverem repellido outrora, batizarem-na com algum novo nome latino, quando a tiverem, enfim, reconhecido.

A verdade é esta: A inteligência existe fora da matéria, tal como nós a concebemos ordinariamente; e declarando, mais uma vez, que não sou um *modern spiritualist*, afirmo que todos os fenômenos denominados espiritualistas, pondo de parte a teoria do mesmo nome, são absolutamente reais, o que não quer dizer seja impossível a simulação dos mesmos, até certo ponto. Esses fenômenos chegam, pois, em apoio da minha tese, e é o que espero demonstrar.

Não importa! Será “grande vergonha” para muitos sábios atuais a sua obstinação em desconhecerem um fato tão capital, o qual, especialmente há um quarto de século, se apresenta continuamente ao seu exame. O castigo desses homens será no fim da sua carreira, terem a convicção de que *erraram* a vocação e que, *pretensos* sábios, morreram ignorando a coisa mais importante que lhes fora dado conhecer. Mas, paciência, ainda uma vez; a geração que cresce carecerá, indubitavelmente, de ser contida, tão forte a reação há de chegar. E nós, a quem desprezais, senhores, nessa hora, defender-vos-emos contra o desprezo dos vossos sucessores. “Perdoai-lhes – diremos como o supliciado do Gólgota –, eles não sabiam o que faziam.” Não podiam sabê-lo, e entre os motivos *confessáveis* que os desculpam, há este: que os negócios *pequenos* da vida ordinária, da sua existência vulgar, estavam muito perto dos seus olhos; de modo que, ocupando-lhe

todo o campo visual, impediam esses pobres míopes de ver as reais e grandes coisas que estão além. Simples questão de ótica.

\* \* \*

Hoje, ninguém ousaria dizer que não nos resta nenhuma grande descoberta a fazer, apesar do estado atual da Ciência. Em períodos anteriores ao nosso, houve homens que, contemplando o estado dos conhecimentos do seu tempo, ousaram declarar que não supunham ser possível atingir-se um grau de civilização ou de ciência mais elevado. Mas hoje, que mais temos estudado, visto como o caráter próprio do verdadeiro saber é tornar-nos conscientes da ignorância relativa do homem, não ouviremos dizer: “*non plus ultra*”, porém sim: “*excelsior*”?

Não vos esqueçais, entretanto, ó geração nova, de que ides entrar, cheia de ardor, nesta carreira onde, se louros gloriosos vos aguardam, não podereis colhê-los para ornar vossa frente, sem lutas e sem perigos. Porque da nova ciência bem se pode dizer que está cercada de penhascos abruptos.

*Ardua vallatur duris sapientia scrupis.*

Não insistirei mais nesse assunto por agora, reservando-me para indicar mais tarde os perigos que podemos correr no estudo dos fenômenos de que falei acima: *experto crede Roberto*.

\* \* \*

Vi e estudei *centenas* de fatos de tal forma convincentes, que se eu não conhecesse o espírito dos sábios de profissão, ficaria admirado de não estarmos mais adiantados em Psicologia. Lendo os trabalhos recentes em que essas questões são tratadas de maneira muito inconsiderada, sinto-me tentado a exclamar a cada instante: Quem foi, ó deuses poderosos! que colocou esta espessa faixa de matéria sobre os olhos dos mortais, para que eles confundam continuamente a realidade com a ilusão e a mentira?

Convenho que observai coisas que poucos homens têm tido oportunidade de ver; mas foi porque, despertada a minha atenção por um fato dos mais simples, quis saber e gastei tempo em procurar.

Não há bem que não custe desgostos, nem saber sem o tributo do trabalho. Como disse Schopenhauer, já citado: a verdade não há de vir saltar-nos ao pescoço. É mister procurar, é preciso pensar.

Pensar! Ah! eis a dificuldade: quem não reflete, acha perfeitamente natural tudo o que tem costume de ver; nasce, vive, depois morre sem haver perguntado a si mesmo porque existe alguma coisa. Ao contrário, perturba-o o menor incidente que se não pareça com os da sua existência banal. Não acontece assim com o que pensa, pois o menor inseto, o mais insignificante raminho de erva, a mínima célula do vegetal ou do corpo dos animais são o objeto da sua meditação e admiração. Estas duas espécies de indivíduos são encontradas tanto nas profissões liberais quanto entre os simples pedreiros.

\* \* \*

O que se passou até hoje no mundo científico, a respeito dos fatos de que quero falar – fatos de “sonambulismo lúcido”, de vista a distância, de transmissão de pensamento e de fenomenologia “espiritualista” – lembra-me a história daquele microscópio que foi apresentado ao papa Leão X em princípios do século XVI (1520). O instrumento foi considerado como muito curioso, capaz de divertir um amador, mas a ninguém ocorreu a idéia de tirar dele o partido que só devia ser conhecido 300 anos mais tarde. O que chamarei “*a hora da apreciação científica*” não tinha soado.

Peço respeitosamente permissão aos srs. membros dos Institutos e das Academias para anunciar-lhes que a hora da apreciação soou para os fenômenos estudados nesta *Análise das Coisas*, apesar do ardor que foi empregado em atrasar o relógio. E tenho o desgosto de acrescentar que, se não for em seu favor, será, a seu pesar, talvez contra eles, que a apreciação se fará. Chegou a hora, que tem sua vez para cada descoberta: é uma lei cuja aplicação vai de novo realizar-se.

\* \* \*

O passado encerra muitos fatos instrutivos: acaso todas as grandes descobertas não encontraram oposição tanto mais viva quanto mais chocavam as idéias admitidas? Sede prudentes em vossas negações *a priori*. Mas não, a história, digam o que quiserem, não parece instruir os homens; assim, há três anos fiz uma observação que considero interessante, e é a seguinte: na casa de um editor parisiense, apareceram três livros com pequenos intervalos. O primeiro tratava de sugestão hipnótica, o segundo de sugestão mental e o terceiro de fenômenos espiritua- listas. Esses livros tinham por autores três eruditos, três médicos. Quando o primeiro livro apareceu, encontrou no mundo científi- co numerosos incrédulos, que, aliás, penso estarem *quase* todos convertidos hoje. Nesse livro, que continha a exposição de experiências de hipnotismo muito curiosas, o autor não admitia a *sugestão mental*, que era sustentada, com provas em seu apoio, pelo autor do segundo livro. Mas este último, por sua vez, con- cluía por uma tirada de lamentação sobre a *perda, para a Ciên- cia*, de um colega que se constituíra conscientemente o defensor dos fenômenos espíritas, por não ter adivinhado que estes fenô- menos são apenas uma variedade da sugestão mental, onde o *inconsciente* do médium desempenha o papel de protagonista! Nada direi do terceiro livro, no qual o autor talvez não se tenha mostrado sempre melhor crítico do que seus colegas, e isto por motivos que o leitor adivinhará.

Esta observação mostra bem a tendência do espírito humano: cada um de nós fez seu papel – que achamos muito bom, natu- ralmente! – e tudo que não se ajusta nele é esquartejado ou acutilado; verdadeiro leito de Procusto das idéias dos outros, e dos fatos que são de todos.

Termino estas observações pedindo ao leitor que nelas não veja mau humor algum: apenas consigno os fatos.

\* \* \*

Nas páginas seguintes, não relatarei nenhuma experiência no- va, se bem que desde a publicação do meu último livro tenha assistido a muitas sessões curiosas e observado grande número de fenômenos interessantes, para só falar disto. De sorte que me

parece fastidioso hoje procurar demonstrar os elementos, os pequenos fatos que, presentemente, a meu ver, só apresentam um interesse muito medíocre, e não desejo perder tempo voltando ao assunto. Era como se me pedissem para ensinar o alfabeto em uma escola de aldeia. E depois, já se foi o tempo em que era indispensável provar-se primeiro a existência do fenômeno psíquico. Como hoje não faltam os investigadores inteligentes e instruídos, não há, absolutamente, necessidade de convencer os que dizem: “Eu nem que visse acreditaria!” Encontrei muitos destes. Estes simplórios acharão sempre alguma coisa a respigar no campo da Psicologia, quando se decidirem, *pede clauda*, a seguir o movimento irresistível que se produziu e cuja torrente vai arrastar e submergir a filosofia moderna.

Por conseqüência, para o estudo da questão *ab ovo*, convido o leitor não iniciado a ler o meu trabalho precedente.<sup>11</sup>

Estudemos agora a *natureza das coisas* no homem.

### Capítulo III

A geração do homem é uma ação microscópica. – Ela é um simples fato, mas um grande fato. – Hipóteses sobre a preexistência e a não-preexistência do *espírito* ao corpo. – A hipótese da formação simultânea do espírito e do corpo é injusta. – Ninguém percebe mais a energia que a inteligência: só lhes percebemos os efeitos. – Como demonstrar a independência do espírito? – Supor conhecida uma incógnita. – Uma parte das faculdades do espírito está imobilizada em funções inferiores às da inteligência. – Mecanismo da ação do espírito sobre as células nervosas. – Polizoísmo de Durand de Gros. – Fatos estabelecendo que o espírito pode receber comunicações por vias diferentes do comum dos órgãos. – Sonhos.

---

Dois elementos microscópicos: uma célula munida de uma espécie de cílio vibrátil, elemento masculino, e outra célula de forma globulosa, elemento feminino, encontram-se: dois pontos quase matemáticos e o homem é procriado.

A célula globulosa transforma-se imediatamente, ela enxerta-se e segmenta-se em multidão de outras células, que virão a ser os órgãos do corpo humano.

Esse encontro de duas células, provenientes de dois seres diferentes, formando um terceiro ser, é um grande *fato*.

Em torno desse fato vão acumular-se a *matéria* e a *energia*.

Mas, admitindo-se a existência como sendo a universalidade da inteligência, irá esta “soprar” sobre a matéria ao mesmo tempo e, da mesma forma que esta última, acumular energia?

Ou então, louvando-nos nas escolas egípcia, caldéia, hindu, onde se inspiraram Pitágoras, os neoplatônicos, os cabalistas, os teósofos e mesmo os “espíritos” dos espíritas modernos, admitiremos que o Espírito é preexistente e já habitou muitos corpos, já viveu muitas vidas?

No primeiro caso, o Espírito, desligando-se gradualmente da *inteligência impessoal*, aliar-se-ia à energia e à matéria em maior ou menor proporção, segundo o valor e a capacidade do recipiente cerebral. A personalidade grupar-se-ia em redor do *grande*

*fato* de que falei mais acima, variando individualmente e ao acaso, guiada arbitrariamente (eu ia dizer injustamente) em sua formação pela hereditariedade, pelo atavismo, pela condição social, pelo meio, pela educação e mil outras circunstâncias causais que não criamos e que concorrem para nos atenuar a responsabilidade *peçoal* em tão larga medida.

Os que sustentam não existir o acaso, não admitiriam esta hipótese e prefeririam com certeza adotar a segunda: *preexistência da inteligência emanada e personificada*, vivendo alternadamente em estados *comateriais* e *abmateriais*. A desigualdade da sorte dos homens poderia, assim, ser explicada pelos méritos e deméritos anteriores. Mas, sendo o espírito preexistente, em que momento esse glóbulo intelectual, virtualmente dotado de todas as suas potencialidades futuras, se uniu à matéria-energia? Seria após a segmentação completa do óvulo, a formação distinta das diferentes folhas blastodérmicas, estando o cérebro assim localizado em seus elementos formadores? Não se fará a união progressivamente? Em todo caso, muito tempo antes do nascimento começaria essa “espiritualização” da matéria. O Espírito, assim recolhido em sua tríplice prisão de carne, “flutuaria sobre as águas”, durante três vezes três ciclos lunares, mais ou menos antes de aparecer à luz do dia.

\* \* \*

Seja como for, eis o homem feito; estudemo-lo.

Desse homem, o que se percebe à primeira vista – como no exame do macrocosmo – é a matéria, isto é, o seu corpo. Esse corpo move-se sob a ação de várias forças provenientes da energia. Ninguém percebe essa força, como ninguém percebe a que anima o mundo: apenas lhe vemos os efeitos. Dá-se o mesmo com a inteligência. É conhecido algum efeito sem causa?

Por minha parte, tenho alguma razão para pensar que o espírito consciente de sua individualidade preexiste à matéria do corpo, mas não julgo ser agora tempo de expor essas coisas.<sup>12</sup> Supondo mesmo que assim não aconteça e que a inteligência individualizada se forme ao mesmo tempo em que a matéria for atraindo os elementos da inteligência impersonificada – trata-se

de *demonstrar* que, uma vez formada, essa inteligência individualizada é, até certo ponto, independente da matéria nervosa, durante a vida, e que persiste após o desaparecimento do corpo.

Bem sei que para muitos homens instruídos, nos quais apenas quero apoiar-me, esta demonstração *experimental* já não precisa ser feita. E não falo dos crentes, mas dos homens que *sabem* e só confiam na razão, fiscalizando as provas fornecidas pelos sentidos. Mas, não é para eles que eu escrevo, e a forma deste trabalho, tenho a certeza, não lhes deixará dúvidas a esse respeito.

A quem ainda não teve tempo ou ocasião de adquirir estes conhecimentos, peço fazer-me uma concessão: vamos como na álgebra, e para facilitar as nossas operações, supor conhecida uma incógnita. Assim, admitamos a alma, o espírito, a inteligência, ou qualquer que seja o nome dado a essa entidade chamada espiritual. Suponhamos a sua existência, depois examinemos, nessa hipótese, o seu papel no ser humano.

No estado ordinário, o espírito, intimamente incorporado à matéria, pode ser considerado privado de grande parte das suas faculdades superiores. Algumas destas faculdades são, por assim dizer, alienadas em proveito de certas funções que elas devem desempenhar sobre o plano anímico, instintivo e vegetativo do ser *comaterial*.

Deixamos, de alguma sorte, de estar dentro de nós mesmos: o espírito não tem mais comunicações diretas com o mundo exterior; está, além disso, freqüentemente mal servido de órgãos. É o que explica o fato de certos indivíduos sonambúlicos serem muito mais “lúcidos” no estado hipnótico, que é um estado *abmaterial* incipiente, um começo de desprendimento desta melhor parte de nós mesmos, que nestes últimos tempos denominaram o *inconsciente*.

Como quer que seja, o espírito disponível normalmente para as funções intelectuais serve-se, do melhor modo que pode, da energia existente no estado de equilíbrio incessantemente instável nos órgãos das manifestações da inteligência. Vou explicar-me: quanto menos estável quimicamente é um corpo composto, menos forte é a influência, a força necessária para produzir uma



modificação em sua composição. A substância que forma as células cerebrais está nestas condições. A força fluídica criada pela célula cerebral é de natureza particular, lembrando por certos aspectos, como vimos acima, o fluido elétrico. Para produzir este fluido – o fluido nervoso – excitador que levará as ordens da vontade aos órgãos periféricos, a célula precisa ser, por assim dizer, polarizada em uma certa direção. E como o *espírito* por si mesmo não pode operar sobre a *matéria*, e para esse fim é obrigado a recorrer à *energia*, a sua ação é facilitada pela natureza de uma substância de composição constantemente variável, como a matéria organizada, e agenciada de modo a produzir, sob o mínimo de influência, à semelhança de um torpedo microscópico, uma pequena descarga de fluido nervoso, que seguirá uma direção determinada e sempre a mesma, no estado normal.

Seria mister o gênio de um Heene Wronski para reduzir toda essa parolice a uma fórmula clara e precisa (para os iniciados), da nova língua matemática que ele inaugurou em nosso século; porque tudo isso redundaria em dizer, resumindo, que *o espírito opera sobre a matéria organizada por meio da energia anímica*.

Deixei compreender que uma parte das faculdades do espírito era imobilizada em funções inferiores às da inteligência (nutrição celular, circulação do sangue e da onda nervosa permanente, funções reflexas, instintos, etc.). Essas faculdades são utilizadas na excitação dos diferentes centros em aparência automotores: cerebrais, do cerebelo, do bulbo, medulares e simpáticos, cujas independências relativas, postas mais em evidência por certos estados patológicos ou psíquicos, fez dizer que o homem era um composto de distintos *eus*, coordenados hierarquicamente, porém tendo cada um em si os caracteres e os atributos essenciais do animal individual. Esta concepção, a que seu autor, Durand de Gros (Dr. Philips), observador muito profundo, deu o nome de *Polizoísmo*, foi principalmente inspirada a esse sábio por delicadíssimas experiências de hipnotismo e de sugestão, que ele observou como filósofo e, ao mesmo tempo, como médico.

Se admitirmos a independência de um princípio intelectual, podemos conceber a razão pela qual, ficando destruída, alterada

ou doente uma parte da substância cerebral, não pode o *espírito* operar sobre esta parte desaparecida, sem transmitir por seu intermédio as ordens de sua *vontade* aos órgãos excitados ordinariamente pelas *células-torpedos*, desde então alteradas ou mortas. Mas, em muitos casos de lesões cerebrais, havendo sobrevivência, um suprimento mais ou menos perfeito se estabelece e podemos admitir, então, que o espírito exerce a vontade sobre outros centros (memória, palavra, movimentos, etc.), e transmite suas ordens por caminho afastado, indireto, em uma palavra, desacostumado. Isto acontece principalmente quando a destruição dos órgãos cerebrais se produz lentamente. Os casos de afasia curada, persistindo a lesão da circunvolução de Brocá; a integridade das funções de toda natureza, apesar da atrofia de um hemisfério cerebral, são fatos que não alteram em coisa alguma a tese que apresento.

\* \* \*

Até aqui ainda não apareceu nenhuma boa razão para se admitir sem debate a existência do *espírito* independente; e os argumentos que podem ser tirados do que precede têm sido mais de uma vez apresentados com maiores desenvolvimentos e esforços, no intuito de convencerem. Se os adiantei, foi apenas por espírito de método, porque conto muito mais com a experimentação do que com o raciocínio simples ou discussão sem fatos. Os fatos psíquicos vão, com efeito, dar-nos demonstração mais completa. Apresentá-los-ei, quando possível, por ordem de intensidade, de alguma sorte crescente, permita-se-me a expressão.

Examinemos, em primeiro lugar, o caso em que o espírito, em circunstâncias quase normais, percebe a existência de acontecimentos afastados no espaço. Por exemplo, durante os sonhos. Todos já temos ouvido repetidas narrativas de sonhos que são como a cópia de um acontecimento atual, ou mesmo futuro; mas deixo de parte a questão do futuro. Poderia, extraindo de diferentes autores, citar numerosos exemplos nesse sentido. Cingir-me-ei a alguns casos que são da minha observação pessoal.

Eis os fatos: Uma senhora de minhas relações contou-me muitas vezes que, na idade de vinte anos, quando morava em A..., teve um sonho, cuja personagem principal era um jovem que a pretendia em casamento. A fisionomia desse homem, que ela absolutamente não conhecia, inspirava-lhe desconfiança, e então a senhora tratava de evitá-lo. Despertando-se, havia conservado esse sonho bem presente na memória, como aliás sucede à maior parte dos seus sonhos, segundo disse.

Até aqui nada há de extraordinário; mas, de manhã, tendo saído de casa, a moça seguia por uma rua pouco freqüentada, que conduzia ao porto, quando subitamente viu, à porta de uma cervejaria, o mesmo jovem do sonho, de pé, olhando-a. Vivamente surpreendida, foi-lhe preciso grande esforço para não cair sem sentidos.

Obtendo-se informações do proprietário da cervejaria, que mantinha relações com a família da moça, o jovem recém-chegado de além-mar à cidade, aonde vinha pela primeira vez, havia desembarcado naquela manhã mesmo e estava hospedado na cervejaria de um seu parente, com quem vinha associar-se. Mais tarde, o moço em questão, tendo ouvido, sem dúvida, falar do sonho do qual por esta forma ele teria recebido uma sugestão indireta, pediu a moça em casamento: mas, sugestionada do seu lado pelo sonho, pois impressionava-se sempre que via o dono da cervejaria, ela recusou-lhe os galanteios.

Os fatos desse gênero são tão numerosos que já decerto ninguém pode mais repetir continuamente esta palavra ridícula: “coincidência”, que só tem a vantagem de dispensar-nos de melhor explicação. Essa vantagem, devemos convir, nem foi feita para satisfazer-nos, nem nós estamos dispostos a contentar-nos com ela. Veremos a propósito do sonambulismo que explicação podemos dar a esse fenômeno.

Noutra ocasião, uma pessoa de minha família teve um sonho, que me parece bastante interessante para merecer citado. Em 1886, dava eu passos no intuito de obter para um dos meus amigos uma colocação de diretor de escola especial. Meu protegido era um homem de mérito, muito entendido na sua especialidade, como ficou provado pelos serviços por ele depois presta-

dos. Tudo ia bem; tínhamos o apoio de quase todos os chefes do ministério de que dependia a escola em questão, amparava-nos até a boa-vontade do ministro, ao qual o candidato tinha sido recomendado por dois ou três deputados amigos meus. Em suma, só esperávamos a publicidade da nomeação pelo jornal *l'Officiel*, quando certa manhã recebi carta de uma parenta que habitava na província e era muito íntima da mulher do meu candidato. No fim dessa carta, dizia-me ela: “Mandai-me alguma notícia sobre M. X...; a noite passada, durante um sonho, *estive muito aborrecida*, porque ele havia sido malsucedido na sua pretensão junto ao ministro...”

Acabava de ler esta frase, sem dar-lhe a mínima importância, quando me anunciaram o mesmo amigo, que entrou quase logo no meu gabinete de trabalho, de semblante consternado. Vinha mostrar-me uma carta do ministério, na qual o informavam de que a sua candidatura não era admitida no lugar então vago, mas podia mantê-la para a vaga próxima. Em resumo, era um codilho completo. Mostrei a carta a M. X..., que ficou admiradíssimo.

Felizmente, após o exame dos títulos dos diferentes candidatos, foi revogada a decisão e M. X... é hoje um dos diretores que melhor satisfazem à Administração.

Ainda coincidência? Talvez, mas devemos convir que se apresenta muitas vezes essa importuna coincidência.

Enfim, para terminar estes exemplos de acontecimentos percebidos em sonhos e cujas narrativas recolhi diretamente, vou referir o seguinte, que provaria não existir a distância para o Espírito, se fosse demonstrado ser ele quem percebe as coisas durante os sonhos, ou pelo menos certos sonhos, que habitualmente *distinguimos muito bem dos outros*, por motivos que não sabemos explicar, porém sentimos. Eis uma observação colhida em casa de uma família norte-americana onde costumo estar, desde que habito em New York, uma noite quase em cada semana.

Um dos filhos de M. J... estava na Alemanha para terminar os estudos na Universidade de Tubingue, em 1871. A família, em New York, acabava de receber boas notícias dele, quando, uma

noite, a Sra. J..., a mãe, acordou chorando, em consequência de um sonho no qual vira o filho em grande perigo de vida. Presa de ansiedade, depois de ter feito luz, pensava ela nos meios de obter prontas notícias de tão grande distância, quando viu entrar no quarto a filha, a menina J., que vinha, igualmente em prantos, contar-lhe haver visto em sonho o irmão na mais crítica situação; mãe e filha haviam tido simultaneamente o mesmo sonho, que, segundo me asseguraram, nada poderia ter provocado pela conversação da véspera. O mais interessante, talvez, é que M. J... filho estava realmente muito doente, à mesma hora, em Tubingue. Felizmente, a mocidade de M. J... triunfou e ele pôde voltar ao seio da família.

Devemos aceitar a opinião teosófica, segundo a qual o Espírito desprender-se-ia em parte, do corpo durante o sono e poderia desse modo receber a impressão das coisas, cujas vibrações o éter repercute?

## Capítulo IV

Ignorância geral acerca do hipnotismo. – Se todos soubessem servir-se desse estado, obteriam resultados extraordinários. – Mas há perigo em experimentar na atual ignorância das leis que regem os diferentes princípios constituintes do homem. – Força emitida pelo corpo humano sob a influência da vontade e operando a distância. – Experiências de transmissão de pensamentos, de vista a distância. – Diferentes *estados* ou graus da hipnose. – Esses estados não são mais que fases do caminho gradual que leva ao desdobramento da pessoa. – Teoria da vista, da audição, etc., a distância – *Phantasms of the Living*. – Observação igualmente interessante e instrutiva do *desdobramento* da pessoa.

---

Formam uma grande maioria os que, médicos ou não, se ocupam de hipnotismo e desconhecem o poderoso meio de investigação psíquica ao seu alcance.

Com o hipnotismo, ou antes, com o hipnomagnetismo e a sugestão auxiliados por outros agentes externos ou internos, pode-se chegar a resultados absolutamente extraordinários. Isto não sucede com todos os indivíduos hipnotizáveis sem regime dietético, mas, bem entendido, procurando-se determinadas condições. Por *dietética* entendo não somente um regime alimentar especial e conhecido, mas também um método particular para respirar, dormir, pensar e... amar. Como não entra nos planos desta obra indicar os processos a pôr em prática, abster-me-ei de dizer mais sobre o assunto. Direi apenas que hipnotizadores e magnetizadores possuem igualmente em suas mãos um instrumento terrível, freqüentemente uma faca de dois gumes, da qual, felizmente, quase sempre, eles não sabem servir-se. Por isso, se bem que as minhas observações sejam, fora de dúvida, das mais importantes, só citarei um pequeno número delas e, ainda assim, pedirei ao leitor permissão para não entrar em detalhes concernentes ao adestramento dos indivíduos.

Os que praticam o hipnotismo em seus semelhantes geralmente não solicitam autorização alguma da pessoa que hipnotizam. Isto provém de que eles não conhecem todas as conseqüências do ato, refiro-me mesmo a uma simples experiência, se bem

que haveria ainda algumas reservas a fazer quando o pseudo-sono é provocado com um fim terapêutico. Mas lembremo-nos bem disto: quando bem conhecido o hipnomagnetismo, ninguém mais colocará uma pessoa sob sua influência sem haver obtido dela uma autorização consciente para tal fim. A esse propósito, devo dizer que os raros iniciados nos mistérios de Ceres Hipnotite sentem-se inflamados de indignação e inteiramente tomados de compaixão quando vêem, nos dias que correm, os cartazes multicores de um professor de charlatanismo qualquer anunciando, oficialmente autorizado, uma sessão de *magnetismo* na sala de um café qualquer: a inconsciência protegendo os inconscientes! Isto equivale a pôr dinamite na mão de uma criança.

Seja como for, o hipnomagnetismo pode servir-nos como um dos meios próprios para ser evidenciada a independência, ou, se preferimos, a ação fora da pessoa humana:

- 1º) de uma força particular, forma elevada da energia;
- 2º) de uma inteligência que, em certos casos, dirige essa força.

Examinemos primeiro, em uma sessão de hipnomagnetismo, o indivíduo ativo, o operador.

Mesmo sem intenção, este último influencia o indivíduo passivo, em maior ou menor escala, por meio de uma força que irradia de si, qual uma espécie de aura, que não é outra coisa senão a onda vibratória da sua força anímica, emitida sob o império da vontade, do seu pensamento de agir, e agindo ao mesmo tempo que a palavra e a atitude, ao suggestionar a seu modo o indivíduo passivo. A existência dessa força, desse fluido, como ainda se diz, é conhecida desde tempos imemoriais; e a obra do Dr. Baréty não deixa dúvida alguma a respeito da sua realidade.<sup>13</sup> Para edificação pessoal, repeti com êxito certas experiências do Dr. Baréty sobre indivíduo dos mais sensíveis, embora fosse ele antes dotado de disposições para os fenômenos de ordem intelectual.

Não me demorarei em falar, a propósito da sugestão, dessas cenas que encontramos narradas longamente em livros que de há muito se publicam sobre hipnotismo; tudo já é demasiado sim-

ples e faria, se me demorasse nelas, que o presente trabalho parecesse antes uma espécie de anacronismo, porquanto brevemente esses fatos vão tornar-se assunto clássico elementar. Ademais, nesses fenômenos primitivos, não há quase nada a tirar para a demonstração que me proponho fazer, embora sirvam para mostrar a facilidade com que o espírito humano pode ser iludido quando se acha *no começo de um certo estado*.

Hoje está provado, para quem estuda a questão, haver uma força que, podendo muito facilmente ser posta em evidência, se desprende e opera a distância, segundo a vontade do indivíduo ativo, isto é, do operador, ou ainda, quando se trata de um passivo, sob a influência de uma ordem sugerida ou ocorrida espontaneamente durante um estado passivo, quer consciente quer inconsciente. Por exemplo, pode-se, com certos indivíduos hipnotizáveis, fazer a experiência de Horácio Pelletier, porque, segundo sei, ela foi feita por esse experimentador, pela primeira vez, em condições razoáveis (*suum cuique*). Colocando-se um, ou, antes, muitos indivíduos sensitivos com a mão acima de um vaso contendo água, se lhes dermos ordem (sugestão) de fazer mover o líquido como se ele fervesse, e sem *contato*, podemos, com paciência e tempo – limitado no máximo a meia hora em cada sessão – ver a água enrugar-se primeiro, depois mover-se em diversos lugares como se ao nadar um peixinho a agitasse, finalmente chegar a ferver, até o ponto de sair do recipiente e transbordar. É um fenômeno que os faquires da Índia determinam facilmente, só com a sua presença, ou pela simples “imposição das mãos” acima do líquido. O Dr. Pelletier, que me escreveu muitas vezes a respeito desse curioso fato, nunca me informou se os indivíduos se queixam às vezes de incômodo nos braços e nas mãos, durante a posição; é uma observação que fiz nas minhas experiências. Essa mesma sensação dolorosa é acusada pelos que produzem a escrita direta nas ardósias.

Mas, esses fatos são de pequena relevância e não podem servir à demonstração que me proponho fazer: a transmissão do pensamento é mais útil. Com esse intuito, experimentei sobre indivíduos sensíveis à ação a distância, ao que se denominou recentemente sugestão mental;<sup>14</sup> por exemplo: uma prova que



tentei muitas vezes, consistia em dizer a um indivíduo adormecido: “Desperta quando sentirdes que eu quero despertar-vos”; e punha-me a redigir a observação da sessão que acabava de ter com a pessoa assim hipnomagnetizada. Abrigava-me por detrás de uma pilha de livros, no intuito do indivíduo, que *via* apesar de uma espessa faixa sobre os olhos, nada perceber no meu rosto, que o prevenisse do desejo de acordá-lo.

Em determinado momento, ora no meio, ora no fim da redação das minhas notas, eu pensava em *querer* que o indivíduo despertasse; se era quando tinha acabado de escrever, continuava, entretanto, fazendo mover a pena sobre o papel, traçando palavras quaisquer, como: “Quero que despertes, desperta!”; ou frases sem relação com o caso, e o despertar não tardava mais de 40 a 60 segundos.

Outras vezes, quando obtinha o despertar, punha-me a escrever, e então *queria* que a hipnose se produzisse. Quando essa experiência era bem sucedida, era-o apenas parcialmente, porque ouvia logo dizer: “Por que procurais fazer-me dormir de novo?” E então o indivíduo se erguia, movia-se e empregava ao mesmo tempo um meio que eu lhe havia ensinado para resistir ao sono magnético, no caso de quererem adormecê-lo contra a sua vontade.

Não obstante seu interesse, não insistirei mais sobre esses fatos, que o leitor pode estudar nos tratados especiais escritos a respeito. A explicação que se pode dar será fácil de ser deduzida da teoria, exposta neste trabalho mesmo, sobre a constituição do ser humano. Ademais, o seu valor como fato, em apoio da minha tese, é muito relativo, e apresso-me a apresentar outros exemplos mais convincentes. Chegou o momento, com efeito, de examinarmos mais particularmente os casos nos quais a independência do *invisível* e sua ação fora dos limites do corpo físico são muito mais manifestas.

\* \* \*

Os indivíduos comuns, com os quais é estudado o pseudo-sono hipnótico, passam por diferentes fases, que se não sucedem sempre tão regularmente como descrevem os autores. Entretanto,

essas fases ou *estados* desdobram-se comumente na ordem seguinte:

- 1º) estado de fascinação (Liébault), ou de credulidade (de Rochas);
- 2º) estado cataléptico;
- 3º) estado sonambúlico;
- 4º) estado letárgico.

São, por assim dizer, os estados clássicos obtidos com a sugestão ou a fixação do olhar, isolados ou combinados.

Empregando-se outros meios e, entre eles, a dietética a que aludo mais acima, assim como os passes magnéticos e a vontade firme e tão exteriorizada quanto possível, o que só se obtém após exercício, adquire-se depressa a prova de que os estados supra-enumerados são apenas um caminho que leva ao estado de *desdobramento*, não da personalidade, mas da pessoa. *Esse estado*, que se pode produzir quase de improviso, uma vez que os indivíduos se tenham habituado a ele, é, no começo, precedido de um quinto estado que sucede ao quarto – o letárgico. Este quinto estado é conhecido de certos *magnetizadores* e designado por eles sob o nome de *sonambulismo lúcido*. Um sexto estado poderia ser qualificado de *extático*. Finalmente, produz-se o que denomino o *estado de desdobramento*. Neste último, o aspecto do indivíduo pode variar, segundo a pessoa. Alguns ficam mergulhados num estado de morte aparente; outros permanecem como petrificados, guardam os olhos inteiramente abertos e têm as pupilas desmedidamente dilatadas e fixas. Estes últimos falam algumas vezes sobre assuntos, coisas e cenas que parecem existir ao longe. Muitas vezes, pode-se verificar que nada há de verdadeiro naquilo que contam, ou então, que há erro de tempo e lugar; outras vezes, ao contrário, verifica-se que *tudo é absolutamente exato, mesmo no caso de o fato visto produzir-se a muitas léguas de distância!* Esse estado podia ser denominado *êxtase falante*.

Os que ficam mergulhados num estado de morte aparente lembram-se raramente, de maneira *espontânea*, daquilo que experimentaram.

Haveria perigo em levar mais longe este último estágio; e acrescento que é arriscado deixar o indivíduo por muito tempo nele. O *estado* que sucederia, com efeito, seria o *desdobramento completo e definitivo*. O Espírito, rompendo o fio anímico que o liga ao corpo, depois de haver atraído para fora uma grande quantidade de *energia vital*, ficaria libertado para sempre, talvez a seu benefício, mas com profundo e terrível embaraço do experimentador demasiado temerário, que se tivesse aventurado sem direção nessas paragens inexploradas e cheias de escolhos.

Mas, quando a operação é conduzida por mão segura, eis o que se observa: o indivíduo, depois de passar rapidamente pelos diferentes estados supramencionados, começa o seu desdobramento. O Espírito desprende-se, ao mesmo tempo que uma certa quantidade de energia vital ou anímica, e fica em comunicação com as coisas exteriores. A princípio o desprendimento consiste em uma simples irradiação em torno do corpo; e é então que os indivíduos lêem com a mão, com a fronte, com o epigástrico, com os pés, etc. Em outras palavras, os “orifícios da lanterna” não são somente os olhos, os ouvidos ou os outros órgãos dos sentidos, mas também o *sentido único* abre caminho através de todos os poros da pessoa. Então, já não há mais cérebro para a percepção ou para o pensamento, mas uma e outro podem estar em toda parte. Nesse estado, o indivíduo já pode, por meio do éter ambiente, cujas vibrações lhe fazem vibrar uníssono o éter anímico exteriorizado, já pode, digo, compreender uma multidão de fatos passados, presentes e – ousou dizê-lo – futuros.

Não quero insistir nessas coisas mais do que convém, como também não me esforçarei por acumular provas em seu apoio. Essas provas estão feitas para grande número de sábios ou de *conhecedores*; e já que o dia de amanhã há de fornecer tantas e tantas provas, não aumentarei este ensaio com páginas que, desde agora, considero supérfluas. Todavia, no caso que, em nome de não sei que ciência monopolizada e fácil de assustar-se, venham objetar-me serem esses dados anticientíficos, farei notar que Laplace, sendo o mais positivo dos sábios da sua época, parece haver entrevisto a possibilidade da previsão do futuro,

como se pode julgar por este extrato da sua *Théorie analytique des Probabilités*. Escreve ele na sua Introdução:

“Uma inteligência que *por um instante dado* conhecesse todas as forças animadoras da Natureza e a situação respectiva dos seres que a compõem, se também fosse bastante vasta para submeter esses dados à análise, abarcaria na mesma fórmula os movimentos dos maiores corpos do Universo e os do mais leve átomo: nada lhe seria incerto e *o futuro, como o passado, estariam presentes aos seus olhos.*”

Analisemos o pensamento de Laplace. Se bem penetrarmos o sentido do que precede, veremos que esse grande e profundo astrônomo e matemático, que repelia a “hipótese” de um Deus pessoal,<sup>15</sup> concebia o Universo exatamente como todos os grandes panteístas; e de modo algum combatia a idéia da presença da Inteligência inefável, nem tampouco a da Energia (*anima mundi*), no conjunto das coisas. Ele sabia que, uma vez produzida uma vibração, se podia não só admitir que as causas dela existem desde todo o tempo no passado, mas, também, que tal vibração estava inscrita para sempre no futuro, onde a inteligência, de que ele fala, poderia prevê-la por meio do conhecimento exato das *vibrações* passadas e presentes, cuja conseqüência forçada ela será no futuro.

E, conforme escreveu um sábio matemático moderno, que já tive ocasião de citar, “esta conclusão não é aplicável somente às vibrações luminosas que nascem na superfície dos corpos, ou à fraquíssima profundidade, mas também às vibrações de toda espécie, que se produzem na sua massa; aquelas, por exemplo, que os nossos mais secretos pensamentos imprimem às moléculas de que o cérebro se compõe: *todos esses movimentos o Universo inteiro os sente e conserva*”.<sup>16</sup>

Haverá necessidade de acrescentar que, desde o momento em que uma inteligência se desliga bastante da matéria onde está provisoriamente encarcerada, a ponto de receber a impressão das vibrações transmitidas pelo éter, será lícito conceber que lhe seja possível perceber, de modo mais ou menos claro, as modificações impressas nesse “fluido” universal pelos acontecimentos

externos, inclusive os pensamentos, os quais, em outros, dão movimento “às moléculas de que se compõe nosso cérebro”? Assim, ficam explicadas a “sugestão mental”, a transmissão de pensamento e a violência, tanto quanto a audição a distância.

Penso não ser inútil insistir no fato de ser mesmo o menor grau de hipnose um começo de desdobramento, que, a princípio, é de alguma sorte todo interno. O espírito e a energia anímica concentram-se no interior e abandonam a periferia, em certa medida, pelo menos. Por isso, vemos o primeiro estado de hipnomagnetismo assinalar-se por anestesia da pele e das mucosas. Foi assim que pude, em senhoras muito nervosas atacadas de náuseas incoercíveis, fazer exames prolongados e dos mais complexos, introduzir um instrumento até debaixo das cordas vocais, sem provocar nenhum reflexo, desde que as referidas senhoras estivessem hipnomagnetizadas.

E logo nos primeiros momentos do pseudo-sono, em alguns indivíduos produz-se a *abmaterialização*, e então se efetua também, por concomitância, a expansão externa do *sensorium verdadeiro*, do *sentido único*.

Recentemente, em New York, numa primeira sessão de hipnose, pude obter de um moço, cujas pálpebras estavam fechadas sobre os globos oculares fixos, por contração dos músculos motores dos olhos, para cima e para dentro, como sempre, pude obter que ele me dissesse a cor de dois objetos, duas folhas de papel colocadas na parte superior da sua cabeça. Uma dessas folhas era branca, a outra azul.

O indivíduo estava de costas para a minha secretária, de cuja gaveta eu tirava esses objetos sem fazê-los passar por diante do seu rosto. Na segunda sessão, coloquei meu relógio igualmente sobre a parte superior da sua cabeça. Depois de alguns segundos de hesitação, disse-me ele a hora exata. Conhecendo a faculdade que têm os hipnotizados de possuir, em geral, a noção do tempo, eu tinha recuado o ponteiro de vinte minutos. Ao fim de alguns dias, esse moço lia do mesmo modo que a senhora, cuja observação já citei antes.

Essas experiências começam a revelar-nos fatos mais importantes: provam, pelo menos, que a sensação é independente do sentido especial por meio do qual ela é normalmente transmitida: *o nihil in intellectu quod non prius fuerit in sensu*, de Zenon (de Citium) e de Aristóteles, já pode ser discutido sobre outras bases.

Embora tenha resolvido não dar neste trabalho lugar preponderante às minhas experiências, vou citar, entretanto, uma que fiz em Paris, em abril de 1887 e que repeti muitas vezes, uma delas diante de uns quarenta amigos, homens cépticos, em reunião especial de um grêmio ao qual pertenço; esse grêmio compõe-se de médicos, engenheiros, literatos e diversos homens de ciência, em cuja presença, alguns dias antes, o Sr. Yves Guyot, hoje ministro das obras públicas, havia feito uma conferência sobre a supressão dos direitos de barreira.

Eis em que consistiu essa experiência, cuja narrativa foi publicada em um jornal provinciano,<sup>17</sup> ao qual foi dirigida por um dos assistentes:

“O indivíduo (*sujet*) era uma moça de seus vinte anos, de origem judaica. Desde que adormeceu, e num estado intermediário de *abmaterialização*, que não era letargia, nem sonambulismo, nem ainda o êxtase falante, porém antes o que os magnetizadores de profissão denominam sonambulismo lúcido, coloquei um rolo de algodão sobre cada um de seus olhos, mais uma toalha espessa e larga ou um pano atado por detrás da nuca. À primeira vez que tentei a experiência de que vou falar, fiquei muito admirado do êxito; devo dizer que, então, eu ainda não tinha a experiência que me deram, posteriormente, séries de observações e, devo acrescentá-lo também, estudos sérios e contínuos sobre a questão.

Tomei, à minha biblioteca, o primeiro livro que me caiu nas mãos, abri-o ao acaso, por sobre a cabeça da moça, sem olhar, com a capa voltada para cima, enquanto segurava o texto impresso a dois centímetros mais ou menos dos cabelos da hipnomagnetizada. Ordenei-lhe ler a primeira linha da página que estava à sua esquerda e, após um momento de demora, disse ela: “Ah! sim, estou vendo; esperai”. Depois

continuou: “A identidade conduz ainda à unidade, porque se a alma...” Deteve-se e disse ainda: “Não posso mais, basta; isto me fatiga.” Acedi ao seu desejo, sem insistir; virei o livro, que era de filosofia, e a primeira linha, exceto duas palavras, tinha perfeitamente sido vista e lida pelo *invisível abmaterializado* da adormecida.<sup>18</sup>

Fazendo traçar sobre o pavimento, por terceiro, uma palavra qualquer, com um pedaço de giz, conduzida de um aposento vizinho, com os olhos tapados, a mesma moça lia, sem jamais se enganar, a palavra escrita, contanto que tivesse os pés sobre ela; e acrescentava sempre alguma reflexão perfeitamente justa, por exemplo: “Como está mal escrito... está às avessas” e voltava-se; ou ainda: “Olhai! é o nome de *fulano*, com um risco por baixo!” Quando era conduzida – com os olhos tapados e chumaçados, como acima referi – por sobre a palavra escrita no chão, era andando de costas, e conservava a cabeça erguida em posição um pouco forçada, que permitia aos assistentes verificarem a impossibilidade em que estaria, mesmo acordada, de ver sob a venda.”

Muitos outros fatos desse gênero poderia narrar, mas devemos saber limitar-nos à tarefa que nos impusemos. Quis somente demonstrar que o *sensus internum* podia, em momento e condições dadas, entrar diretamente em relação com o mundo exterior, sem se servir dos canais a que está sujeito em tempo de vida ordinária. Isto já nos não permitirá admitir a existência da inteligência independente da matéria que lhe serve às manifestações do estado *comaterial*?<sup>19</sup>

\* \* \*

Falei anteriormente de sonhos que sentimos de maneira diversa da dos outros sonhos, e durante os quais podemos ver pessoas ou lugares desconhecidos de nós e que depois chegamos a reconhecer. Existem estados diferentes do sonho que se produzem durante o sono normal, ou que principiou normalmente. Embora esses estados se apresentem raras vezes *espontaneamente*, sem exercício prévio, nem por isso deixam de existir; e a quem tem curiosidade pelas coisas da Natureza e quiser instruir-se na

questão, recomendo o livro publicado por E. Gurney, F. Myers e F. Podmore, em Londres, sobre os fantasmas dos vivos (*Phantasms of the Living*).

Pessoalmente, possuo muitos fatos desta categoria: um, entre todos, no qual a fotografia de um “fantasma de um vivo” deixou provas permanentes do fenômeno e outro no qual obtive os mais circunstanciados pormenores da própria boca da pessoa a quem o “acidente” ocorreu.

Depois da publicação do meu livro sobre *O Espiritismo*, recebi de todos os lados inúmeros documentos mais ou menos importantes, assim como esse trabalho provocou igualmente cartas e visitas pessoais de muitos que me pediram esclarecimentos sobre este ou aquele incidente de sua vida, que eles não sabiam explicar.

Eis uma dessas observações:

“M. H... é um jovem alto, louro, de uns trinta anos, filho de pai escocês e mãe russa. É um artista gravador de talento. Seu pai foi dotado de faculdades “mediúnicas” muito poderosas. Sua mãe foi igualmente médium. Conquanto nascido em um meio espiritualista, ele jamais se ocupara de Espiritismo e nunca houvera experimentado nada de anormal, até o momento em que sofreu aquilo que apelidou de “acidente” e a respeito do qual veio consultar-me, em princípios de 1887.

“Há poucos dias – disse-me ele –, entrava eu em casa, pelas 10 horas da noite, quando subitamente se apoderou de mim um sentimento de prostração estranha, que eu não compreendia. Decidido, entretanto, a não me deitar imediatamente, acendi a lâmpada e coloquei-a sobre a mesa de cabeceira, perto do leito. Apanhei um charuto, acendi-o, aspirei algumas fumaças, depois estendi-me numa espreguiçadeira.

“No momento em que indolentemente me virava de costas, para encostar a cabeça na almofada do sofá, senti que andavam à volta os objetos próximos, experimentei como que um atordoamento, um vácuo; depois, de repente, achei-



me transportado ao meio do quarto. Surpreendido por esse deslocamento, do qual não tinha consciência, olhei em torno de mim, e meu espanto aumentou muito mais.

“A princípio, *dei comigo estendido no sofá*, suavemente, sem rigidez, apenas tendo a mão esquerda acima de mim, estando o cotovelo apoiado, e segurava o charuto aceso, cujo lume aparecia na penumbra produzida pelo abajur da lâmpada. A primeira idéia que tive foi que havia, sem dúvida, adormecido, e experimentava o resultado de um sonho. Entretanto, reconhecia que nunca sentira coisa semelhante e que me parecesse tão intensamente a realidade. Direi mais: tinha a impressão de que jamais havia estado tão deveras na realidade. Compreendendo que se não tratava de um sonho, o segundo pensamento que acudiu, de súbito, à minha imaginação, foi de haver morrido. E, ao mesmo tempo, lembrei-me de ter ouvido dizer que há Espíritos, e pensei que eu mesmo me tornara Espírito. Tudo quanto podia saber sobre esse assunto desenrolou-se longamente, mas em menos tempo do que é preciso para lembrá-lo em minha vida interior. Lembro-me perfeitamente de ter sido assaltado, então, por uma espécie de ansiedade e pesar por coisas inacabadas; a minha vida apareceu-me qual uma profissão de fé.

“Aproximei-me de mim, ou, antes, do meu corpo, ou do que acreditava ser já o meu cadáver. Um espetáculo, que não compreendi logo, me atraiu a atenção: contemplei-me respirando, porém vi mais o interior do meu peito, e dentro dele o coração batia lentamente em débeis palpitações, mas com regularidade. Via meu sangue, de um vermelho de fogo, correndo nas artérias. Nesse momento compreendi que devia ter tido uma síncope de caráter particular, a menos que as pessoas sob a ação de uma síncope, pensava à parte, se esqueçam de tudo quanto lhes ocorra durante o desmaio. Então rechei perder a lembrança quando voltasse a mim...

“Sentindo-me mais animado, olhei ao redor, perguntando a mim mesmo até quando ia isso durar; depois, não fiz mais caso do meu corpo, *do outro eu*, que continuava a repousar. Via a lâmpada continuando a alumiar silenciosamente, pen-

sei que ela estava muito perto do meu leito e podia incendiar-lhe o cortinado; segurei no botão, isto é, na chave de torcida para apagá-la, porém, ainda aí encontrei novo motivo de surpresa! Sentia perfeitamente o botão com a roseta, percebia, por assim dizer, cada uma das suas moléculas, mas, embora desse voltas com os dedos, estes executavam sozinhos o movimento, e debalde procurava mover o botão.

“Então examinei-me a mim mesmo e vi que, embora minha mão pudesse passar através do corpo, eu o sentia perfeitamente, e ele me pareceu vestido de branco, se neste ponto a memória me não falha. Depois, coloquei-me diante do espelho, em frente da chaminé. Em vez de ver minha imagem no espelho, reparei que a vista parecia estender-se sem estorvo, e apareceram-me, primeiro, a parede, depois a parte posterior dos quadros e dos móveis que existiam na casa do vizinho e, finalmente, o interior do seu quarto. Notei a falta de luz nesses aposentos que a vista devassava e divulguei claramente um raio de claridade, que, partindo do meu epigástrico, iluminava os objetos.

“Ocorreu-me a idéia de penetrar na casa do vizinho, a quem não conhecia e que estava ausente de Paris naquele momento. Apenas pensava em visitar a primeira sala, quando aí me achei conduzido. Como? Nada sei; mas julgo que varei a parede tão facilmente quanto a vista a penetrava. Logo me encontrei em casa do vizinho, pela primeira vez na minha vida. Examinei os quartos, gravei seu aspecto na memória, dirigi-me a uma biblioteca onde notei com todo o cuidado muitos títulos de obras colocadas sobre uma prateleira à altura de meus olhos.

“Para mudar de lugar, bastava-me querer e, sem esforço, achava-me imediatamente onde desejava ir.

“Desse momento em diante, as minhas reminiscências são muito vagas; sei que andei por longe, muito longe, pela Itália, creio, mas não posso contar como empreguei o tempo. Foi como se, não tendo mais ação sobre mim mesmo, não sendo mais senhor das minhas idéias, andasse transportado de uma a outra parte, carregado para onde meu pensamento

se dirigisse. Ainda não tinha recuperado a consciência; o pensamento se me dispersava antes que eu pudesse apanhá-lo; a imaginação, naquela ocasião, levava a casa consigo.

“O que posso acrescentar, concluindo, é que acordei às cinco horas da manhã, no meu sofá rígido, frio, segurando ainda a ponta do charuto entre os dedos. A lâmpada apagara-se, enfumaçando o tubo. Atirei-me à cama sem poder dormir e fui sacudido por um calafrio. Finalmente, conciliei o sono e quando despertei era dia claro.

“Por meio de um inocente stratagem, no mesmo dia induzi o porteiro da casa a ir examinar no aposento vizinho se tudo estava em ordem; e, subindo com ele, pude encontrar os móveis, os quadros vistos por mim, assim como os títulos dos livros que houvera atentamente observado durante a noite precedente.

“Evitei com cuidado falar disso a qualquer pessoa, não querendo passar por *maluco* ou *alucinado*...”

Terminando a narrativa, M. H. acrescentou:

“Que pensais disso, doutor?”

Na época em que M. H. me deu conta desse “acidente”, eu já sabia *que as coisas podem ocorrer como ele contou*; e já conhecia, em parte, as razões; entretanto, encarei bem de frente o meu interlocutor, para ver se ele tinha a intenção de mistificar-me. Ele estava muito sério e parecia bem preocupado com o que lhe havia sucedido. Expliquei-lhe então que, segundo toda a probabilidade, era ele dotado de faculdades realmente extraordinárias e só dele dependia desenvolvê-las. Indiquei-lhe, nesse intuito, um regime a observar, que ele prometeu seguir rigorosamente, e marcamos para a quinzena seguinte uma entrevista. Ele compareceu, mas vinha anunciar-me que estava em vésperas de casar-se e não podia consagrar-se a outras experiências que não fossem as da vida conjugal, coisa que, sabemos, é desfavorável à obtenção das faculdades de *abmaterialização autônoma*.

Creio que o caso precedente, referido sem preâmbulos a um homem ignorante dos princípios da nova psicologia, cujos elementos neste livro indicamos, caso tão interessante por diversas

faces, seria recebido com a maior reserva, para não dizer a máxima desconfiança. Não posso fazer mais do que é possível; procure o leitor convencer-se, vendo por si mesmo; não lhe peço que creia. Expus o fato que me foi contado sem o mínimo acréscimo. Será ele verdadeiro? Como fato particular, não posso ter certeza científica; sei apenas que, genericamente, pode ser verdadeiro.

Ademais, como já o escrevi, lembro ao leitor o livro dos Srs. Gurney, Myers e Podmore – *Phantasms of the Living* –; aí encontrareis numerosas observações análogas à precedente.

Esses fatos são raros, subentenda-se. Se fossem vulgares, ninguém escreveria livros a esse respeito: em qualquer situação, não provocariam pasmo. Os fatos existem e provam que, mesmo em vida, o homem pode assistir, por assim dizer, à separação, ao desdobramento dos seus diferentes princípios. Vão eles servir-nos, sem nenhuma dúvida, de guias quando encetarmos o estudo do homem considerado no além da vida.

Se aconselhei a leitura de *Phantasms of the Living*, é porque desejaria que o leitor aprendesse a não se admirar; porquanto vamos ver brevemente coisas mais extraordinárias ainda e a admiração, como o medo, seu irmão, é má conselheira. O livro de erudição e experimentação do Cel. de Rochas é de leitura muito instrutiva e prepara bem o espírito a conceber a existência de forças poderosas “não definidas”, ao lado das que conhecemos aproximadamente por seus efeitos cotidianos. Recomendo insistentemente essa leitura aos que conseguirem obter o livro na Biblioteca Nacional, porque, pelos mesmos motivos que guiavam os sábios da antiguidade, o distinto membro da Escola Politécnica não quis que o seu livro estivesse ao alcance de todas as mãos; só fez publicar um pequeno número de exemplares, de preço relativamente elevado.<sup>20</sup>

\* \* \*

Mais de vinte anos após a descoberta da composição do ar, por Lavoisier, o químico Priestsley, que não era absolutamente uma mediocridade, estava ainda, segundo parece, aferrado à teoria do flogístico imaginada por Stahl. Hoje, depois das bri-

lhantes descobertas de Pasteur e dos trabalhos de centenas de discípulos e partidários seus, muitos médicos e cirurgiões não admitem a existência dos micróbios.

Convém acrescentar que estes são os que vivem, como se costuma dizer, daquilo que aprenderam uma vez. Não querendo ter o trabalho de estudar, de experimentar e, para resumir tudo em uma palavra, de ver, procuram a desculpa da sua ignorância em um cepticismo de ruim quilate e acham mais fácil negar *a priori* do que trabalhar para instruírem-se.

Acontece o mesmo com os fenômenos sobre os quais me apóio para demonstrar a existência, a independência, a sobrevivência de um princípio intelectual consciente, do homem.

Podem objetar-me que a existência dos fenômenos, aos quais me refiro para provar a do princípio em questão, não está provada e que é mister, antes de tudo, demonstrá-la. Responderei que já fiz essa demonstração, que não fui o primeiro nem o único, antecedido de muitos sábios dos mais honrados e dos menos contestados. Por fim, não tenho a pretensão de obrigar quem é propositadamente cego a enxergar à força.

Tanto pior para quem teimar em fechar os olhos.

## Capítulo V

Psicologia fenomênica. – É ela que deve ensinar ao homem sua verdadeira natureza. – Médiun: que significa? – Opinião do sábio de Rochas sobre certas forças “não definidas”. – Força anímica, etérea, astral, psíquica. – *Comateriais* e *abmateriais*. – Aparência visível, às vezes, da força anímica. – Diferentes espécies de *abmaterializantes*. – Passividade ordinária da mediunidade. – Suas impulsões. – Fatos de fascinação. – Os iogues descritos por um autor árabe de há 600 anos. – Os iogues de hoje. – Ressurreição de um iogue após muitos meses de inumação. – Há “milagres” em todas as religiões. – Que opinião deve o “cientista” professar a esse respeito.

---

Se há um ramo de conhecimento humano que tenha provocado discussões mais apaixonadas, polêmicas mais ardentes, excitado negações *a priori* menos justificáveis, ao mesmo tempo em que entusiasmos mais irrefletidos, é, sem contradição, a psicologia fenomênica.

É, entretanto, nesta ciência experimental que vamos procurar as bases principais da ciência futura. É ela que deve ensinar ao homem sua verdadeira natureza, ao mesmo tempo em que o aproximará, o quanto possível à sua inteligência, do conhecimento íntimo das coisas.

Os fenômenos objetivos da psicologia “externa” podem ser estudados com o auxílio de indivíduos dotados de uma faculdade especial e ordinariamente passiva, de *abmaterialização* da energia anímica. Esses indivíduos (*sujets*) são designados na linguagem moderna sob a denominação de *médiuns*.

Os médiuns! eis uma palavra que soa mal a muitos nervos auditivos. Que é um médium? Deu-se este nome a certas categorias de indivíduos considerados aptos para servir de intermediários entre os vivos e os mortos.

Pois bem, é perfeitamente exato que indivíduos predispostos por sua constituição e exercitados ou não para esse fim podem servir de intermediários entre os vivos e as *inteligências ordinariamente invisíveis* que pretendem, às vezes – nem sempre –, ser

Espíritos de indivíduos, tendo vivido anteriormente, como nós.<sup>21</sup> Mas, penso que só se percebe um lado dessa interessante questão, como veremos adiante.

\* \* \*

O homem, tal como o vemos, é uma inteligência – glóbulo emanado da Inteligência Universal – que possui a seu serviço uma força emprestada da energia igualmente universal.

Essa força, sob tal variedade, é de qualidade elevada, aproximando-se, muito provavelmente, da forma superior da energia denominada pelos antigos sábios *luz astral*, pelos orientais *akasa*, e da qual a ciência moderna faz uma vaga idéia que exprime pela palavra *éter*, emprestada dos físicos da Escola grega. Essa força, tão sutil quanto poderosa, penetra no corpo humano como nos dos animais. Possuímos certa provisão dela, ocupando todos os pontos onde circula o fluido nervoso, isto é, no corpo inteiro, mas em maior quantidade e como em outros tantos reservatórios, no eixo cérebro-espinhal e principalmente nos grandes plexos simpáticos; segundo antigos documentos e também segundo a minha própria experiência, o plexo solar parece ser provido dessa força em grande proporção. Não é sem razão que os anatomistas deram o apelido de *cérebro abdominal* a este último plexo.

Essa força anímica, etérea, astral, etc., emprestada do éter, permanece, nas condições normais e pelo menos em aparência, estritamente limitada à substância que compõe o corpo, como se estivesse encarcerada em seu invólucro: é um estado que proponho denominar-se *comaterial* (*cum materia*). A grande maioria dos seres humanos, para só falar destes, são *comateriais*. Mas, há indivíduos que, por natureza ou em consequência do regime dietético, de que já fiz menção, possuem a faculdade, o poder de exteriorização, isto é, de projetar, de estender sua força anímica a maior ou menor distância de suas pessoas, de fazer essa força produzir fenômenos de diversas ordens, tanto nos planos físicos e anímicos, quanto no intelectual. Essa força que, nos últimos tempos, sábios eminentes (vede meu livro sobre *O Espiritismo*) chamaram *psíquica*, encontra-se num estado *abmaterial* (*abma-*

téria), isto é, fora da matéria qual é condensada e armazenada ordinariamente e que ela *anima*: eis a razão pela qual prefiro denominá-la *anímica*.

O primeiro grau de exteriorização da força anímica, sob a influência da vontade, foi posto em evidência, como acima já referi, pelo Dr. Baréty, que julgou dever dar a essa força o nome de *força nêurica radiante*.

Quando estamos na obscuridade, perto de uma pessoa cuja força anímica se *abmaterializa* abundantemente (por exemplo, nas sessões onde é mister a ausência de luz), podemos vê-la flutuar sobre as vestes do indivíduo donde ela emana, principalmente na altura da região epigástrica ou dos grandes troncos arteriais, sob a forma de matéria vaporosa e luminosa. Pode-se fazer uma idéia dessa luz pela ilusão que me produziu uma vez: eu tinha ido ver um dos meus clientes, enfermo de volta de uma viagem, residente em uma casa da rua Maubeuge, em Paris. Esse homem era médium de profissão e, em conseqüência de sucessivas experiências que outras pessoas haviam feito com ele, estava num estado pronunciado de prostração nervosa. Não podia suportar luz nem ruído e estava estendido no leito, onde gemia como uma criança. Quando, cerca de 9 horas da noite, entrei no seu quarto, havia aí uma escuridão quase completa. Subitamente, enquanto eu o interrogava, vi uma claridade sobre um de seus braços, que distingui então perfeitamente. Pensei a princípio que um raio de lua penetrava no quarto por alguma veneziana mal cerrada e, levantando-me, pois que estava sentado, coloquei-me de modo a interceptar o suposto raio de lua. O meu movimento não produziu nenhuma alteração no reflexo, aliás fraco, projetado por esta espécie de luar. Além disso, verifiquei não haver luz alguma a entrar pela janela. Outros pontos luminosos apareceram pelo corpo do doente, que parecia inteiramente inconsciente do fenômeno; procurei tocá-los; nada senti de anormal, senão que eles desapareciam ao contato da minha mão. Aproximei-me dos lugares onde a claridade se mostrava e não senti nenhum cheiro de fósforo. De mais, o aspecto dessa nuvenzinha luminosa não se parecia em coisa alguma com a fumaça esbranquiçada e ondulan-



te, produzida por esse corpo, quando se esfrega com ele os objetos no escuro.

Tive muitas ocasiões de ver, em pessoas bem dotadas, o desprendimento dessa força e sua *condensação a pleno dia*, sob diversas formas. Então, não poderia eu caracterizar o seu aspecto de melhor forma do que a comparando ao estado *vesicular*, que precede o estado líquido do gás ácido carbônico, quando ele é liquefeito sob pressão, em tubo de vidro. A esse respeito devo dizer – sem intento de estabelecer nenhuma comparação, pois o gás comprimido se aquece – que, por ocasião do desprendimento dessa força do corpo dos indivíduos, principalmente no verão ou em uma atmosfera tépida, experimenta-se uma viva impressão de frescor. É um fenômeno que notei nas minhas experiências anteriores.<sup>22</sup>

Mas, os médiuns não são os únicos que desenvolvem essa força anímica ou que a exteriorizam: outros *exteriorizadores* muito superiores aos médiuns podem existir e existem realmente. Somente, ao inverso destes últimos, eles não deixam nenhuma influência estranha dirigir-lhes o “corpo astral”, isto é, a força anímica exteriorizável. Quem a dirige é o próprio espírito. O médium espírita, pelo contrário, é muitas vezes o ludíbrio, ou pelo menos o instrumento de forças ocultas, boas, más ou indiferentes, mas pode ficar dominado, guiado, arrastado pelas suas más paixões. As exigências do seu corpo físico mal contidas pela vontade, que se habitua a abdicar em proveito de uma passividade necessária à produção dos fenômenos, dificilmente podem ser refreadas, esgotado como se acha o corpo por perdas sucessivas da energia anímica. Por isso, excetuando algumas pessoas, vê-se geralmente o mesmo médium produzir os mais autênticos fenômenos “psíquicos”, os menos discutíveis, ao lado de trapações odiosas e, às vezes, grosseiramente dissimuladas. Conheci um médium, jovem muito honesto, que não fazia profissão da mediunidade, e com o qual se obtiveram diversos fenômenos de levitação e movimentos de objetos absolutamente reais. Confessei-me ele que muitas vezes se sentira como impelido a acrescentar alguma coisa ao que produzia; possuía-se do desejo violento de simular um fenômeno qualquer quando podia, com

as próprias faculdades naturais, obter coisa melhor. Analisando essa espécie de impulsão, dizia-me que ela provinha, em parte, do desejo de causar admiração aos assistentes; e, em parte, do prazer de enganar seu semelhante, de pregar-lhe “uma boa peça”; em terceiro lugar, do receio da fadiga, porque depois das sessões, nas quais são obtidos longos fenômenos, os médiuns ficam, às vezes, extenuados. Mas, acrescentou haver outra causa que ele não sabia explicar, causa sem dúvida de natureza impulsiva, reunida às precedentes, e fazendo-se sentir com mais força. Assegurou-me mais, além disso, que havia sempre resistido à tentação. Em suma, o médium espírita vulgar é um passivo, um impulsivo, e freqüentemente um ser incompleto; conheci um impotente e um hermafrodita entre os médiuns que estudei.

Do mesmo modo que um indivíduo pode nascer médium, ou desenvolver artificialmente sua faculdade passiva, também se pode, por um exercício mais ou menos demorado, mais ou menos penoso – principalmente nascendo-se sem disposições –, conseguir exteriorizar a força anímica própria, conservando-a sempre sob o domínio da vontade. É assim que o Sr. de Rochas cita o caso de Fabre d’Olivet, que podia fazer chegar às suas mãos, de uma certa distância, o livro que desejava tirar da biblioteca. O mesmo autor dita, igualmente, um homem provavelmente ainda vivo no momento em que escrevo, que, por força volitiva, podia, olhando um pássaro qualquer a cantar no ramo, obrigá-lo a pousar na sua mão. É conhecida a história de Apolônus de Tiana e outras, que contam por centenas na *Vida dos santos*.

Todos os viajantes que residiram por algum tempo no Oriente viram as coisas mais interessantes nesse gênero. Sendo minha intenção fazer este trabalho o mais curto possível, não quero introduzir-lhe tudo quanto podia ser escrito sobre o assunto: o leitor que desejar instruir-se, achará no meu livro anterior as informações necessárias. Só citarei dois fatos narrados em uma carta que me foi dirigida depois de uma conversa que se realizou em casa do Sr. Maurel, deputado pelo Var, entre ele e o Sr. C. Demôle, um dos nossos cônsules no Extremo Oriente. Eis alguns trechos da carta que o autor me permitiu publicasse.

Começando por uma profissão de fé materialista e céptica, meu correspondente assim prossegue:

“Em 1872, no correr do mês de julho, em Cambodge, numa sala vizinha do colégio dos Bonzos, achava-me com um bonzo e alguns conhecidos e, segundo me informou M. D... em casa do Sr. Maurel, estava entre eles um missionário católico. M. D... não escreveu em que cidade; havia-mo dito durante a conversação, mas eu não guardei o nome. Discutíamos sobre a nossa religião e seus milagres...

O bonzo sustentava que o milagre nada provava e propô-nos fazer um.

“Éramos seis pessoas que o cercávamos, observando-o com atenção, enquanto ele fazia gestos de magnetizador, a olhar fixamente para todos nós em sucessão; de súbito, pareceu-nos que uma nuvem envolvera o bonzo gradualmente, e no espaço de trinta segundos ele desapareceu. Um instante depois, tornou a entrar por uma porta do fundo e, adiantando-se para nós, com um ar grave, perguntou se estávamos convencidos do seu poder.”

Outro fato é este:

“Vi, nas Índias inglesas, em Bombaim, um indiano que nos fez segurar (éramos cinco), entre o polegar e o indicador, as bordas de uma taça de cobre em relevo, com cerca de 40 centímetros de diâmetro e montada sobre um pé. Estávamos num salão mal iluminado. Depois de muitos gestos e invocações a Brama, que duraram bem uns vinte e cinco minutos, percebemos com assombro que a taça tinha desaparecido enquanto a estávamos olhando e tocando. Nossos dedos polegar e indicador estavam entorpecidos e insensibilizados. Como acontecera isso? Nada pude saber; eu mesmo observei a mesa sobre a qual se achava a taça e nada me fez supor que ela contivesse um fundo falso por onde se fizesse passar um objeto daquela dimensão; e todavia o primeiro fato, que apresenta uma certa relação com este, pusera-me de sobreaviso e eu fiscalizava os menores gestos do faquir.”

Desde essa época, procurei sempre ocasião de ver semelhantes exemplos, mas debalde. Nada mais tornei a ver senão sortes vulgares de escamoteação feitas por indianos, diferindo enormemente dos dois precedentes na estatura e na fisionomia.

O indiano da taça era, estou convencido, um descendente dessa raça superior, denominada *Celtas*, *Bramas* ou *Árias*. A estatura do bonzo de que falei, assim como a do indiano, eram aproximadamente de 1,80 m. Ambos tinham a tez de um branco-mate, o perfil grego, os olhos muito negros e de uma fixidez extraordinária.

Eis, meu caro doutor, o que eu mesmo vi e tenho o prazer de informar-vos...

Aceitai, etc...

C. Demôle”

61, rua Dauphine.

Paris, 31 de outubro de 1886.

Ao Sr. Dr. Paul Gibier – 23, rua de Palestro, Paris.

Os casos do Coronel de Rochas, alguns exemplos tirados da *Vida dos santos* e os que foram comunicados pela carta precedente são – ou podem ser – produzidos pela força anímica exteriorizada e guiada pela vontade.

Essa força, que, independente da vontade, conserva a vida dos nossos órgãos, modificando a matéria assimilável, torna-se capaz, quando metodicamente dirigida pela vontade do *exteriorizante*, como quando o é por intervenção de uma inteligência externa, de produzir nos corpos inertes transformações moleculares súbitas e inexplicáveis – no estado atual do que conhecemos sob o nome de ciência – e até de influenciar de modo considerável sobre os sentidos dos homens e dos animais.

Antes de escrever a respeito dos médiuns algumas páginas, que me hão de servir de transição para dar uma idéia da condição provável do ser humano no além da vida, creio de interesse dar ainda um exemplo de coisas extraordinárias realizáveis por homens que, por meio de uma vontade firme, pela concentração

do pensamento, por uma dieta especial, adquirem poderes psíquicos *supranormais* e dão aos seus corpos faculdades novas e desconhecidas.

Há 600 anos um sábio árabe, Ibn Kaldoun, nos seus *Prolegômenos da História Universal*, tratava, pouco mais ou menos, do mesmo assunto de que me estou ocupando.<sup>23</sup> Esse autor, falando dos homens que se dedicam a um exercício de natureza particular “a fim de obterem a faculdade de ver as coisas ocultas e de fazerem pairar sua alma nos diversos mundos dos Espíritos”, escrevia: “São encontrados, principalmente na Índia, onde tomam o nome de *djogues*. Possuem muitos livros que tratam do modo pelo qual devem ser feitos esses exercícios. Contam-se a respeito dos *djogues* histórias surpreendentes.” (pág. 226).

Como vemos por esse trecho, há 600 anos a Índia já era considerada, do mesmo modo que hoje, o berço do maravilhoso. É ali, com efeito, que se encontram comunidades de indivíduos que adquirem, por meio de demorada e penosa educação, um temperamento especial, uma natureza nova no intuito de obterem esses poderes psíquicos tão cobiçados e também, apressemo-nos em dizê-lo, para um fim cuja realidade não nos cabe apreciar aqui, mas cujo ideal é tudo que existe de mais elevado e de mais belo.

Se há uma causa de assombro, é aquilo que o homem se torna capaz de fazer por si mesmo, quando guiado por uma vontade inflexível que nada é capaz de desviar do alvo ao qual se dirige. Na Europa, tivemos alguns jejuadores que permaneceram muitas semanas sem ingerir outra substância senão água pura. Mas na Índia os “jejuadores” são muito mais fortes e, para só falar dos *djogues*, ou *iogues*, citados por Ibn Kaldoun nos seus *Prolegômenos*, são conhecidos certos casos de morte aparente provocada, que duram muitas semanas e até meses, a crer-se nas narrativas de sábios europeus tais como o fisiologista alemão Preyer, o Dr. E. Sierke, de Viena, o naturalista Hæckel, etc.

Pode fazer-se idéia da perseverança desses *iogues*, ver-se a que tremendas macerações entregam eles friamente o corpo, pela história seguinte, que resumo segundo a narração longa e detalhada, escrita por testemunha ocular, o Dr. Honigberger e con-

firmada por Claudius Wade, ministro inglês residente em Lahore.<sup>24</sup>

O Dr. Honigberger é um médico austríaco que, durante muitos anos, desempenhou as funções de médico particular de Runjet-Sing, rajá de Lahore.

Quanto aos iogues, digamos logo que são ascetas solitários, vivendo ordinariamente no seio dos bosques ou sobre as montanhas. São monges de uma ordem bramânica.

Eis a história, segundo documentos dignos de fé:

“Depois de haver longamente meditado sobre a escolha de uma existência, julgando, sem dúvida, pelo exame de suas vidas anteriores que era tempo de terminar seu ciclo e de confundir-se com Brama, em um Nirvana eterno, isto é, com a Inteligência Universal, o brama Haridès fez-se eremita e começou a série de exercícios religiosos, físicos e intelectuais, que constituem o adestramento a que o Dr. Preyer chama *anabiose* e ao que os hindus denominam *Yog vidya* e *Bu-Stambha* ou *Vaju-Stambha*, isto é, a arte de produzir (por meio do êxtase e pelo afastamento dos *elementais* – gênios, forças inteligentes – da terra ou da água) uma suspensão completa e *não perigosa* das funções vitais. Nesse estado, os iogues podem fazer-se enterrar durante um tempo muito longo e voltam de novo à vida, ou flutuam sobre a água sem risco de submersão.

Depois de haver construído uma espécie de cela semi-subterrânea, tendo somente uma porta estreita, Haridès, auxiliado por seus discípulos, penetrou nela e estendeu-se sobre um leito fofo de peles lanosas e algodão cardado. Quando o asceta ficou instalado nesse cubículo, seus servos fecharam-lhe a porta com barro; e então, sentado na postadura *du Pamadzan* ou estendido no seu leito, concentrou o pensamento recitando orações sobre o rosário bramânico, ou meditando profundamente a respeito da divindade. A princípio, só pôde permanecer alguns minutos, depois algumas horas e, enfim, ficou durante muitos dias no seu estreito carneiro para habituar-se gradualmente à falta de ar. Ao mesmo

tempo, começou o exercício do *Pranaiama*, ou suspensão da respiração. Fez o pranaiama, primeiro durante cinco, depois dez, depois vinte e um, quarenta e três, depois noventa minutos.

Além disso, mandou aplicar sob a língua uma série de vinte e quatro pequenas incisões; uma incisão em cada semana. Essas operações, acompanhadas de massagens, têm por finalidade facilitar a inversão da língua na faringe, de modo a fechar a abertura da glote durante a *anabiose*.

Enquanto duravam essas preparações, o solitário observava todas as regras do ioguismo; alimentava-se só de vegetais e abstinha-se de todo o comércio carnal.

Enfim, quando ficou pronto para sofrer a prova, submeteu-se a ela, talvez muitas vezes, antes de apresentar-se à Corte de Lahore.

Por que se apresentou ele perante o rajá Runjet-Sing? Suponho que vinha, ou para convertê-lo, se o rajá fosse muçulmano, ou como outrora os profetas de Israel, para censurar esse rei por suas faltas (todos os reis cometem faltas: são homens), à Corte por sua dissolução e, a ambos, pregar a penitência e o arrependimento. E para dar a todos uma prova de sua missão divina, ofereceu-se a mostrar que podia ficar debaixo da terra, dentro de um caixão, durante semanas, durante meses, e renascer depois à vida!

A sua proposta foi aceita.

Haridès, o iogue, fez seus últimos preparativos. Purificou o corpo exteriormente por meio de abluções e internamente por meio do jejum e do suco das plantas sagradas; limpou o estômago, não com um tubo, como modernamente nas lavagens, mas por meio de longas tiras de linho fino, que engoliu e expeliu, depois, pela boca.

Quando chegou o dia anunciado, uma multidão imensa congregou-se-lhe em torno. Haridès, rodeado dos discípulos e acompanhado pelo rajá e sua Corte, encaminhou-se gravemente para o lugar da prova. Estendido no chão um sudário de linho, o iogue colocou-se no centro dele e, voltando o

rosto para o Oriente, sentou-se, cruzando as pernas na atitude *pamadzan* de Brama sentado sobre o lótus. Pareceu recolher-se um momento, depois fixou o olhar na ponta do nariz, tendo invertido a língua para o fundo da garganta. Logo cerraram-se-lhe os olhos, inteiriçaram-se-lhe os membros; produziu-se, enfim, a catalepsia, ou antes a *Tanatoidia*<sup>25</sup> (termo novo que proponho), isto é, um estado parecido com a morte.

Os discípulos do solitário apressaram-se então em esfregar-lhe os lábios, a fechar-lhe os ouvidos e as narinas com mechas de linho envolvidas em cera, provavelmente para protegê-lo contra os insetos. Reuniram e amarraram os quatro cantos do sudário por cima de sua cabeça. O selo do rajá foi impresso sobre os nós da mortalha e o corpo encerrado em caixão de madeira de quatro pés por três, que foi tapado hermeticamente e também marcado com o sinete real.

Um jazigo murado, preparado a três pés debaixo da terra, para guardar o corpo do iogue, recebeu o caixão cujas dimensões se adaptavam exatamente a esse túmulo. A porta foi fechada, selada e completamente vedada com argila.

Entretanto, foram estabelecidas sentinelas para guarda do sepulcro, o qual estava também rodeado por milhares de hindus, que haviam concorrido piedosamente ao enterro do santo, como a uma peregrinação.

*Ao termo de seis semanas*, tempo convencionado para a exumação, uma afluência ainda maior de espectadores correu ao lugar do sucesso. O rajá mandou tirar a argila que murava a porta e reconheceu-lhe a perfeição do selo.

Foi destapada a porta, o caixão retirado com o conteúdo e, depois de verificado achar-se intacto o sinete que o selava, mandou o rajá abri-lo.

O Dr. Honigberger observou, então, que o sudário estava coberto de mofo, o que se explicava pela umidade do carneiro. O corpo do solitário, tirado do caixão por seus discípulos, e sempre envolto no lençol, foi apoiado de encontro à tampa; depois, sem o descobrirem, derramaram-lhe água quente so-



bre a cabeça. Enfim, desembrulharam-no do sudário, tendo-se primeiro verificado os selos, antes de serem partidos.

Então o Dr. Honigberger examinou-o atentamente. Conservava a mesma atitude de quando fora inumado, tendo somente a cabeça descansada em um dos ombros. A pele estava enrugada; os membros rígidos. O corpo inteiro estava frio, menos a cabeça, que havia sido ensopada de água quente. Não se conseguiu perceber o pulso nem nas radiais, nem nos braços, nem nas fontes. A auscultação do coração só indicava o silêncio e a morte...

Levantando-se-lhe uma pálpebra, mostrou-se um olho apagado e vítreo, qual o de um cadáver.

Seus discípulos e servos lavaram-lhe o corpo e friccionaram-lhe os membros. Um deles aplicou sobre o crânio do iogue uma cataplasma quente, de farinha de trigo, que foi renovada muitas vezes, enquanto outro discípulo tirava as mechas dos ouvidos, do nariz, e abria-lhe a boca com uma faca. Haridès parecia uma estátua de cera, não dando sinal algum indicativo de que ia recuperar os sentidos.

Depois de ter-lhe aberto a boca, o discípulo segurou-lhe a língua e fê-la voltar à sua posição normal, onde a manteve, porque ela tendia incessantemente a recair na laringe. Friccionaram-lhe as pálpebras com gordura e foi-lhe feita mais uma aplicação de cataplasma quente na cabeça. Nesse instante, um estremecimento sacudiu o corpo do asceta, as narinas se lhe dilataram, seguiu-se uma profunda inspiração, o pulso bateu lentamente, os membros amornaram-se; Puseram-lhe na língua um pouco de manteiga derretida e depois desta cena penosa, cujo resultado parecia duvidoso, “os olhos subitamente recuperaram o brilho”.

A ressurreição do iogue estava realizada. E logo que ele avistou o rajá, disse-lhe simplesmente: “Acreditas-me agora?”

Meia hora havia sido necessária para reanimá-lo, e “no mesmo decurso de tempo, posto que fraco, mas trajando um

rico vestuário de honra, adornado com um colar de pérolas e braceletes de ouro, o iogue repimpava-se à mesa real”.

Tempos depois, o rajá, tendo, sem dúvida, provocado o asceta, fez com que este de novo se sepultasse, mas desta vez a seis pés de profundidade. O chão foi batido em redor do caixão, murou-se-lhe o jazigo, espalhou-se terra por cima da sepultura e nela semeou-se cevada. Sempre segundo as mesmas testemunhas oculares, Haridès foi conservado *quatro meses* nesse túmulo; ao fim desse tempo voltou à vida como da primeira vez.”

Esses fatos estão, por tal forma, fora de tudo que a fisiologia nos ensina sobre as condições habituais da vida humana, que não podemos evitar pelo menos de dizer: “Eu quereria ver...” Mas, como observa o escritor de quem copiei esta narrativa, “seria temerário negar esses fatos pelo único motivo de não podermos ainda explicá-los”. Acrescentarei que a explicação já não poderá tardar muito.

Seja como for, antes de repelir *a priori* as narrações como a que precede, é bom lembrar que centenas de viajantes têm estado de acordo sobre fatos que narram, do mesmo gênero, observados na Índia. Que, além disso, a religião bramânica, mística no mais alto grau, leva seus adeptos a esse gênero de macerações e autotorturas. E que, finalmente, homens como os bramas da Índia, estudando o lado psicológico da biologia humana, há tantos e tantos séculos, podem saber do assunto um pouco mais do que nós, que começamos apenas a entrever as coisas.

Seria mais prudente cuidar de unir a ciência moderna, exata, positiva, à antiga tradição, que parece ter sido conservada intacta pelos sábios da Índia, cujos pais provavelmente inspiraram o Egito e a Grécia, assim como inspiraram os fundadores das grandes religiões que dividem a Humanidade.

\* \* \*

Deve-se notar que as coisas denominadas milagrosas são executadas em toda parte por pessoas reputadas santas, qualquer que seja a religião a que pertençam. Somente, em cada religião, quase sempre, atribuem à intervenção do diabo os intitulados

milagres produzidos por “santos” das religiões rivais, ao passo que os que trazem a boa marca são devidos à graça divina.

Não queremos ocupar-nos destas opiniões e ainda menos discuti-las. Segundo a divisa dos marajás de Benarés: “Não há religião mais elevada do que a Verdade.” E como a Ciência outra coisa não é senão a soma dos caminhos e meios que conduzem ao conhecimento dessa Verdade, seus fiéis são obrigados, para não serem distraídos por símbolos desnaturados e obscurecidos, a estabelecer seu culto privilegiado fora de qualquer Igreja; pois que a abóbada estrelada dos Céus é o único templo digno de abrigar a idéia que devem fazer da Divindade.

## Capítulo VI

Poderes *supra-ordinários*, novas faculdades que o homem pode adquirir. – Perigos do adestramento imposto para a aquisição destas faculdades. – Exemplo recente e atual desses perigos: uma associação inteira de místicos entregando-se aos mais imorais atos. – Perigos que apresentam as sessões espíritas e geralmente as pesquisas feitas sem método. – As inteligências inferiores apoderam-se da força anímica dos médiuns. – Perigos terríveis das sessões obscuras. – Fatos que servem de exemplos em apoio desta alegação. – Um experimentador ferido quase mortalmente, outro ferido gravemente. – Outros fatos observados pessoalmente pelo autor. – Conselhos a esse respeito.

---

Vê-se que o homem pode adquirir um poder de exteriorização ou de *abmaterialização* do seu espírito e da sua força anímica, permitindo-lhe produzir fenômenos aparentemente contrários às leis naturais vulgarmente observadas e atualmente conhecidas pela ciência ocidental moderna.

Li muitas coisas interessantíssimas a respeito de homens dotados dessa faculdade, vivendo no estado de comunidades, de falanstérios, nas solidões do Tibet ou sobre as montanhas do Himalaia; não sei se é real a existência desses *adeptos* entre os bramas de graus superiores, ou a dos *maatmas*, como são denominados alguns deles; não posso duvidar da possibilidade dessa existência: o que eu vi destruiu a dúvida.

Quererá isso dizer que eu recomende a prática do ioguismo e suas macerações como meio de investigação? Certo que não. Mas a ciência positiva com seus processos experimentais, seu método indutivo e dedutivo, não escolhe fatos. Por esse motivo, não merece censura o investigador que estuda os fenômenos determinados por esses homens chamados iogues, faquires, médiuns, etc., os quais, empregando sua parte de livre-arbítrio, submeteram voluntariamente o corpo e o espírito a tratamentos às vezes cruéis, com um intuito cuja legitimidade e cujo valor não posso discutir aqui. Parece-me não ser menos útil o estudo desses deslocados do que o dos indivíduos da deslocação física, aos quais, por meio de uma operação financeira, que poderíamos

considerar macabra, se compram os esqueletos com a condição de serem eles entregues aos museus e às faculdades de medicina.

Desejo fazer conhecer que, longe de animar alguém a lançar-se sobre as pegadas dos iogues ou dos faquires, assinalei, em minha obra anterior sobre Espiritismo, os perigos que podem decorrer das pesquisas psíquicas. Acrescentarei que, relativamente ao adestramento destinado a desenvolver as faculdades superiores de *abmaterialização*, o exercício conduz, quase sempre, à loucura ou pioram as inclinações e, às vezes, à explosão de novas paixões dependentes da aberração do sentido genesíaco. A natureza comprimida recupera, um dia, os seus direitos com usura, se a compressão os enfraqueceu. É assim que, segundo a expressão de Pascal, à força de querer fazer o anjo, acaba-se por fazer o bruto.<sup>26</sup>

\* \* \*

Conheço, de minha parte, muitos exemplos terríveis da perversão de que acabo de falar.

Aqui temos um deles: um escritor inglês, de talento, desprendido há pouco, quis, em certo período de sua vida, adquirir faculdades *supra-ordinárias*. Abandonou a alta posição que ocupava nas rodas políticas e literárias da Grã-Bretanha e entregou-se à pesquisa do Oculto. Abraçou a vida mais dura que pode ser imaginada; depois, escreveu livros que são hoje a admiração dos místicos e dos estudantes de “ocultismo”. Nos Estados Unidos ele filiou-se a uma sociedade místico-religiosa da qual se separou no dia em que o chefe daquela igreja teve a fantasia de fazer-se passar por Deus em pessoa. Na América, como sabemos, esse gênero de loucura, ou de impostura, não é raro; e um êxito relativo lhe anima a reprodução.

À força de proselitismo, servido além disso por uma eloquência compungente e persuasiva, o candidato a iogue constituiu-se inspirador e o chefe de uma religião nova, que ensinava o sacrifício de si mesmo e a união das almas num “simpneuma” seráfico. Mas, já então, havia posto de lado os jejuns, as meditações, o insulamento mau conselheiro (*væ soli!*) e as macerações da carne, para adotar uma vida relativamente faustosa. Havia con-

seguido fundar no Oriente uma comunidade onde se achavam não poucas donzelas e senhoras inglesas ou americanas de boa sociedade. A comunidade tinha – e ainda tem no preciso momento em que escrevo – aderentes dos dois sexos na Europa – mesmo em Paris – e na América. Conheço alguns deles. Pois bem! Atrás da devoção e do misticismo requintado dos adeptos, ocultavam-se e ocultam-se ainda as mais repugnantes práticas obscenas, elevadas à altura de um princípio e de um culto *ad majorem Dei gloriam*.

Depois da morte do falso profeta, seus discípulos preparavam-se para espalhar, por meio de iniciações ocultas, as doutrinas que lhes foram secretamente confiadas, e depois de precauções fáceis de imaginar; uma barcada de jovens dos dois sexos, alguns casados, dispunham-se a partir para o Levante, quando uma moça novata do novo Priapo onânico abriu os olhos a tempo: tinha-se quebrado o encantamento da sugestão. Ela fez, com grande abnegação, todo o possível para reparar o mal feito e impedi-lo de produzir-se novamente. Graças a ela, a associação está em período de desagregação.

Estou convencido de que esse homem, causa da perda de grande número de espíritos corrompidos e fanatizados ao mesmo tempo por ensinamentos apologéticos do vício, era uma espécie de inconsciente. Se eu tivesse, na qualidade de médico-legista, de pronunciar-me sobre sua responsabilidade, hesitaria na questão de saber até que ponto poderia considerá-la atenuada, em razão do desarranjo cerebral, que podia ser provocado pelas práticas ocultas a que ele se entregara outrora. Para falar a linguagem dos cabalistas, não pôde vencer “o guarda da porta” e a esfinge devorou-o.

Aí fica um exemplo, cuja autenticidade garanto,<sup>27</sup> dos perigos a que se expõe quem se atira exclusivamente à procura do desconhecido misterioso, sem se guiar pelo farol da filosofia positiva e sem estar cercado, antes de tudo, dos rigorosos princípios do método científico.

\* \* \*

Acabo de falar dos perigos produzidos pelo emprego de práticas destinadas a desenvolver os “poderes ocultos”; resta-me indicar os acidentes terríveis aos quais se arriscam os que, sem método, se entregam às pesquisas espíritas com o auxílio dos médiuns.

Em outra parte, aludi aos inconvenientes que resultam do estudo da psicologia fenomênica, quando quem o fizer não possuir um sistema nervoso bastante sólido.

De modo geral, penso que não é muito sensato entregar-se uma pessoa assiduamente à prática das evocações: não somos sempre senhores de receber quem quisermos e quando o médium, tornando-se passivo, deixa escapar a sua energia anímica (força, fluido vital, perispírito dos espíritas), a primeira inteligência má que for atraída por certas influências magnéticas de ordem inferior, a primeira *larva* ao alcance, segundo a expressão dos ocultistas, pode apoderar-se dele e causar desgraças irreparáveis.

É principalmente em sessões às escuras que fatos desses podem ocorrer.

Conheço, entre outros, dois fatos particularmente instrutivos a esse respeito. O primeiro verificou-se há pouco tempo, na Inglaterra: três *gentlemen*, com o objeto de se certificarem da exatidão de certas alegações espíritas, encerraram-se, uma noite, às escuras, no quarto de uma casa desabitada, tendo-se comprometido por juramento solene que seriam absolutamente sérios e de boa-fé.

O quarto estava inteiramente vazio e, intencionalmente, só colocaram nele três cadeiras e uma mesa, em torno da qual tomaram lugar e assentaram-se.

Convencionaram que se alguma coisa insólita ocorresse, o primeiro que pudesse faria luz com fósforos e velas a disposição dos três. Estavam imóveis e silenciosos, já havia algum tempo, atentos aos menores ruídos, às mais leves vibrações da mesa sobre a qual haviam pousado as mãos entrelaçadas. Não se escutava nenhum som; a escuridão era profunda e talvez os três evocadores improvisados estivessem para fatigar-se e perder a

paciência, quando, de súbito, um grito estridente de angústia restrugiu no silêncio da noite. Imediatamente, produziu-se um fragor medonho e uma saraivada de projéteis começou a chover no pavimento, na mesa e nos operadores.

Cheio de terror, um dos assistentes acendeu a vela, como tinha sido combinado, e quando as trevas se dissiparam, dois deles somente se encontraram em presença um do outro e notaram com terror a falta do companheiro cuja cadeira estava derribada em uma extremidade do aposento.

Passado o primeiro momento de perturbação, eles encontraram-no debaixo da mesa, sem sentidos, com a cabeça e o rosto cobertos de sangue.

Que ocorrera?

Verificou-se que o mármore da chaminé havia sido arrancado, feito em mil pedaços e projetado em todas as direções, alcançando a cabeça do infeliz.

A vítima desse acidente ficou dez dias desacordada, entre a vida e a morte, e só lentamente se restabeleceu da terrível comoção cerebral que havia recebido.

A história foi-me contada por um homem digno de toda a confiança, que a tinha ouvido de um dos atores da cena.

\* \* \*

O segundo caso, que ocorreu durante uma sessão às escuras, sucedeu a M. P..., um dos membros mais distintos da imprensa parisiense, e que mo comunicou.

M. P... tinha sido convidado a assistir, em uma casa particular de Passy, a uma sessão espírita na qual “a força anímica” era fornecida por Sh., médium americano muito conhecido.

Em dado momento, o médium dirigiu-se ao piano. Fora do seu alcance, em cima de uma mesa, foram colocados diversos instrumentos de corda, entre os quais um bandolim. Os assistentes, segurando as mãos uns dos outros, formaram círculo e apagaram as luzes. O médium tocou ao piano uma ária qualquer e logo se ouviram os instrumentos, que tocavam também, pairando no quarto, sobre os assistentes, perto do teto, aproximando



do-se, afastando-se e fazendo-se ouvir sucessivamente em diferentes pontos do aposento.

De repente, M. P... sente-se contundido na frente, leva aí vivamente a mão e, atordoado pelo golpe, grita que está ferido, vertendo sangue. Ao mesmo tempo um bandolim caía-lhe sobre os joelhos. De fato, quando houve luz, viram que ele estava com o rosto e as mãos ensangüentados; o bandolim havia-lhe batido com uma das arestas na parte média da frente, onde aparecia larga incisão, cuja cicatriz o ofendido há de trazer por toda a vida.

\* \* \*

Em minhas numerosas experiências, especialmente no princípio, sucederam muitas aventuras mais ou menos desagradáveis, uma das quais quase acabou em tragédia. Não que eu haja jamais feito experiências no escuro: é um modo de proceder que sempre repeli. Tudo quanto me tem acontecido de molesto ocorreu-me a plena luz.

Um dia, depois de avançar algumas observações irônicas a respeito de opiniões formuladas por um “espírito” grosseiro, que se manifestava por intermédio da mesa, julguei de momento ter a minha rótula partida pelo choque violento da borda deste móvel, bruscamente atirado sobre mim. Interrogado, o espectro respondeu afirmativamente, quando lhe perguntei se tivera intenção de magoar-me.

Mas, foi principalmente em circunstâncias que jamais esqueci, vivesse eu mil anos, que vi de perto o imenso perigo a que uma pessoa se expõe nesse gênero de estudo, se não tiver o cuidado de instruir-se sobre certas condições requeridas, das quais não se pode prescindir absolutamente. Devo confessar que por aquele tempo entregava-me às pesquisas psíquicas com bastante sem-cerimônia, tratando esse assunto do mesmo modo que os outros e considerando-o como qualquer parte da fisiologia. Mas, desde então, fiquei sabendo que convém proceder de outra maneira e usar de certas formalidades, sem as quais um experimentador não prevenido poderia sofrer mais de um grave desengano.

Eis o fato:

Nos últimos meses do ano de 1886, fazia eu, quase diariamente e sempre à noite, experiências sobre a força anímica. Duas sessões foram particularmente coroadas de peripécias. Essas sessões se realizaram no laboratório dos velhos edifícios do antigo colégio Rolin, transformado provisoriamente, naquela época, em Escola Prática da Faculdade de Medicina.

O local que eu ocupava e que me servia de laboratório era vizinho dos anfiteatros de dissecação, da Faculdade, onde, naquele momento, havia muitos cadáveres. Em uma das peças desse laboratório estivera, algum tempo antes, um cadáver que me servira para estudos de medicina operatória. Quem estiver em dia com as questões de que estou tratando compreenderá a importância destes pormenores.

O médium que me auxiliava nas pesquisas era um norte-americano, M. S..., cuja força anímica se emitia em quantidade suficiente para produzir “materializações” e transporte de objetos a distância, sem contato.

Um sábado à noite, no mês de dezembro de 1886, o médium, o Dr. de B... e eu dirigimo-nos, pelas nove horas, ao laboratório da rua Lhomond.

Dois amigos meus, o Dr. A... e M. L..., publicista, redator-chefe de uma revista política e literária, aos quais eu marcara entrevista, já haviam chegado. O servente do meu laboratório tinha preparado os objetos necessários à experiência: pretendíamos obter sinais impressos em gesso diluído, tendendo a solidificar-se.

Ficando pronto o gesso, foi ele posto em uma vasilha larga, debaixo da mesa, em torno da qual, exceto o servente, nos assentamos todos. A vasilha foi coberta por uma rede de arame em forma de sino, sobre a qual colocamos os pés. A peça estava perfeitamente iluminada por dois bicos de gás, um dos quais situado sobre nossas cabeças.

Obtivemos, esse dia, muito pouca coisa; nenhum sinal impresso, mas alguns traços insignificantes, como se um dedo tivesse roçado a superfície do gesso; e alguns dentre nós a-

presentamos nas roupas manchas da mesma substância, que ninguém havia antes notado. O médium queixava-se de não se sentir bem, experimentando, dizia, más influências em redor de si, e tendo dificuldade em repeli-las para não ser “tomado”.

Obtidos alguns fenômenos que não há interesse em referir aqui, interrompemos a sessão e partimos, indo o médium meio desfalecido e apoiado ao braço de M. L... e ao meu.

No caminho, da rua Lhomond à rua Claude-Bernard, aonde íamos à procura de carro, fomos repentinamente agredidos por uma saraivada de pancadas que ouvíamos e sentíamos muito bem – posso falar a respeito – e que alcançavam principalmente o médium. As pancadas eram-nos dadas por detrás. Enfim, encontramos um carro; e o médium, que estava muito agitado e parecia bastante atemorizado, tomou lugar nele com o Dr. de B... Apenas instalados na sege, ouviram um rufo irregular de pancadas no toldo do carro, logo que este se pôs em movimento. Esses rumores continuaram, segundo no-lo informou o Dr. de B..., até chegar aos Campos Elíseos, onde residia S... Ajustamos nova entrevista para o sábado seguinte.

No dia determinado, reunimo-nos no mesmo lugar, com as mesmas pessoas do sábado precedente.

A princípio, as coisas anunciaram-se muito mal: apenas havíamos entrado no recinto da Escola prática provisória, no momento em que caminhávamos ao longo de um dos anfiteatros de anatomia, ouvimos repentinamente um silvo seguido do violento choque de um objeto, de encontro a um anteparo vizinho. O objeto indicado era um frasco vazio, do modelo dos que servem para conservar peças anatômicas; ele havia ricochetado sobre um de nós e caíra no chão sem quebrar-se. Pessoa alguma podia achar-se escondida no lugar onde nos encontrávamos e, ao demais, a noite não estava muito escura.

Temendo algum desgosto, no momento de penetrarmos num vestíbulo que havia na escada que conduzia ao labora-

tório, no segundo andar, como o gás estivesse apagado na escada e aí a escuridão fosse completa, gritei ao servente que fizesse luz. Durante esse tempo, começávamos a subir. Mal havíamos atingido o primeiro andar (o médium ia na frente e eu por último), quando ouvimos um novo silvo, seguido logo do barulho de um frasco, análogo ao primeiro. Bem entendido; pessoa alguma foi encontrada na escada.

Uma vez no laboratório, que estava bem iluminado, tudo correu, durante algum tempo, como da última vez; mas o médium tornava-se cada vez mais inquieto.

Enquanto nos conservamos em torno da mesa – uma mesa quadrada, simples, que eu mandara construir expressamente – e depois de preparado o gesso, fiz em alta voz e em tom jovial, pronunciando-me em francês, de modo a não ser compreendido do médium que só falava o inglês – a objeção de não ser impossível, dado o lugar onde estávamos, que algum Espírito velhaco, cujo corpo tivesse sido dissecado, fizesse tudo para nos atrapalhar as experiências. Mal acabava de falar, quando o médium foi acometido de convulsivo movimento, que lhe sacudiu o corpo todo e o fez cair em *transe*.

O que ocorreu, então, foi deveras pavoroso: ele pôs-se de pé, tendo os olhos desmedidamente abertos, parecendo que lhe saíam das órbitas; deu alguns passos irregulares no aposento, e todos nós, sentindo que algo de extraordinário ia suceder, erguemo-nos em guarda. S... girou sobre si e agarrou um dos pesados bancos de carvalho que nos serviam de assento, fazendo com ele um molinete terrível. Os meus amigos debandaram à pressa, mas, como eu estava justamente sentado junto da parede, fiquei sozinho em frente daquele corpulento americano, de hercúleo tipo, que parecia embirrar comigo especialmente, conservando-nos ambos separados pela mesa quadrada, ao redor da qual estávamos tranqüilamente sentados um instante antes. Nesse momento, era horrível o seu rosto. Dirigiu-me o braço esquerdo, tendo o indicador estendido, e com o direito brandiu o pesado banco, acima da sua cabeça.

A cena, nesse velho quarto de colégio, improvisado em laboratório de psicologia experimental, era realmente singular naquela noite de dezembro; mas, não foi nisso que pensei, então. Os meus amigos, atemorizados, guardavam distância, ninguém dava uma nota; só o médium deixava escapar um estertor gutural.

Não podendo afastar-me do espaço em que me achava – de um lado a parede e a mesa, do outro um aparador e o fogão – eu não perdia um gesto desse que se mostrava animado contra mim, de intenções claramente hostis. Aproximou-se mais e, tendo-me ao alcance da mão, atirou formidável golpe com o banco, na direção da minha cabeça.

Eu conservava todo o sangue-frio, prestava-lhe a máxima atenção imaginável; e, quando percebi o início do movimento que ia atingir-me, segurei os dois pés da mesa que estavam do meu lado, levantei-os vivamente, apresentando a mesa ao meu adversário e cobrindo-me com ela qual um escudo. O choque foi terrível; o banco bateu na mesa como uma pancada de catapulta, ouviu-se um estouro e o impulso fez-me recuar até à parede. A mesa rachou de alto a baixo. Continuando a proteger-me com ela, empurrei-a sobre S..., que largou a arma e caiu para trás, numa cadeira, atacado de convulsão. Corremos sobre ele a fim de sujeitá-lo, mas foi inútil; voltou a si imediatamente, não se recordando de coisa alguma; e, para não assustá-lo, sentamo-nos de novo em redor da mesa, escondendo a nossa emoção.

Desta vez fiz que ele se colocasse perto da parede. A precaução não foi inútil, porque, tendo sido outra vez acometido de um *transe* não menos terrível do que o primeiro, ergueu-se ainda, após agitação convulsiva, e tornou a sentar-se, com a boca contraída, os olhos a lhe saltarem das órbitas. Levantou-se e nós fizemos outro tanto; ficamos os dois separados pelo fogão, mas ele empurrou a mesa e, segurando uma cadeira, encaminhou-se para mim. Do meu lado peguei no banco que ele me havia atirado e tomei-o, não como uma arma ofensiva, mas a fim de aparar os golpes que me fossem vibrados com a cadeira por ele brandida.

Houve ainda um momento de violenta ansiedade para todos nós, quando ele e eu ficamos frente a frente, empunhando as estranhas armas desse combate quase fantástico.

Ele continuava brandindo sempre a cadeira, eu preparava-me para recebê-la sobre o meu banco, quando fui levado, não sei por que força, a tentar uma experiência, pondo à prova um meio que me fora indicado por pessoa muito em dia com estas coisas, como infalível em semelhantes circunstâncias: larguei o objeto que segurava e estendi os braços para frente, dirigidos contra a pessoa do infeliz “*em transe*”, querendo energicamente que ele ficasse imobilizado. Projetei, de alguma sorte, a minha vontade sobre ele, acompanhando esse esforço cerebral de um gesto enérgico. O efeito foi instantâneo e fiquei, mais que todos, muito agradavelmente surpreendido: em vez de ser-me atirada, a cadeira foi lançada para trás e, posto que muito sólida, feita em pedaços, a ponto de não poder ser reparada; S... ficou transfigurado, seu corpo foi agitado por convulsivo tremor e transportado bruscamente contra a parede a três ou quatro metros do ponto em que se achava. Seus membros todos ficaram torcidos, enroscou-se em forma de bola no pavimento, junto de uma porta, e ouvimos estalarem-lhe as articulações.

Alguns passes magnéticos acabaram por chamá-lo a si e, logo que pudemos, abandonamos esse lugar tão pouco propício às pesquisas psíquicas, para jamais tornarmos aí no mesmo intuito, tendo-nos munido de luzes para tomarmos os carros que nos esperavam na rua.

\* \* \*

Como acabamos de ver, as pesquisas psíquicas experimentais não deixam de ocasionar certos riscos aos que se entregam a elas e fazem mal a pessoas que levam isso de brincadeira.

A minha opinião sobre esse assunto pode ser exposta em poucas linhas: quando não pudermos estar de modo sério e seguido, em uma palavra, com proveito da Ciência, isto é, da Humanidade, os fatos de psicologia experimental, o melhor, *quando tivermos visto o bastante para convencer-nos*, é ficarmos

quietos e confiarmos nos que se sentem com força de afrontar o perigo que oferece esse gênero de investigações e possuem a competência indispensável ao seu bom resultado.

## Capítulo VII

Por que, em seguida às minhas primeiras pesquisas, não avancei teoria alguma e mantive-me no terreno dos fatos? – Carta de um redator do *Journal des Débats*. – Três sessões com Eglington. – Materializações. – Moldagens e fotografias de formas anímicas. – Por que os sábios, em geral, nada querem dizer a respeito desses fenômenos? – Entrevista com o professor Vulpian. – A prova de que o homem possui uma consciência sobrevivente ao corpo está feita. – Mecanismo da morte. – Esse mecanismo comporta dois tempos: 1º) fase da morte intelectual; 2º) fase da morte anímica. – As células do corpo são indivíduos vivendo de nós e dentro de nós, como por nossa parte vivemos do macrocosmo e dentro dele. – A célula viva contém energia anímica, isto é, energia em evolução para inteligência: ela assimila, desassimila e lembra-se. – A imunidade patológica é um fenômeno de memória celular. – Um caso inédito de intitulada alucinação verídica. – Últimas palavras de Hermès moribundo.

---

Em meu precedente trabalho, expus longamente diversas experiências devidas a sábios dos mais distintos (W. Crookes, Zöllner, etc.), antes de expor as minhas próprias experiências. Não quis, então, emitir teoria alguma sobre os fenômenos espiritualistas, e isso por muitos motivos. Em primeiro lugar devo colocar o seguinte: se me achava perfeitamente certo da realidade dos fenômenos, não me tinha ainda fixado a respeito de sua causa. Acreditava poder afirmar, todavia, que em certo número de casos, pelo menos dos que eu observara, alguns eram produzidos por uma causa intelectual, que parecia independente. Ademais, permanecendo no terreno dos fatos, não querendo adotar nem sustentar teoria alguma, guardava uma posição inexpugnável e não podia ser acusado de ter um partido feito, ou uma opinião preconcebida. Os resultados dessa atitude sincera me hão dado razão e, assim como já tive ocasião de escrevê-lo, a quantidade de cartas que me foram dirigidas por ex-alunos da Escola Politécnica, da Escola Normal superior, por professores, por diplomados em ciências, médicos, engenheiros, etc., de França e do estrangeiro, animaram-me a perseverar nessas pesquisas.



Alguns cientistas e homens instruídos assistiram às minhas experiências e escreveram-me em seguida cartas que eu podia publicar, por estar autorizado a fazê-lo: mas, para quê? Os que não confiam no testemunho dos sábios que conscientemente arriscaram sua reputação científica, publicando o resultado de suas pesquisas, ficariam mais convencidos?

Entretanto, como entre os fatos experimentais que expus em minha obra precedente, insisti principalmente no fenômeno da *escrita direta*, vou reproduzir uma carta que me foi dirigida depois de uma sessão à qual assistiram, em minha casa, o Sr. Patinot, diretor do *Journal des Débats* e dois dos seus colaboradores, os Srs. André Halays e Harry Alis, o autor da carta em questão. Porém, antes disso, indicarei sumariamente o mecanismo da escrita direta, segundo a teoria que a minha orientação permite apresentar: quando o médium permanece em estado de passividade quase absoluta, se bem que acordado, sua força anímica, em vez de ficar limitada aos órgãos, flutua no exterior. As inteligências que se ligam à sua pessoa, mas que se não podem manifestar *sem um suplemento de força anímica*, sabem apoderar-se da que se desprende do médium e empregam-na em dar sinais de sua existência e de sua presença de diferentes maneiras, quer tomando uma forma, quer produzindo sons, *vozes*, ou ainda fazendo mover objetos e, em caso particular, um lápis de ardósia, de três ou quatro milímetros de comprimento.

Podem assim dar à força em questão, quando ela é abundante, todas as aparências da matéria viva de que falarei depois, ou da matéria inorgânica; isto talvez sirva para demonstrar um dia que a matéria procede da energia, porque, excetuando os casos em que há *transportes*, são evidentes algumas destas *materializações*.

Eis a carta:

JOURNAL DES DEBATS  
*Politique et Littérature*

*Rue des Prêtres-Saint-Germain-l'Auxerrois, 17*

Paris, 21 novembro 1886.

Sr. Dr. Paul Gibier, Paris.

“Caro Doutor.

Assisti ontem à noite, com os Srs. Patinot, André Halays e uma quarta pessoa, às experiências de Slade, em condições que excluem toda a hipótese de fraude.

Enquanto eu me conservava com os olhos fixos nos pés do médium, ouvimos e senti, duas vezes, duas pancadas dadas no pé da minha cadeira.

Slade renovou com êxito a experiência das ardósias transportadas para debaixo da mesa. Os Srs. Patinot, Halays e o quarto espectador<sup>28</sup> sentiram a princípio um sopro frio, depois a ardósia foi-lhe suavemente depositada na mão.

Slade repetiu de diversos modos a experiência da escrita entre duas ardósias. Adquirimos a convicção de ser o fenômeno real. Em dado momento, Slade segurava a ardósia sob a mesa, porém distante dela cinco a seis centímetros, e ouvimos escrever. Uma palavra de um dos espectadores fez o médium voltar a cabeça e este, por movimento nervoso involuntário, adiantou a ardósia à minha vista. Durante essa posição, que calculo ter durado dois a três segundos, *vi o lápis sozinho correr rapidamente sobre a ardósia, traçando caracteres*, mais ou menos umas três ou quatro letras. Quase imediatamente soaram três pancadas e Slade, retirando as ardósias, mostrava-nos as palavras escritas.

Aceitai cordiais saudações e, de novo, os nossos agradecimentos.

*Harry Alis.*”

Reproduzi esta carta, procedente de um escritor honrosamente conhecido, por causa do interesse especial oferecido pelo fato de *o lápis escrever sozinho* e como animado.

Apesar de numerosas tentativas, jamais pude corroborar pela vista as repetidas experiências de escrita direta, que dirigi, como já mencionei na citada obra sobre o Espiritismo.

\* \* \*

O presente ensaio não é um trabalho experimental, no sentido de não ser especialmente consagrado a dar contas de experiências; mas, também não deixa de ser a consequência das investigações que não cesso de fazer no mesmo sentido. Por isso mesmo, essas investigações permitem-me ser um pouco mais ousado do que outrora e graças a elas posso hoje assegurar aos psicólogos que, se eles resolverem experimentar com médiuns bem dotados e honestos, encontrarão a prova da persistência da consciência do ser humano no período posterior a esta última função chamada morte. Por quanto tempo persiste essa consciência? Em que condições a vida e a existência dela continuam a exercer-se? Aí estão outras tantas questões que é bem difícil, não direi resolver, mas abordar no estado atual das idéias científicas. Entretanto, penso que, antes de muito tempo, o assunto poderá ser discutido tão naturalmente como qualquer outra matéria de fisiologia. Sinto-me feliz, com efeito, em poder informar o leitor de que alguns fisiologistas, ocupando elevadas posições quer em França, quer nos países vizinhos, estão hoje muito em dia com a questão. Seria fazer-lhes injúria supô-los capazes de conservar guardada a luz debaixo do alqueire, em vez de iluminarem com ela os cérebros dos jovens aprendizes de fisiologia, que procuram saciar uma sede inextinguível de ciência, à sombra das cátedras oficiais.

Posso, pois, sem receio de avançar demasiado, dizer que das investigações novas de que falo, poder-se-ão brevemente obter dados muito instrutivos, apesar das contradições que se notam nos *escritos* ou nos *discursos* dos representantes do mundo vizinho dos *seres ordinariamente invisíveis*, que se nos manifestam.

Não quero dizer mais por ser extemporâneo. Bom é que guardem somente o seguinte: o mundo que não vemos é um reflexo daquele que julgamos conhecer.

\* \* \*

Entre as numerosas pessoas esclarecidas, que a publicação do meu primeiro trabalho me facilitou conhecer, devo contar o Sr. Arthur Êngel, ex-aluno da Escola de Atenas.

Eu tinha sido convidado a assistir às experiências do médium Eglington, de Londres, mas sendo-me naquela ocasião impossível ausentar-me de Paris, o Sr. Êngel fez-me o favor, em viagem que empreendeu naquela época à Inglaterra, de procurar Eglington, de quem conseguiu três sessões muito interessantes.

Entre os fatos obtidos com a força anímica do médium, houve este que foi repetido duas vezes: Êngel tomou um livro qualquer e, depois de tê-lo embrulhado em jornal, pediu que as quatro primeiras palavras de tal linha e tal página, que indicou ao acaso, fossem escritas em uma ardósia conservada sob a mesa<sup>29</sup> por ele próprio, ao mesmo tempo que por Eglington. A seu pedido, a primeira palavra devia ser escrita em cor cinza, a segunda em vermelho, a terceira em cor-de-rosa e a quarta em verde. Lápis destas cores achavam-se sobre a ardósia. O livro estava à vista. Na primeira prova, a resposta foi que era impossível dar palavras de uma página que não existia no livro: com efeito, a este último, faltavam quatro páginas para a página pedida.

Nas outras duas experiências, sucessivas, a prova foi bem-sucedida.

Outra vez apareceu escrito o milésimo de um *penny*. Ninguém, nem mesmo Êngel, que o tinha tirado do bolso sem vê-lo, conhecia esse milésimo e, ademais, a moeda tinha sido logo guardada debaixo de chave.

Possuo as atas dessas experiências, redigidas após cada sessão: o espírito científico com o qual foram feitas todas as observações nada deixa a desejar. Não quero, entretanto, reproduzi-las *in extenso*. Abster-me-ei, mesmo, de citar qualquer outra experiência desse gênero, posto que tenha em minha pasta grande quantidade de documentos dos mais curiosos: fotografias denominadas espíritas obtidas com seis médiuns e por seis experimentadores diferentes (engenheiros, médicos, químicos), numerosas atas de sessões espíritas com transportes singulares, materializações, etc., e especialmente um volumoso manuscrito redigido pelo coronel M..., ex-aluno da Escola Politécnica, onde estão relatadas as experiências que ele fez durante anos (1875-76-77). Nas sessões do coronel M..., às quais assistiram notabilidades científicas do exército, o médium principal era sua filha

adotiva. Um fato que me chamou a atenção, entre muitos outros, nas últimas experiências, o qual menciono para os iniciadores nesses estudos, foi a materialização perfeita de um cãozinho morto havia alguns meses, e que pertencera ao coronel.

Já que falei de materializações, acrescentarei – não entrando, porém, em maiores detalhes, porque para os elementos da questão sou sempre forçado a indicar o que já escrevi anteriormente – que nas sessões de “materializações” – tomemos nota – qualquer um pode ver uma pessoa de sua família, morta há mais ou menos tempo, aparecer-lhe e falar-lhe. Podemos apertar a mão da forma materializada, apertar essa forma em nossos braços e ter a ilusão completa de que a pessoa está viva. Ela conversa conosco a respeito de coisas perfeitamente particulares e só conhecidas de ambos. Sua voz não muda. A aparição tem um coração que bate, podemos auscultá-lo assim como os pulmões onde o ar penetra regularmente (vede as experiências de W. Crookes).<sup>30</sup> Podemos fotografar a forma. Ela deixa-nos a impressão, ou, antes, o modelo da mão e até da cabeça (há muitos exemplos), com o auxílio de parafina derretida, que se faz resfriar rapidamente antes que a “materialização” se desvaneça.

Esses moldes ou formas não guardam sinal de solução de continuidade, nem vestígio de linha de junção, e o modelador, a quem são confiados, fica sem compreendê-los, visto o processo ser inédito, a menos que lho expliquem.

Todos esses objetos, fotografias e modelos ficam como prova inalterável e irrefutável de que não estivemos sonhando.

Acrescentemos que essas materializações são produzidas por inteligências operando sobre a força, a energia anímica subtraída do médium.

Como, perguntarão, essas coisas não estão mais conhecidas? Por que não são mais bem estudadas? Responderei que já há longo tempo essas coisas são conhecidas dos sábios – não todos, entretanto –, mas devo adicionar que os primeiros que ousaram falar delas viram seus nomes quase arrastados na lama e sua honra posta em discussão. De modo que hoje, geralmente, entre os que estudam essas altas e importantes questões, cada um

indaga e aprende por conta própria, só ou com um pequeno grupo de amigos seguros, e guarda tudo para si.

É mister dizer-se que palinódias famélicas e venais, assim como fraudes estrondosas, fizeram em torno do assunto um certo escândalo, bastante para fazer os tímidos hesitarem e para fixar a opinião das pessoas que pensam de acordo com o jornal que lêem.

Ademais, há uma multidão de homens poderosos interessados, por mais de um motivo, em que não sejam divulgados esses novos conhecimentos: citarei os materialistas-cientistas, de um lado, e os espiritualistas-religiosos do outro. Isso não impedirá, seguramente, a verdade de aparecer e posso dizer que ela se espalha cada vez mais rapidamente entre os investigadores. Mas, quanto tempo perdido!

Querem ter uma amostra da maneira pela qual os homens “colocados” recebem as coisas novas que se não coadunam com as suas idéias? A seguinte anedota ilustrará o caso suficientemente.

Quando dei à publicidade o meu primeiro trabalho sobre o assunto de que me estou ocupando agora, haverá três anos, fui oferecer um exemplar ao professor Vulpian, ex-decano da Faculdade de Medicina de Paris e membro do Instituto, que em muitas circunstâncias me havia testemunhado grande benevolência. Às primeiras palavras que lhe dirigi sobre o assunto, ele quase perdeu a compostura e disse-me bem rudemente, embora com verdadeiro acento de bondade:

– Sabeis que sempre manifestei grande interesse pelos vossos trabalhos, mas devo dizer-vos, agora, que lamento ver-vos abordar um assunto tão escabroso.

Ele assegurou-me, sem nunca haver investigado esta matéria, que aí nada havia mais do que “fraudes e velhacarias”, e se continuasse a ocupar-me com tais coisas, seria “um homem ao mar”. Foram suas próprias expressões.

– Recordai-vos, meu caro mestre – repliquei-lhe –, que quando o Sr. Bouley apresentou à Academia de Ciências, da

parte de um correspondente, uma nota sobre o micróbio da tuberculose, lhe assegurastes que esse gérmen não podia existir? Porque, dizíeis vós, se ele existisse, já o teriam encontrado, visto ser procurado há muito tempo.

– Não é a mesma coisa – respondeu ele um pouco atrapalhado –: o micróbio do tubérculo vê-se; só faltava descobrir processo próprio a pô-lo em evidência.

– Exatamente como os fatos de que me ocupo – acrescentei –: são palpáveis, mas era necessário um processo particular para torná-los visíveis e tangíveis.

Depois, Vulpian morreu. Agora ele sabe qual de nós dois tinha razão.

Também, para que fui oferecer meu livro a um membro da Academia e pedir-lhe, sobretudo, que o apresentasse na seção das ciências? Podemos imaginar a surpresa dos honrados membros do Instituto, escutando uma comunicação como esta:

“Senhores:

Tenho a honra de depositar sobre a mesa da Academia uma memória do Dr. Fulano, tratando de almas do outro mundo e fantasmas, bem como de imagens de Espíritos que foram obtidas por meio da fotografia!”

Certamente, em 1886 era ser ingênuo, bem reconheço hoje, querer apresentar semelhante trabalho à Academia de Ciências.

A hora da apreciação científica não soou para esses fatos, que, indubitavelmente, serão um dia o corolário dos conhecimentos humanos. Esperem e hão de ver em breve Fulano ou Sicrano, professor de fisiologia ou de patologia nervosa, aqui ou em outra parte, quer seja membro do Instituto de França ou da Sociedade Real de Londres, reencetar experiências quais as minhas, ou as de sábios antecessores meus, como sejam Robert Hare, William Crookes, Boutlerow, a Comissão da Sociedade Dialética de Londres, Friedrich Zöllner, etc., e ler belas memórias perante a sua Sociedade, onde apresentará, aos olhos pasmos dos seus colegas, exemplares de fotografias transcendentais. E quando já não houver mais lugar para a dúvida, os ecos de todos os prelos

lhe cantarão a glória e os que tiverem energicamente negado e repellido a verdade, zelosos deste sucesso, gritarão bem alto que “isto não é novo”, a fim de parecerem bem informados.

Tal é o destino das coisas e dos homens de nossa raça atual.

\* \* \*

Apesar do cuidado que tive em prevenir o leitor de que neste “ensaio” eu iria direito ao fato, sem precauções preliminares, devo, entretanto, nos casos em que estes estudos lhe sejam completamente inauditos, desculpar-me por haver dado, sem aviso, um assalto tão repentino às suas convicções ou aos seus conhecimentos cotidianos.

Entretanto, como todos podem notar, até aqui não me ocupei de nenhuma opinião religiosa; desse modo, ninguém pode acusar-me de favorecer ou atacar crença alguma. Nenhum daqueles que acreditam ter o monopólio das coisas verdadeiras em matéria religiosa ou filosófica poderia ver com maus olhos uma tentativa de exploração do lado da verdade. O homem convencido e sinceramente afeiçoado ao que ele crê ser a expressão dessa verdade, não pode, pelo contrário, senão desejar o bom resultado de semelhante empresa e considerá-la como uma auxiliar das suas convicções. A verdade nada tem a temer do exame.

Limito-me a estudar os fatos e trato de descobrir-lhes as conseqüências. E ao leitor rogo acreditar que só falo do que conheço por *observação* ou *experimentação*. Julgo-me com direito a pretender que não sou hóspede em nenhum dos dois processos: como médico, isto é, como observador de profissão, exerço as minhas faculdades de observação há quase vinte anos, a melhor parte dos quais passada nos hospitais de Paris.

Como experimentador, dirigi efetivamente, durante anos, o laboratório de Patologia experimental e comparada do Museu de História Natural de Paris, onde, entre numerosas pesquisas, foi-me dado demonstrar em delicadas experiências que os animais de sangue-frio, como os batráquios e os peixes, podem contrair certas doenças dos animais de sangue quente (o carbúnculo), que não os atingem ordinariamente, com a condição de elevar a sua



temperatura a um grau vizinho da dos mamíferos, fazendo-os viver na água quente (*Academie des Sciences*, 1882).

Mostrei também este fato interessante: que as aves (galinhas, etc.) podem contrair a raiva, transmiti-la a mamíferos semanas depois de inoculadas e podem, entretanto, curar-se espontaneamente (*Academie des Sciences*, 1884). Ao mesmo tempo, demonstrei, experimentalmente, que a raiva não reincide quando curada, porque os pássaros inoculados uma vez não se tornam hidrófobos quando submetidos à segunda inoculação. Fui o primeiro a assinalar a existência dos germes ou micróbios do pênfigo agudo e os da raiva; e a memória que publiquei, sobre o conjunto dos meus trabalhos a respeito da raiva e seu tratamento, recebeu da Faculdade de Medicina de Paris a mais alta recompensa que ela concede às teses que lhe são apresentadas (1884).

Enfim, nas regiões governamentais, nunca auguraram desfavoravelmente das minhas faculdades de observador e experimentador, porque cinco vezes diferentes o governo da República Francesa confiou-me a missão de estudar em França, ou no estrangeiro, duas epidemias de cólera asiática (1884-85), duas epidemias de febre amarela (Antilhas, 1887; Flórida, 1888-89) e os métodos experimentais de diferentes sábios estrangeiros.

Nos exames reiterados que fiz dos fenômenos de que acabo de falar, inspirei-me sempre nestas palavras de Voltaire:<sup>31</sup>

“Quando se faz uma experiência, o melhor partido é duvidar-se por muito tempo do que se viu e do que se fez.”

Guiei-me, igualmente, pelos sábios conselhos dados por meu ilustre mestre Pasteur, em uma carta que me escreveu no momento em que eu partia para as Antilhas, para estudar a febre amarela:

“Caro Sr. Gibier:

... Conhecendo os novos métodos aplicados ao estudo das doenças contagiosas, podeis abordar as pesquisas difíceis que ides empreender.

Desconfiai principalmente de uma coisa: da precipitação no desejo de concluir. Sede de vós mesmo um adversário vigilante e tenaz. Cuidai sempre de surpreender-vos em falta...

Minhas felicitações e um cordial aperto de mão.

*L. Pasteur.*”

Somente depois que observei o fenômeno da *escrita direta* pelo menos *quinzentas vezes*, foi que me decidi publicar as minhas pesquisas. Ademais, achava-me absolutamente fixado a respeito de uma quantidade de fatos da mesma natureza e muito mais extraordinários em aparência.

Acrescentarei que durante cinco anos, antes de estar inscrito na Faculdade de Medicina, estudei tecnicamente a mecânica, o que não prejudica na descoberta dos “*trucs*”, e também me iniciei nos artificios dos prestidigitadores. Devo, com efeito, confessar que já pratiquei um pouco a prestidigitação, a fim de melhor surpreender a fraude, caso isso fosse necessário.

Por outro lado, devo observar que não trato de fazer propaganda alguma de qualquer doutrina que seja: ocupo-me da questão sob o ponto de vista científico, nada mais. Vou mais longe: aconselho sempre às pessoas que quiserem, de boa-fé, convencer-se da realidade dos fatos aqui estudados, a que fiquem prevenidas a respeito de uma multidão de médiuns que se fazem pagar mais ou menos caro, e isso por motivos já indicados mais acima.

Declaro, enfim, que embora reconhecendo a existência real das coisas que estudo, de forma alguma me constituo defensor das doutrinas neo-espíritualistas que tomaram, ao menos prematuramente, por ponto de partida e por base os fenômenos em questão.

\* \* \*

Se alguma vez um axioma foi pilhado em falta, um deles é o que diz: “*acreditamos facilmente no que desejamos*”. Com efeito, em sua grande maioria, os homens esperam, ou antes, desejam viver depois da morte, quer de um modo, quer de outro. Explico-me: os sábios, por exemplo, até quando são niilistas,

trabalham por adquirir glória aos olhos dos seus contemporâneos e também da posteridade, procurando, ao mesmo tempo, tornar-se úteis. Por isso, eles desejam viver, ao menos, em suas obras. Assim, também, os artistas. Não ignoro que esse desejo de glória, isto é, de sobrevivência, sofre geralmente uma forte mistura de aspirações menos ideais, mas passemos adiante. Só quero mostrar que, apesar desses desejos instintivos de imortalidade, a maior parte dos homens mostra-se refratária quando se trata de admitir e estudar os fenômenos mais próprios para a demonstração da possibilidade, não ousando dizer dessa imortalidade, porém de uma outra mais ou menos prolongada sobrevivência da consciência do homem depois da morte. O que há de mais curioso, e ao mesmo tempo de contraditório em aparência, é que a mesma repugnância é encontrada entre muitos espiritualistas.

Fica, porém, estabelecido para os sábios que observaram os *factos exteriores*, determinados pela presença dos médiums ou dos *faquires*, médiums estes do Oriente, que tais factos contêm a prova mais certa, jamais obtida, da existência do Espírito, da inteligência, como princípio consciente e persistente, depois da morte do homem.

Quando for tempo, ocupar-me-ei da questão da duração dessa consciência e de suas transformações. Por agora, contento-me em dizer que parece resultar de minhas observações e das fontes de ensino a que recorri, ser ela suscetível, em certos casos, de persistir por *muitos séculos*. Direi também que a noção do tempo é por lá muito diferente da que temos aqui.

\* \* \*

Se o presente ensaio for favoravelmente acolhido pelo público escolhido, ao qual é dirigido, poderei, noutra edição, ligar os diferentes parágrafos, juntando-lhes muitas alíneas que tive de riscar no último momento. Certas passagens, nas quais não julgo ser ainda tempo de insistir, ficarão assim completas.

Apesar da reserva – aliás relativa – que me impus, não posso, entretanto, dispensar-me de indicar sumariamente como se opera o fenómeno da morte, segundo os novos dados que a “ciência futura” já nos deixar lobrigar.

Vimos que, à imagem do macrocosmo, o homem compõe-se de três partes fundamentais:

- a matéria (corpo);
- a energia (alma);
- a inteligência (espírito).

Cada uma dessas partes poderia ser considerada sob vários aspectos, que seriam como outras tantas subdivisões delas; mas, ainda não chegou o tempo de entrar-se nos detalhes de uma *hiperfísica* mais complicada.

Quando chega a morte real, *o que* abandona o corpo, em primeiro lugar, é o *Espírito*, e sem dúvida de modo mais ou menos rápido, segundo o gênero de morte. Ao mesmo tempo, uma certa parte da energia anímica se dissipa logo e volta para o reservatório comum da energia universal, e isso *gradualmente*.

Outra parte dessa energia permanece ligada ao Espírito, que, sem ela, voltaria, talvez, à Inteligência universal, como a matéria do corpo e uma certa quantidade de energia voltam à matéria e à energia ambientes. Mas, só mais tarde, se o corpo não é imediatamente destruído pelo fogo ou qualquer outra causa destrutiva, é que a força anímica abandona definitivamente o corpo.

Noutros termos, a morte intelectual chega em primeiro lugar; a morte anímica depois, gradualmente também, e de modo mais ou menos rápido, segundo o gênero de morte e a temperatura do lugar; é, por assim dizer, a morte celular sucessiva. A vida, a *anima*, deixa as células uma a uma, e a nova personagem da nova vida só fica definitivamente constituída quando a *força anímica*, espalhada nas diferentes células, que são os diferentes glóbulos do corpo, as abandona para unir-se ao Espírito, ao qual ela se dirige, em virtude de uma lei análoga à das atrações diversas que observamos e cuja causa por enquanto nos é desconhecida.

\* \* \*

Assim como a matéria, mesmo suposta no estado de repouso completo, encerra energia potencial, assim também a força anímica contém inteligência em gérmen, ou no estado potencial. A matéria seria, pois, segundo esse prisma para o qual chamo a

atenção do leitor, uma modalidade em evolução para a energia da qual ela parece proceder, como esta estaria em evolução para a inteligência, da qual tudo procede e para a qual tudo volta num perpétuo círculo. É o que os antigos iniciados figuram pelo Ouróboros, a serpente que vive a demorar-se, enrolada em círculo, dentro do qual um triângulo descendente e outro ascendente estão entrelaçados, indicando as duas correntes em sentido contrário, que são a vida do mundo. E é também o que quiseram significar os iniciadores religiosos da Humanidade em suas bíblias, onde escreveram que “o Espírito criou o mundo do nada”, isto é, de si mesmo.

As células animadas contendo inteligência no estado embrionário – se posso exprimir-me assim – manifestam essa inteligência à maneira dos seres inferiores: vibram, assimilam, desassimilam, procriam e *lembram-se*. O fenômeno conhecido sob o nome de *imunidade* contra uma doença infecciosa, que já atacou o corpo humano, ou o do animal, outra coisa não é mais do que um fenômeno de *memória celular*; é a manifestação dessa *inteligência potencial*: a célula, ser vivo, independente até certo ponto, lutou uma vez vitoriosamente contra as células dos germens ou micróbios invasores, recorda-se de haver-lhes resistido e do modo pelo qual lhes resistiu. Ela transmite essa lembrança, que exprime hereditariedade, às suas células-filhas. É só ao fim de tempo mais ou menos longo que essa memória se perde e que a imunidade “se esquece”. Cada individualidade da confederação polizóica luta pela comunidade e procura dentro de suas forças aniquilar ou expulsar, do território da república, o intruso que quer viver à custa dos seus concidadãos. Em resumo: cada célula do nosso corpo é um ser vivo, um animal representando a imagem microscópica do homem: é formada de matéria, de energia e de inteligências proporcionais.

A descoberta da fagocitose, por Metschnikoff, é uma perfeita demonstração do que avanço. Esse sábio mostrou, surpreendendo-os em flagrante, que os glóbulos brancos do sangue e dos órgãos linfáticos desempenham papel de agentes de polícia da circulação dos humores do corpo do homem e dos animais. Desde que um elemento estranho se introduz na circulação, eles

se reúnem, em grande número, em torno do intruso, prendem-no e procuram, antes de tudo, abafá-lo, comê-lo, digeri-lo, em uma palavra, fazê-lo desaparecer – o que conseguem freqüentemente quando se trata de micróbios atenuados (*Bacillus anthracis*, etc.), ou pertencentes a qualquer moléstia ordinariamente não mortal. Enfim, tendem a expulsá-lo, quando se trata de um corpo volumoso, que os tecidos não conseguem enquistar.

Penso que esta teoria da imunidade ainda não foi apresentada e submeto-a ao juízo da crítica científica, com a segurança de que um dia lhe hão de reconhecer a veracidade.

\* \* \*

Esta digressão a respeito da vida celular parece-me indispensável para dar uma idéia verdadeira da natureza do homem e seus elementos constitutivos. Ela constitui um contingente da natureza das coisas de que neste momento faço a análise. Lancemos ainda um olhar sobre esta questão.

Um fato demonstrativo de que, em condições ordinárias, a morte anímica, seguindo-se à morte intelectual, só sobrevém progressivamente, é a descoberta do enxerto epidérmico, feita pelo meu antigo colega dos hospitais de Paris, o Dr. Reverdin, de Genebra. Eis em que consiste esse enxerto: em seguida a largas perdas de substância, a fim de favorecer o desenvolvimento de uma superfície de revestimento, em outras palavras, para substituir a epiderme destruída, tira-se de outros pontos do corpo parcelas epidérmicas, que são *transplantadas* sobre a ferida em via de cicatrização. Esses “enxertos” continuam a viver no ponto em que foram fixados e desenvolvem-se mesmo em sua periferia. À vista disso, eles não perderam a *vida* desde o momento em que foram separados do corpo. Ainda mais, pode-se tirar fragmentos da epiderme e mesmo grandes pedaços da pele de um cadáver, muitas horas depois da morte, e ver os elementos anatómicos desses órgãos continuando a viver sobre o corpo vivo onde foram enxertados, ou de que estão saturados.

Por conseguinte, apesar da *morte*, *eles não tinham morrido*. É hoje um fato de alguma sorte banal e em que se têm variado não só as aplicações, como também os ensaios, de um ponto de vista

puramente experimental. Assim, enxertou-se a pele do branco sobre a do negro e *vice-versa*.

O resultado foi que, a princípio, a pele emprestada conservou por algum tempo a cor primitiva, mas gradualmente adquiriu o tom dos tegumentos do seu novo “proprietário”.

Todos os que fazem autópsias pouco depois da morte – em período de epidemias de cólera ou febre amarela, por exemplo – podem observar que os músculos seccionados contraem-se sob o escalpelo, exatamente como em um ser vivo, no decurso de uma amputação: é que a morte anímica ainda não atingiu a célula muscular. Sucede o mesmo com os animais. A galvanização dos supliciados, que lhes força o rosto a fazer caretas e os membros a contorções, como acontece aos bonecos de engonço, prova ainda que a matéria organizada conserva a *vida* que a *anima* e persiste excitável: só o *excitador* é que se ausentou. Se pudéssemos estabelecer uma circulação e uma respiração artificial no corpo de um supliciado cuja inteligência estivesse definitivamente separada do corpo, talvez conseguíssemos obter uma espécie de autômato, que poderia continuar a viver animicamente durante algum tempo, conquanto morto intelectualmente para sempre.

O enxerto de Reverdin prova que as células epiteliais continuam a viver e até a desenvolver-se, quando transportadas a um meio vivo. Um fato que observei em Havana, durante a missão confiada pelo governo francês para o estudo da febre amarela, parece-me indicar que algumas células do corpo humano podem multiplicar-se em meios apropriados, *não vivos*, como, por exemplo, no ágar-ágar, ou gelose nutritiva, que serve para cultivar os micróbios. Assim, num caso de febre amarela, duas horas depois da morte, a 23 de dezembro de 1887, recolhi urina através das paredes da bexiga, recentemente descobertas na altura de um ponto cauterizado a ferro candente. Fiz a punção por meio de um tubo delgado (pipeta de Pasteur), mas um pouco largo. Com a extremidade quebrada e irregular do tubo, previamente passada pela chama de uma lâmpada de álcool, raspei levemente a parede interna da víscera e sorvi uma pequena quantidade do líquido. O tubo foi fechado à lâmpada e meia hora depois o conteúdo foi

“semeado” em gelose liquefeita e neutra, espalhada em vidros de relógios, rasos e bem abrigados em vasos de porcelana.<sup>32</sup>

Não descobri nenhuma “colônia” de micróbios; mas tive a agradável surpresa, ao cabo de alguns dias, de ver aparecer, no meio transparente da gelose, uma certa quantidade de películas esbranquiçadas e irregulares, que aumentavam de volume todos os dias. Examinei essas pequenas massas com o microscópio: eram formadas de corpúsculos chatos, irregulares, munidos de um núcleo e completamente semelhantes às células endoteliais da mucosa vesical. Observei-as durante algumas semanas e o seu desenvolvimento só foi detido pela dissecação da gelose e pela invasão das placas de “cultura” por microorganismos do ar. Achando-me, então, muito ocupado em investigações sobre o *vômito negro*, não tive tempo de prosseguir no estudo de tão interessante fato. Depois, só pude fazer novos ensaios em duas ocasiões diferentes: uma vez sobre o animal, outra vez sobre o homem, mas sem resultado. A composição do meio de cultura deve representar um papel importante nessa questão. Seja como for, não duvido ter assistido à multiplicação e desenvolvimento, fora do corpo humano, de células que fizeram parte dele e, se as circunstâncias mo permitirem, não renunciarei ainda a fazer a demonstração desse curioso fenômeno de células animais que crescem num meio inerte.

\* \* \*

Antes de terminar esta terceira parte, penso que não será supérfluo insistir um instante ainda sobre o que, a meus olhos, constitui a prova da persistência da consciência do Ser, depois da destruição do corpo.

Evidentemente, não me tendo proposto, como já o disse, escrevendo este ensaio, a relatar novas experiências, só posso indicar ao leitor as que já fiz anteriormente conhecer: se ele admitir as pesquisas de Crookes e as minhas como sendo de natureza a reclamar uma séria atenção, encontrará nelas um incentivo ao estudo da questão. E depois da leitura dos principais livros modernos sobre o assunto, se quiser verificar os fatos por si mesmo, colocando-se, bem entendido, nas melhores condições



de observação, ficará logo convencido de que nada avancei de mais e que até me conservei aquém da realidade. E a *sua convicção aumentará tanto mais quanto mais sérias e mais repetidas forem as suas investigações*. Como já observei, quando se trata de uma ilusão, obtêm-se provas contrárias.

\* \* \*

Assim, depois da morte, o homem “encontra-se” naquilo a que chamarei o *além-da-vida*, num estado que é, sem dúvida, seu estado normal, sendo apenas transitório este em que vivemos presentemente, enquanto o não suponha sem objetivo.

As experiências de que falei não são os únicos fatos que concorrem para demonstrar a existência desta grande verdade. Como já citei acima, a obra recente, intitulada *Phantasms of the Living*, é um livro escrito por diversos sábios distintos, onde se encontram numerosas observações de pessoas que apareceram, quer durante o sono natural ou hipnótico, quer no momento da morte, a parentes e amigos distantes, sendo impossível não admitir que seja coisa diversa de uma coleção de acidentes fortuitos, repetindo-se sem cessar.

Submeto a observação seguinte ao Sr. Myers e seus colaboradores, para a próxima edição do seu interessante trabalho.

Este fato foi-me comunicado pelo Sr. Lemerle, comandante de paquetes da *Compagnie Générale Transatlantique*. Depois de fazer-me esta narração a bordo do vapor *La Fayette*, durante uma das minhas viagens às Antilhas, em 1888, o comandante Lemerle me confirmou duas vezes, por carta: a primeira vez foi em 2 de outubro de 1888 e a segunda por carta de 20 de dezembro do mesmo ano, depois de uma visita que fez a seu pai, o ator principal da narração que vou fazer.

O Sr. Lemerle, pai, é também oficial de marinha. Capitão de longo curso, em 1870 comandava um brigue e voltava de Carrara com um carregamento de mármore, para Ruão.

O brigue lentamente costeava Portugal, com mar bastante cavado, quando, de repente, em pleno dia, achando-se na tolda do navio, o Sr. Lemerle, pai, viu a seu lado um irmão, também oficial de marinha e capitão de longo curso. Esse irmão não

estava, ao que parece, em muito boas relações com ele. Naquele momento, devia estar navegando algures: era tudo quanto sabia a seu respeito.

O bravo marinheiro, que não pensava de maneira alguma no irmão, se bem nunca houvesse experimentado coisa semelhante em sua vida, inteirou-se imediatamente de que se tratava de uma “aparição”.

Essa aparição mostrou-se-lhe durante muitos dias, “quer ele estivesse na tolda, no tombadilho ou na câmara, permanecendo a seu lado, ou em sua frente, à mesa”.

Dou a palavra ao Sr. Lemerle, filho:

“Como esse acontecimento o inquietasse muito, meu pai fez escala em Belle-Isle, donde telegrafou à minha mãe, que residia em Nantes, perguntando-lhe se não ocorrera novidade em casa.

A resposta trazida pelo telégrafo foi que uma grande desgraça acontecera à família. Meu tio Toussaint, o irmão de meu pai, o mesmo cuja imagem lhe aparecera obstinadamente alguns dias antes, tinha sido arrebatado por uma vaga, ao atravessar o Atlântico, no navio que comandava.

Foi a única vez em sua vida que meu pai observou semelhante fenômeno.”

Em sua segunda carta, o Sr. Lemerle, que ia ocupar um lugar nas Antilhas, escreveu-me a respeito de perguntas que eu lhe rogara fizesse a seu pai sobre diversos pontos concernentes à aparição:

“Antes de partir de França, consultei meu pai sobre a visão que ele me contou outrora haver visto.

Não há absolutamente nada a alterar no que vos narrei a bordo do paquete *La Fayette*.

Meu pai não pôde definir-me exatamente se a sombra do irmão lhe parecia palpável ou não; suas reminiscências, em razão a idade muito avançada, escapam-se-lhe.

Recebei, etc.

*F. Lemerle.”*

Capitão-comandante dos paquetes da  
Compagnie Générale Transatlantique

Têm-se dado nestes últimos anos às aparições desse gênero o nome impróprio de *alucinações verídicas*.

\* \* \*

Acrescentarei apenas algumas linhas a este capítulo demasiado longo, para indicar como é que se realizam as manifestações análogas à precedente, principalmente à hora da morte. Segundo a teoria que deduzo das minhas observações, isso é devido a que, nesse momento, a inteligência pode dispor, para tornar-se visível, de uma certa quantidade de energia anímica escapada pouco a pouco do corpo, depois do que denominei a morte intelectual. Receio muito não ser compreendido por todos, mas sê-lo-ei melhor dentro de poucos anos.

Por outro lado, esses fatos são observados mais frequentemente em certas regiões, que em outras. Isso depende de duas causas principais. Em primeiro lugar, certas raças, os escoceses e os suecos, por exemplo, são mais particularmente predispostos aos fenômenos de “vista dupla”, *abmaterialização* da força anímica, etc. Além da influência da raça, talvez haja aí também um efeito devido à ação magnética do lugar.

Uma segunda causa que, consoante minha opinião, é das mais eficazes, pode residir no fato de um indivíduo, morrendo com a convicção, ou, antes, conhecendo que só vai mudar de estado, dever ficar menos perturbado do que o ignorante. Compreende, muito mais depressa, a nova situação em que se acha e pode, no momento da morte, melhor servir-se da parte de energia anímica que não deve guardar, e formar com ela uma imagem visível à sua semelhança (revestir-se de energia materializada ou materializante), ou, talvez, produzir uma espécie de fascinação sobre os sentidos daqueles a quem quer avisar da sua morte. Ora, esses fatos observam-se principalmente nos lugares onde dominam as idéias espiritualistas, sob qualquer forma que se manifestem.

Ademais, saber-se-á, algum dia, que muitas vezes essas formas não são a própria inteligência das pessoas às quais se asse-

melham, porém, unicamente a imagem, o ídolo, como diziam os antigos, a casca dessas pessoas.

Na Idade Média, foram observados igualmente muitos fatos curiosos que os cronistas e os processos de feitiçaria nos transmitiram. Fazendo o desconto devido ao erro, ao exagero, às alucinações provocadas pela superstição, restam ainda numerosos fenômenos inexplicáveis, podendo ser levados à conta da vida miserável que passavam todas as infelizes vítimas amedrontadas pela ignorância e pelo fanatismo. Esse estado de miséria física e moral tinha grande influência sobre a constituição desses seres degradados e tornava-os mais ou menos aptos à mediunidade.

Há um fato histórico que se não pode deixar completamente à parte dos precedentes e que exige ainda uma explicação da Ciência vulgar: é a tocante epopéia da “Donzela de Orléans”, a heróica Joana d’Arc.

\* \* \*

Desejava não sair dos limites de uma serena exposição científica; entretanto, não estou proibido de escrever, ao terminar, que a Humanidade verá aumentar seu reconhecimento para com a Ciência, no dia em que esta, pronunciando-se com conhecimento de causa, puder dizer ao homem:

“Hermès moribundo tinha razão quando, com os olhos já deslumbrados pela visão da Eternidade, cujo véu se desvelava diante dele, preferiu estas palavras:

“Até hoje, vivi exilado da minha verdadeira pátria; volto para ela; não me choreis, recupero a habitação celeste para onde cada um de vós seguirá por sua vez: lá está Deus.

Esta vida é a morte.”

(Chalcidius, in *Timæum*).

## PARTE QUARTA

### Influência da ciência futura sobre as religiões, filosofias, ciências, artes, etc.

#### Capítulo único

Perturbações e revoluções que os novos dados da Ciência vão causar nos diferentes ramos do “intelecto humano”. – Perturbações nas opiniões religiosas. – O grande Pan morreu! Viva o grande Pan! – Religião nova. – Ciclo das religiões ou ciclo da religião-ciência. – Perturbações nas ciências, na medicina, na biologia. – As artes, e principalmente a literatura, começam a sentir a influência da “ciência de amanhã”. – A lenda das pedras. – Olhar retrospectivo e sintético. – Maneira de ser do sábio.

---

O leitor não deve esperar encontrar nas poucas páginas seguintes um desenvolvimento tão completo do assunto como lhe pareceria esperar, talvez, o título desta quarta parte. Segundo penso, seria mister um volume inteiro para dar uma idéia justa das transformações revolucionárias que serão produzidas nos objetos de culto religioso ou intelectual do homem, pelas descobertas da Ciência nova.

Como é bem de ver-se, não será sem provocar um movimento imenso, nos diferentes ramos do intelecto humano, que os fatos aos quais me referi vão ser estudados, como nunca o foram talvez, e levados ao conhecimento do público. É que hoje se tornou impossível esconder coisa alguma durante muito tempo: a imprensa aí está de alcatéia e nada se pode dizer em uma “Sociedade” sem ser imediatamente atirado aos quatro ventos.

Em primeiro lugar, já não existem os mesmos perigos que obrigavam a conservar secretos os trabalhos executados nos laboratórios dos templos antigos. As multidões são sempre multidões, mas têm melhorado e cada dia se tornam menos estúpidas e menos perversas: seguem a lei de progressão lenta,

mas indefinida, a que tudo obedece, assim como a história, embora tão curta, no-lo ensina.

Oh! sabemos todos, por experiência, que isto não se fará sem lutas; porém estas não têm faltado em grande número e já se operou uma revolta da opinião: grande parte da moderna geração, não tendo os motivos de oposição das suas predecessoras, encara, sem repugnância, estas “novidades” a respeito das quais ainda não aprendeu a surpreender-se.

Se quisermos prever o que sucederá nos diferentes campos religiosos que dividem o mundo civilizado, será fácil fazermos uma idéia da perturbação aí produzida pela vulgarização desses antigos dados sancionados pelo método experimental moderno.

Desde o começo, ver-se-ão padres, pastores, ministros e bispos, homens honestos e de boa-fé, sair cada um das fileiras do clero, declarando que sua honestidade lhes proíbe ensinar coisas nas quais eles não podem mais crer...<sup>33</sup>

Outros<sup>34</sup> rogarão ao pontífice de Roma que se ponha à testa de um movimento de reforma, na qual entrariam todas as seitas cristãs e todas as Igrejas cismáticas. “Seria, dirão, o começo do reino de Deus. A Igreja, dividida desde o princípio, depois de ter sido impotente, apesar das fogueiras e dos potros sangrentos, para reprimir centenas de heresias que lhe dilaceram o seio, a Igreja encontraria salvação na Ciência.”

Porque a Ciência mostrará, no fim das contas, que, se os símbolos diferem, todos os esoterismos se parecem, e que no fundo só há uma religião.

Mas é difícilimo edificar um belo e sólido edifício com velhos materiais provenientes de ruínas semiconsumidas. A grande maioria dos clérigos, por ignorância ou por cobiça, gritará que o dia do Anticristo, anunciado nas Escrituras, chegou, que todas essas invenções dos sábios não são mais que manifestações da potência infernal do Príncipe das Trevas. E todos, grandes e pequenos pontífices, obstinar-se-ão e ocultarão a cabeça por detrás dos seus símbolos incompreendidos, tapando os olhos à verdade, à simples, à imponente verdade. E, não a descobrindo, gritarão que ela não existe!...

Ainda não está, com efeito, em véspera de extinguir-se a raça dos que querem obrigar o homem adulto a andar calçado como as crianças, impondo hoje à sua razão revoltada os ensinamentos de séculos, como já o escrevi, desarraigar de nossos espíritos “os erros que se infiltraram em nossas veias com os sucos do leite materno”. Porque, como disse Dryden:

“Muitos de nós fomos transviados pela educação: acreditamos naquilo que nos ensinaram; o sacerdote continua a obra da aia e é assim que o menino persiste no homem feito.”<sup>35</sup>

Mas a voz que, dizem, se fez ouvir outrora bradando: “O grande Pan morreu!”, a mesma voz proferirá estas palavras mil vezes repercutidas em todos os cantos da terra: “Viva o grande Pan!” Porque uma nova religião vai surgir. Seus adeptos serão reconhecidos, porque não hão de vociferar “anátema!” contra ninguém. Eles dirão, ao contrário: “Fora da nossa Igreja, haveria salvação, ainda mesmo quando conseguissem permanecer fora dela.” Mas isso não é possível, porque ela chama-se Mundo e, sob esse título, é verdadeiramente universal; é a Igreja de Pan, a Igreja do Grande Todo.

Eles não hão de procurar *converter* ninguém, mas *convencerão* todo o mundo, cada um a seu tempo, porque, assim como já vimos, os homens acabam sempre ficando de acordo sobre coisas que podem ser submetidas ao exame dos sentidos, principalmente se estes são auxiliados pelos bons instrumentos da ciência moderna, que, ao menos esses, não têm opinião preconcebida.

Ensinarão que devemos tudo submeter ao julgamento da nossa razão e nada aceitar sem exame. Proibirão que se *acredite* e aconselharão que aprendam para *saber*.

Eles não marcarão limites ao possível do conhecimento, como fazem os *positivistas*.

Não dirão aos homens: “Amai-vos uns aos outros”, mas sim “Amai-vos a vós mesmos. Mas sabeis que não conseguireis amar-vos a vós mesmos se não amardes os outros, tanto ou mais que a vós.” Coisa que, algebricamente, se exprime por esta fórmula: “*O altruísmo é o egoísmo verdadeiro.*”

Ensinarão às sociedades que elas só terão uma vida efêmera e perturbada, se não tomarem por modelo de sua organização a do corpo do homem feito à imagem do Mundo. E assim, hão de acabar as guerras fratricidas entre os membros de uma mesma nação.

Ensinarão aos povos que eles não poderão ter existência próspera e durável senão com a condição de viverem com os outros grupos humanos, como membros de uma família feliz entre si. E, assim, terminarão as guerras homicidas entre as nações, que são os membros da família humana.

Demonstrarão por *A* mais *B*, aos de coração duro, frio e egoísta, que *seu próprio interesse* lhes manda procederem como se fossem bons, porque a miséria do pobre destila um fel amargo e virulento, que se infiltra até na taça do rico e contamina as veias dos seus filhos.

Não haverá, provarão eles, nem ventura nem civilização verdadeiras *enquanto existir um mendigo ou um soldado entre vós*.

Seus concílios não terão outro *Credo* senão os dados do método experimental. Seu culto será o do progresso humano para o não-sofrimento, e ganharão o mundo sublunar à sua Sinarquia fraternal.

Assim, terminará um ciclo a mais: o ciclo das religiões. No começo das sociedades humanas, com efeito, a religião confunde-se, rudimentar e fetichista, com a ciência do homem infantil e sem princípios. Mas tarde, ao passo que a Ciência se desenvolve, ela se desvia da religião primitiva. Mas a Ciência caminha, e quando toca o seu zênite, confunde-se de novo com a religião. Mas quão diferentes são as coisas: no princípio a ilusão, a ignorância; no apogeu a clara e brilhante verdade, preparando a era da fraternidade real.

Utopias? Certamente, hoje que a anarquia reina em toda parte: anarquia nas idéias religiosas e filosóficas, nas idéias políticas e sociais, anarquia nas nações e entre as nações; em toda parte a anarquia.

Os povos, no fim do século XIX, tinham feito acumulações de energia homicida sob a forma de engenhos aperfeiçoados (ó



barbaria científica) e uma faísca fará tudo explodir. Um medonho cataclismo de ferro, sangue e fogo ameaça a Europa e a insânia da carnificina propaga-se por toda a superfície da Terra, ao passo que a força, a inteligência e o ouro despendidos para espalhar a morte, semear a desgraça e as lágrimas, poderiam seguramente criar uma média de felicidade terrestre perfeitamente satisfatória, tanto no plano material quanto no plano moral. Por isso, ainda não chegou o dia da vitória da Justiça fraterna, e nada parece anunciá-lo, hoje que os povos vêm tudo cor de sangue; mas, quando o furacão passar, quando os que sobreviverem abrirem os olhos, o mal produzirá o bem.

\* \* \*

Depois do que havemos dito, será mister mostrar a que governo obedecerá o leme da Filosofia sob o impulso da Ciência nova? Penso que não. Podemos bem conceber que, com o auxílio dos conhecimentos positivos, cuja aquisição na Filosofia vai ser possível, a Filosofia dará um grande passo para a frente, porque os limites do cognoscível estão já consideravelmente recuados, ao menos para alguns dentre nós.

Não insistirei mais a respeito das mudanças que prevejo nas Ciências.

A influência da nova ciência, por enquanto, fez-se pouco sentir sobre as artes propriamente ditas, mas a literatura já está cheia de produções em que o talento sobra e cujos assuntos são por ela inspirados; o que às vezes falta aos seus autores é o conhecimento real e, não raro, a sinceridade.

Uma arte que tende de mais a mais a tornar-se uma ciência – a medicina – vai receber um impulso extraordinário, quando laboratórios forem instituídos para as pesquisas psicológicas, porque há que criar laboratórios cujos trabalhos e descobertas terão conseqüências tais que nenhuma das ciências contemporâneas pode dar uma idéia: são os laboratórios e é o instituto da futura Ciência. Os que se dedicarem a esses estudos, *no caráter de sábios*, cobrir-se-ão de glórias; seus nomes irão mais longe no tempo e na posteridade, do que os de qualquer dos cientistas atuais.

A primeira nação que animar as investigações desta ciência marcará sua passagem com um sulco luminoso na história dos povos...

\* \* \*

Era minha primeira intenção dar, por meio de observações e exemplos recentes, uma idéia da influência considerável que terão sobre a arte de curar os estudos dos quais tratamos aqui; mas, à última hora, recuei. E apesar da audácia e do êxito de Brown-Sequard, que acaba de inventar, ou de tornar a achar, o licor da Mocidade, detenho-me para não comprometer o que já começa a ser admitido.

Mas, não nos esqueçamos: em certos ramos da biologia e, conseqüentemente, da medicina tudo deve ser refeito sobre um plano novo.

\* \* \*

Se, no momento em que chegar ao fim deste volumezinho, o leitor me objetar que seu conteúdo não satisfizes completamente a esperança que lhe havia feito nascer o título, responderei não ser isso inteiramente por culpa minha. Dei-o a entender, por mais de uma vez, nas páginas que precedem: não me julgo autorizado a dizer tudo, e isso por muitas causas, por mais inverossímeis que pareçam certas coisas asseveradas nesta obra.

“Às vezes, pode o verdadeiro não ser verossímil” (*Le vrai peut quelque fois n’être pas vraisemblable*), elas não são, todavia, tão “extraordinárias” como outras intencionalmente não divulgadas. Foi para não comprometer o todo que só falei de uma parte.

Além disso, grandes e simples verdades não devem ainda ter publicidade: em atenção a elas mesmas, não devem ficar expostas às chacotas da multidão ignara e puerilmente presunçosa, cujos sarcasmos mataram Copérnico de pesar; da multidão que escarneceu de Franklin em seu começo e ridicularizou Galvâni apelidando-o “mestre-de-dança das rãs”, *y muchos otros*. Não falo dos gênios benfeitores a quem torturaram e deixaram morrer

de fome, “contentando-se, após exame insano e longo, com erigir-lhes uma estátua, para glória do gênero *humano*”.

De modo que, só do século devem queixar-se, se não façam menção alguma das origens da vida sobre os planetas em geral e sobre a Terra em particular, nem da lei de evolução que Lamarck, Darwin e R. Wallace lobrigaram *sobre uma de suas faces*; nem também do papel da inteligência nos animais. São questões, estas, que encontrarão exame em tempo determinado.

\* \* \*

Alguns leitores, talvez, nos farão esta reflexão: “Mas, enfim, de que nos serve sofrer e lutar na Terra, através do invólucro material, se realmente podemos existir sem ele?”

Lamento não o poder satisfazer, nesse ponto, porque, aqui também, sou retido pela reserva “que me liga”. Arriscar-me-ei, todavia, a usar da “parábola”. E como é uma questão de que me ocupo em outro trabalho, que publicarei algum dia, tomo a liberdade de citar-me, extraindo uma “lenda” da obra a que faço alusão.

#### A LENDA DAS PEDRAS

Houve tempo em que os homens mais instruídos da sua época acreditavam que, de entre os seres, só o homem sentia. Depois, reconheceu-se em que erro caíram, mas não se vai até ao fim: toda matéria é sensível. O hилоzoísmo é uma teoria exata e verdadeira: por exemplo, todos os corpos, sem exceção, sentem o calor e o frio e no-lo mostram... O éter, isto é, a vida, está em toda parte.

Bem, um dia (era no tempo em que as pedras falavam), uma pedra escura e informe contava seus males a uma de suas semelhantes e dizia-lhe:

– Um ser, que se intitula o rei da Criação, arroga-se o direito de bater-nos, em mim e nos meus, de ferir-nos a golpes de instrumentos duros e cortantes. Ele quebra-nos, despoja-nos do melhor de nós mesmos e só descansará, receio bem, depois que nos tiver reduzido a nada.”

A outra lhe respondeu:

– Vossas desgraças não têm valor, comparadas às nossas: sabeis que esse rei bárbaro, esse deus sem coração, o homem, pois que devo chamá-lo por seu nome execrando, veio arrancar-nos do seio da terra, onde repousávamos sossegadas há tanto tempo, que já havíamos perdido a lembrança da nossa origem. Ele agarrou-nos, minha irmã, com o mesmo ferro sob o qual gemeis e, além disso, joga-nos em fornalhas ardentes, onde o sangue se nos carboniza e se transforma em vapores; onde os nossos ossos, primeiramente calcinados, fundem-se depois, debaixo de um sopro infernal...

Era assim que duas pedras informes e escuras proferiam suas queixas no seio uma da outra.

Mas, algum tempo depois, encontraram-se elas reunidas sobre a cabeça do “rei”, que maldisseram, sobre a fronte do deus contra quem blasfemaram. Encontraram-se, uma sob a forma de um círculo de ouro cintilante, outra sob a de um diamante de onde irradiavam mil chispas. E todos as admiravam.

Então, um tanto embaraçadas, disseram:

– Quão loucas éramos nós, minha irmã, quando lastimávamos a nossa sorte; em lugar de grosseiros pedaços de matéria tosca, que éramos, passamos por todos os graus da perfeição e resplandecemos hoje, com vivíssimo brilho, na fronte do nosso senhor, que nos uniu à sua glória!”

\* \* \*

Se lançardes um olhar sobre o que precede, compreenderéis a idéia que guiou o autor nessa “análise das coisas”, cujos elementos procuraremos reunir em um curto resumo sintético.

Como em uma espécie de visão rápida, o autor quis, primeiramente, dar uma idéia do conjunto do Cosmos, no começo de um ciclo; depois, mostrar a constituição do círculo cósmico, no qual um círculo concêntrico análogo, o homem, se encontra encerrado como um núcleo em uma célula. Não podendo lançar mão temerária às profundezas do macrocosmo, o autor apenas arriscou uma tímida comparação entre este último e o homem,

esse microcosmo, cuja natureza estudou com mais minúcias e mais possibilidades.

Por derradeiro, o autor esforçou-se por mostrar que o homem se compõe de um princípio imediatamente perecível – a matéria – que não é realmente *ele*, e de um princípio superior – a inteligência – que é o seu *eu* real e sobrevivente à matéria, a qual opera por meio de um terceiro princípio – a energia – que também não é *ele*, senão a matéria. E eis por que, quando a morte, que é a separação desses três princípios fundamentais, ocorre, se efetua em dois períodos primitivos: 1º) a fase intelectual; 2º) a fase anímica; a elas poderíamos adicionar a fase material, isto é, a transformação completa da matéria, se esta não ficasse, logo após a partida do Espírito, tão indiferente a este último.

O que distingue a teoria esboçada nesta obra das teorias animistas anteriores é que ela apresenta o homem como um *todo* composto de inúmeras partes semi-autônomas. Cada uma das células do corpo humano tem sua matéria (corpo), sua energia (alma) e seu rudimento de inteligência própria (espírito). Mas, estão ligadas ao destino do corpo inteiro (necessidade) e o homem razoável interessa-se por seu bom funcionamento (providência, *providere*). O conjunto das células constitui o homem, modelo reduzido do Universo.

Notemos, de passagem, que a energia tanto melhor opera na matéria, quanto mais delicadas, mais instáveis, mais afastadas, em suma, do estado mineral são as combinações em que ela *se organiza*. E que, de outra parte, o Espírito opera sobre a energia quando esta *se animiza*, isto é, quando mais se aproxima de um estado vizinho do seu.

Em outros termos, a vida, tal como a observamos, mostra-se no ponto de convergência de três princípios; ou, se preferirdes: o Espírito *animizou* a energia e *organizou* a matéria, para fazer agir uma sobre outra e dar vida ao Ser.

\* \* \*

Vou terminar, com a consciência de não ter feito um trabalho completamente inútil. Sei, em todo caso, que ele não será perdido para todo o mundo.

*O homem é a execução de uma lei.* Sua existência é uma sucessão de tarefas; a minha, por esta vez, está cumprida.

A vida foi-nos dada como um quadro a desenhar.

Esse quadro cerca um espaço maior ou menor; podemos, agindo na medida da liberdade que a necessidade concede à nossa vontade, deixá-la em branco pela futilidade dos nossos atos. Podemos, ainda, produzir um quadro horroroso, mau, ou somente medíocre, como podemos imprimir-lhe uma pintura alegre ou uma obra-prima de graça e beleza, que as gerações futuras não de admirar, associando-lhe nosso nome por longa série de anos.

O autor julgar-se-á feliz se o canto do quadro que ele enche com o presente trabalho estiver à altura da intenção que o inspirou.

\* \* \*

No momento de lançar os olhos pelas últimas linhas destas páginas, que talvez lhe tenham despertado algum interesse, rogo ao leitor acreditar que, escrevendo-as, só fui guiado pelo sentimento de tornar-me útil.

Não sei se as teorias que emiti, e que não pousam diretamente sobre a experimentação, serão verificadas. Isso, porém, não importa! Servirão, talvez, para a origem de outras melhores.

Não importa quanto àquilo que me diz respeito; porque, assim como eu me pronunciava o ano passado, em Havana, depois de muitos meses de estudo sobre a febre amarela,<sup>36</sup> com esses mesmos pensamentos, nos quais espero sempre inspirar-me, quero agora concluir:

O sábio, que procura a verdade por si e para o bem geral, contempla as coisas do Alto. Aplica-se a reduzi-las às suas verdadeiras proporções, considerando a imensidão do Tempo e do Espaço.

Com indiferença, ele assiste à ruína de suas próprias teorias, quando fica demonstrado que elas não poderiam conduzir ao caminho da verdade, e é sem despeito que ele cede o lugar a outras melhores.

Medindo o valor das reputações pelos vestígios do bem deixados, ele não trabalha por uma celebridade vã; porque não pode ignorar que as mais brilhantes glórias desaparecem esquecidas e sem nome no Oceano dos Tempos, como é lei do destino.

Sente, sabe enfim, que não passa de uma das células solidárias desta grande personalidade coletiva que se chama Humanidade; e é por ela que luta e sofre, se for preciso, sem preocupação de recompensa.

## FIM

### Notas:

---

- <sup>1</sup> *O Espiritismo (faquirismo ocidental).*
- <sup>2</sup> Este livro foi escrito em 1890, época em que não se conhecia a desintegração atômica. (Nota da editora.)
- <sup>3</sup> Se a Lua caísse sobre a Terra (da qual aquela se aproxima insensivelmente) o calor desenvolvido pelo choque formidável que resultaria desse encontro seria mais que suficiente para realizar a fusão dos dois astros e produzir uma estrela, que brilharia, durante algum tempo, com fulgor desusado para os habitantes dos planetas de nosso sistema, se existissem alguns para observar “esse sinal do céu”.
- <sup>4</sup> *Cours de physiologie, d’après l’enseignement du professeur Küss, par le Dr. Mathias-Duval.*
- <sup>5</sup> Enrique José Varona – *Conferências filosóficas. Psicologia.* Havana, 1888.
- <sup>6</sup> E. Jouffret, op. cit.
- <sup>7</sup> Sem dúvida, conforme esta definição de “Deus” tirada de um texto sânscrito: “O que ele é, só Ele o sabe e talvez não o saiba Ele.”
- <sup>8</sup> Procedendo a Terra donde se sabe, pode dizer-se que sob mais de um ponto de vista somos os filhos do Sol. Os incas e outros povos, que se intitulavam filhos desse astro, receberam, talvez,

---

em alguma época, de maneira simbólica, o conhecimento dessas noções.

- <sup>9</sup> “Quando tratares de um assunto, não deves esgotá-lo; basta fazer pensar.” – Montesquieu.
- <sup>10</sup> Haveria um interessante estudo a fazer-se sobre esse assunto: muitos indivíduos, em consequência de certas disposições psíquicas viciosas, cometem o mal “por palavras ou atos”, sem móvel raciocinado, sem inveja e sem interesse, mas como por impulsão. Chamo a isto *cacomania* (mania do mal). O campônês que votava o ostracismo de Aristides, porque estava aborrecido há longos anos de ouvir cognominar este último o *Justo*, era um cacômano.
- <sup>11</sup> *O Espiritismo (faquirismo ocidental)*. (N.T.)
- <sup>12</sup> “Como é que nos não recordamos de nossas vidas anteriores?”, perguntaram um dia a Pitágoras. Alguns se recordam, respondeu ele; e contava o que tinha sido em muitas vidas precedentes. A essa objeção podia-se responder que, no caso de haver-mos vivido muitas vezes, não deveria surpreender-nos o fato de não guardarmos lembrança alguma, porquanto dificilmente nos lembramos de fatos pouco importantes da existência presente, depois de muito pouco tempo, e porque, finalmente, não nos recordamos absolutamente do que fizemos, vimos ou ouvimos no estado de sonambulismo, e isto passados poucos minutos. Pode-se acrescentar que o estado sonambúlico, principalmente quando lúcido, é um estado superior, por certos lados, ao estado ordinário, e que, entrando de novo no estado *comaterial*, quando “descemos” à matéria, bebemos água de Letes, segundo a linguagem simbólica dos antigos. Mas isto não é uma razão: a melhor explicação ensinada por Pitágoras é ser *uma lei* que a nossa ignorância da existência não nos impede de existir.
- <sup>13</sup> Baréty, *Magnetismo animal*, Paris, 1887.
- <sup>14</sup> Convido a quem duvidar da possibilidade da transmissão do pensamento, a ler o livro do Dr. Ochorowicz: *Sugestão mental*.



---

<sup>15</sup> “Senhor, não temos necessidade desta hipótese”, respondeu ele a Napoleão, quando lhe perguntava que papel atribuía a Deus.

<sup>16</sup> E. Jouffret. Loc. cit.

<sup>17</sup> *L'Éclaireur du Berry*, que é publicado em Issoudua (Indre), número de 28 de abril de 1887.

<sup>18</sup> Quando digo *vista é percepção* que pretendo exprimir. Um dos meus indivíduos (*sujets*) que está a meu lado, no momento em que escrevo estas linhas, analisando o fenômeno (ensinei-lhe a lembrar, o que interessa muito às minhas experiências), diz-me: “Quando leio com a parte superior da cabeça, há um como clarão vermelho de fogo claro que ilumina as coisas sem lhes alterar a cor. Vejo-vos claramente com a minha frente ou com a parte anterior do alto da minha pessoa. Vossos olhos me parecem de fogo. Quando leio com as mãos, o clarão é menos vermelho...” Muito há a dizer-se somente sobre a análise desse fenômeno magnífico, que me revelou muitas outras coisas interessantes.

<sup>19</sup> No momento em que corrijo as provas deste capítulo, recebo a carta seguinte, dirigida pelo meu amigo o Dr. Van Schaick, professor adjunto na *Postgraduate medical School* de New York:

“228 West 34th. St.

New York, 20 de julho de 1889.

Meu caro colega:

É com o maior prazer que vos envio, se bem que não mantenhas pedido, esta descrição da experiência que tivestes a bondade de me deixar ver ontem.

Adormeceste uma moça de dezoito anos mais ou menos, depois do que verifiquei estarem seus globos oculares voltados na direção da linha mediana e para cima, num estado muito exagerado de estrabismo convergente, temporário.

Em seguida pusestes-lhe sobre as pálpebras fechadas chumaços de algodão muito espesso, e sobre estes, por acréscimo de precaução, colocastes um pano dobrado muitas vezes. A

---

venda, segundo estou persuadido, impedia em absoluto a moça de ver de qualquer modo normal.

Depois, escolhi um livro entre os numerosos exemplares que atulhavam a vossa mesa e a biblioteca, pegando propositadamente em um livro de formato e capa semelhante à maior parte dos outros.

Coloquei esse livro sobre a cabeça da moça, que, após alguns instantes de hesitação, leu perfeitamente o título da obra, segundo meu desejo expresso.

A experiência continuou com um jornal que apanhei entre os que ali estavam, e obtive pleno êxito.

Esquecia-me de dizer que essas experiências foram repetidas muitas vezes com outros livros e jornais, na mesma sessão.

Durante as experiências, permaneci sentado junto da moça, e estou convencido de que é impossível tomar conhecimento do que ela leu por outro meio a não ser a intervenção de uma faculdade que, antes, eu não conhecia, e cujo efeito verifiquei então.

Se esta carta puder ser-vos de alguma utilidade, tendes ampla e inteira permissão para empregá-la como julgardes mais conveniente.

Aceitai, caro Doutor, a segurança da minha sincera amizade.

*George G. Van Schaick M. D.*”

<sup>20</sup> Albert de Rochas, *Op. cit.*, Masson, édit. Paris.

<sup>21</sup> De Rochas (*op. cit.*) diz no fim de seu livro: “Depois de haver estabelecido, com o auxílio de fenômenos verificados por mim mesmo ou admitidos por todo o mundo a existência no corpo humano de uma força análoga à eletricidade e podendo irradiar no exterior, segui, apoiado em testemunhos históricos, as manifestações cada vez mais poderosas dessa força, mostrando que havia entre elas um laço contínuo e que elas serviam, às vezes, para *pôr-nos em comunicação com seres cuja natureza ignoramos.*” (destaquei as últimas palavras, que não o estão no texto.)

- 
- <sup>22</sup> *O Espiritismo (faquirismo ocidental)*.
- <sup>23</sup> V. tradução francesa, t. XIX, *des Notices et Extraits des Manuscrits*; V. também de Rochas, op. cit.
- <sup>24</sup> V. também *Le Temps*, nº de 31 de outubro de 1885.
- <sup>25</sup> Do grego *thanatos* (morte) + *eidos* (forma) + *ia*. Estado parecido com a da morte. A *letargia* e a *catalepsia* têm o mesmo princípio, que é a perda momentânea da sensibilidade e do movimento, por uma causa fisiológica ainda inexplicada. A palavra *letargia* não significa morte aparente, como se supõe geralmente, mas sono profundo, patológico.
- <sup>26</sup> *Pensées*, ch. X.
- <sup>27</sup> Tenho em meu poder peças irrefutáveis e poderia em uma edição próxima citar nomes conhecidos, se fosse obrigado a isso. Ademais, a história vai correndo por toda a Inglaterra e pela Escócia.
- <sup>28</sup> A experiência realizou-se em minha casa, como eu já disse. O “quarto espectador” era uma pessoa que deseja conservar o incógnito.
- <sup>29</sup> Por que debaixo da mesa? hão de perguntar. Resposta: a luz intensa e a irradiação do olhar prejudicam a produção dos fenômenos quando a força anímica é fracamente exteriorizável (Vede meu trabalho precedente, *O Espiritismo*).
- <sup>30</sup> *Researches in the phenomena of spiritualism*, traduzida em português sob o título *Fatos Espíritos*, pela editora FEB.
- <sup>31</sup> *Des singularités de la Nature*.
- <sup>32</sup> Processo descrito pelo autor em uma comunicação à Academia de Medicina de Paris, 1888.
- <sup>33</sup> É o que já se vai produzindo: sem falar da Europa, vemos muitos exemplos desses na América. Vede no *New York Herald*, de 25 de abril de 1889, um artigo intitulado *The Self-Confessed Heretic*.
- <sup>34</sup> Como o padre Roca, cônego honorário, que foi logo suspenso.
- <sup>35</sup> *By education most have been misled;  
So we believe because so we were bred,*

---

*The priest continues what the nurse began,  
And thus the boy imposes on the man.*

<sup>36</sup> Conferência aos médicos de Havana, junho de 1888.